

# Memórias do Mar

Biodiversidade, conservação e cultura no Litoral brasileiro

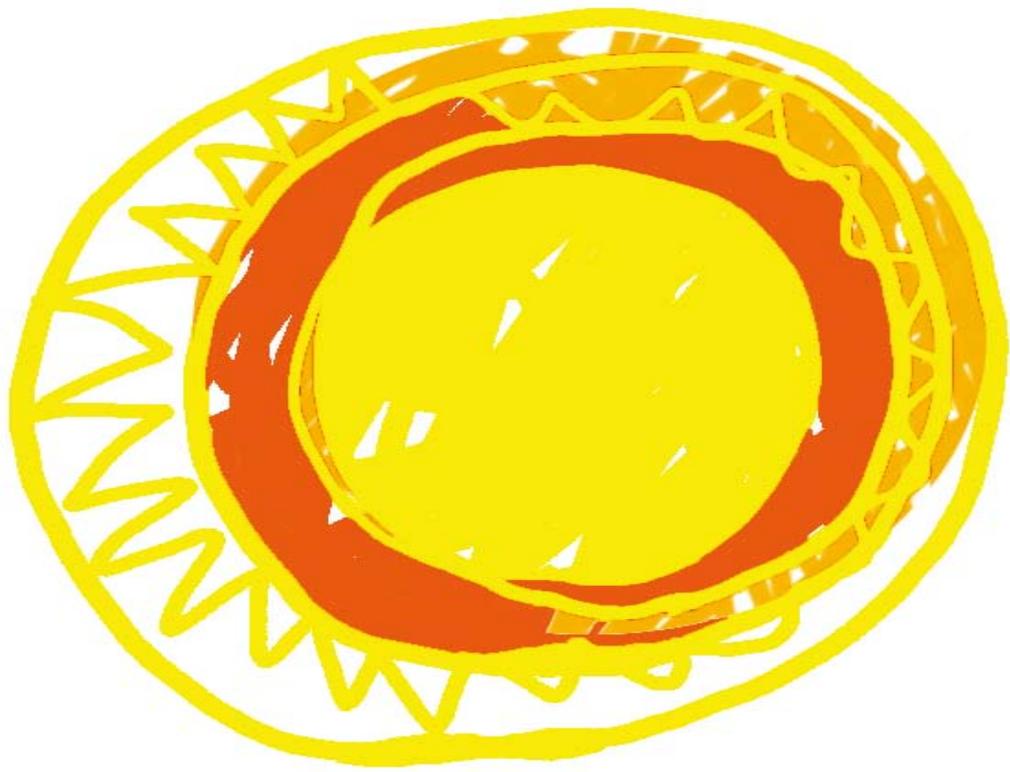


PETROBRAS



# **Memórias do Mar**

Biodiversidade, Conservação e Cultura no Litoral Brasileiro



# Memórias do Mar

Biodiversidade, Conservação e Cultura no Litoral Brasileiro

Realização



Patrocínio



Apoio



Leopoldo Cavaleri Gerhardinger  
Maíra Borgonha  
Áthila Andrade Bertoncini  
Editores



© 2010 Leopoldo Cavaleri Gerhardinger, Maíra Borgonha e Áthila Andrade Bertoncini (Editores)

Todos os direitos reservados aos autores. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo, ou em parte, constitui violação de direitos autorais.

Memórias do Mar: Biodiversidade, Conservação e Cultura no Litoral Brasileiro

Preparação de originais  
Leopoldo Cavaleri Gerhardinger, Maíra Borgonha

Revisão  
Nira Pomar, Maíra Borgonha

Projeto Gráfico e Diagramação  
Áthila Andrade Bertoncini, Maíra Borgonha

Edição de Imagem  
Áthila Andrade Bertoncini, Maíra Borgonha

Capa  
Vânia Medeiros, Athila Andrade Bertoncini

Impressão  
Nova Letra Gráfica e Editora

M533 Memória do mar : biodiversidade, conservação e cultura no litoral brasileiro / Leopoldo Cavaleri Gerhardinger, Maíra Borgonha, Áthila Andrade Bertoncini, editores. – Florianópolis: Ecomares, 2010. 164p.

Inclui bibliografia

1. Diversidade biológica – Conservação – Brasil. 2. Cultura. 3. Recursos marinhos. 4. Pesca. 5. Pescadores – Brasil – Narrativas pessoais. 6. Memórias. I. Gerhardinger, Leopoldo Cavaleri. II. Borgonha, Maíra. III. Bertoncini, Áthila Andrade.

CDU: 577.4(81)

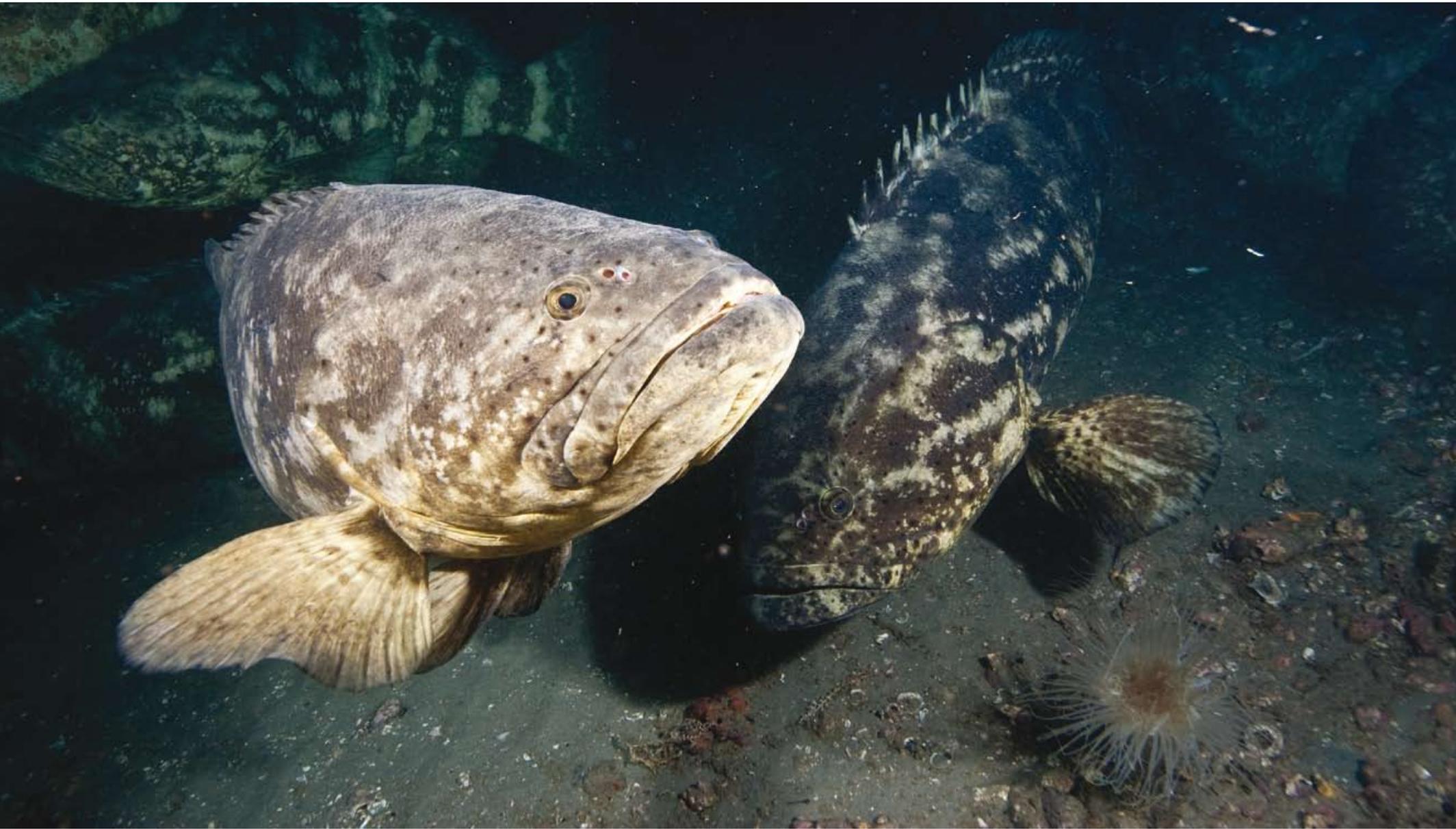
Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

ISBN 978-85-63631-00-8

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à ECOMARES





A Petrobras entrou em uma nova fase da sua história, marcada pela descoberta do pré-sal, perspectivas de grandes investimentos, crescimento e desafios tecnológicos para o futuro. Esse crescimento virá aliado ao desenvolvimento social e proteção ambiental, um compromisso histórico da Companhia e expresso em sua estratégia corporativa. Esse compromisso se traduz na gestão com responsabilidade social e ambiental que abrange todos os aspectos do seu negócio.

Na área ambiental, a Petrobras adota um sistema de gestão que visa à melhoria contínua da eficiência de suas operações e produtos, incluindo medidas voltadas para a busca da eficiência energética, gestão de recursos hídricos, redução da geração de resíduos e gestão dos impactos à biodiversidade entre outros, além de investimentos em biocombustíveis e fontes alternativas de energia. O Programa apoia projetos de conservação e educação ambiental em todo o país, relacionados aos temas Água e Clima.

A Rede Meros do Brasil está entre as iniciativas patrocinadas pela Companhia e, sem dúvidas, possui muitos resultados positivos. Além da conservação marinha, o Meros desenvolve ações para valorizar o conhecimento ecológico de pescadores. Através da educação ambiental, está sendo possível também sensibilizar a sociedade brasileira quanto a importância da conservação dos ambientes marinhos e costeiros e sua biodiversidade.

Nestes últimos anos, acompanhamos a trajetória deste projeto que valoriza a cultura local, percebemos que o conhecimento e aprendizagem adquiridos por todos os parceiros desta Rede resultaram na inspiração deste livro. O “Memórias do Mar: Biodiversidade, Conservação e Cultura no litoral Brasileiro” conta as experiências, casos e narrativas sobre a vivência dos pescadores, ambientalistas e outros apaixonados pelo mar na sua relação com o ambiente marinho. Além disso, esta publicação ajuda a resgatar o folclore e manter viva as tradições das comunidades pesqueiras.

A Petrobras sente-se honrada em participar desta iniciativa, colaborando pela melhoria das condições de vida desses cidadãos através da criação de oportunidades de trabalho, além de contribuir pela conservação do meio ambiente e da cultura local.

José Sergio Gabrielli de Azevedo  
Presidente da PETROBRAS

# Sumário

Dedicatória	12
Prefácio	13
Apresentação	18
A manutenção da biodiversidade e o conhecimento tradicional	21

## parte 1 - REDE MEROS DO BRASIL 28

Unidos pela mesma ciranda: A Rede Meros do Brasil	29
Programa Memórias do Mar: Conservação, Biodiversidade e Cultura no Litoral Brasileiro	30
<i>São Francisco do Sul - Santa Catarina</i>	33
<i>Cananeia-Iguape - São Paulo</i>	37
<i>Conceição da Barra - Espírito Santo</i>	43
<i>Caravelas - Bahia</i>	49
<i>Tamandaré - Pernambuco</i>	53
Aprendendo a cuidar do mar com os Meros do Brasil	57

Poesias 59  
**Entrecapítulos 1**

## parte 2 - O MERO 62

A vida do mero	64
Vida de pescador (parte 1)	71

**Entrecapítulos 2**

## parte 3 - ÁREAS MARINHAS PROTEGIDAS 78

Reservas Extrativistas Marinhas	79
Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé	81
A vida do Berbigão	83
Reserva Extrativista do Cassurubá	85
Reserva Biológica Marinha do Arvoredo	87
Reserva de Fauna Baía da Babitonga	89

Vida de pescador (parte 2) 91  
**Entrecapítulos 3**

## **parte 4 - LUTAS E CONQUISTAS 98**

Arrasto de praia em territórios litorâneos urbanos: entre declínios e resistências 99  
Mapeamento dos conflitos sócio-ambientais e carcinicultura na Bahia 101  
Rede Mangue Mar Brasil 102  
Mulher-pescadora e mulher de pescador: a presença da mulher na pesca artesanal 104  
Arte e conservação 108  
Abordagens participativas em processos de relacionamento entre empresas e comunidades pesqueiras 111

Especialistas respondem 113  
**Entrecapítulos 4**

## **parte 5 - INTEGRANDO O CONHECIMENTO 118**

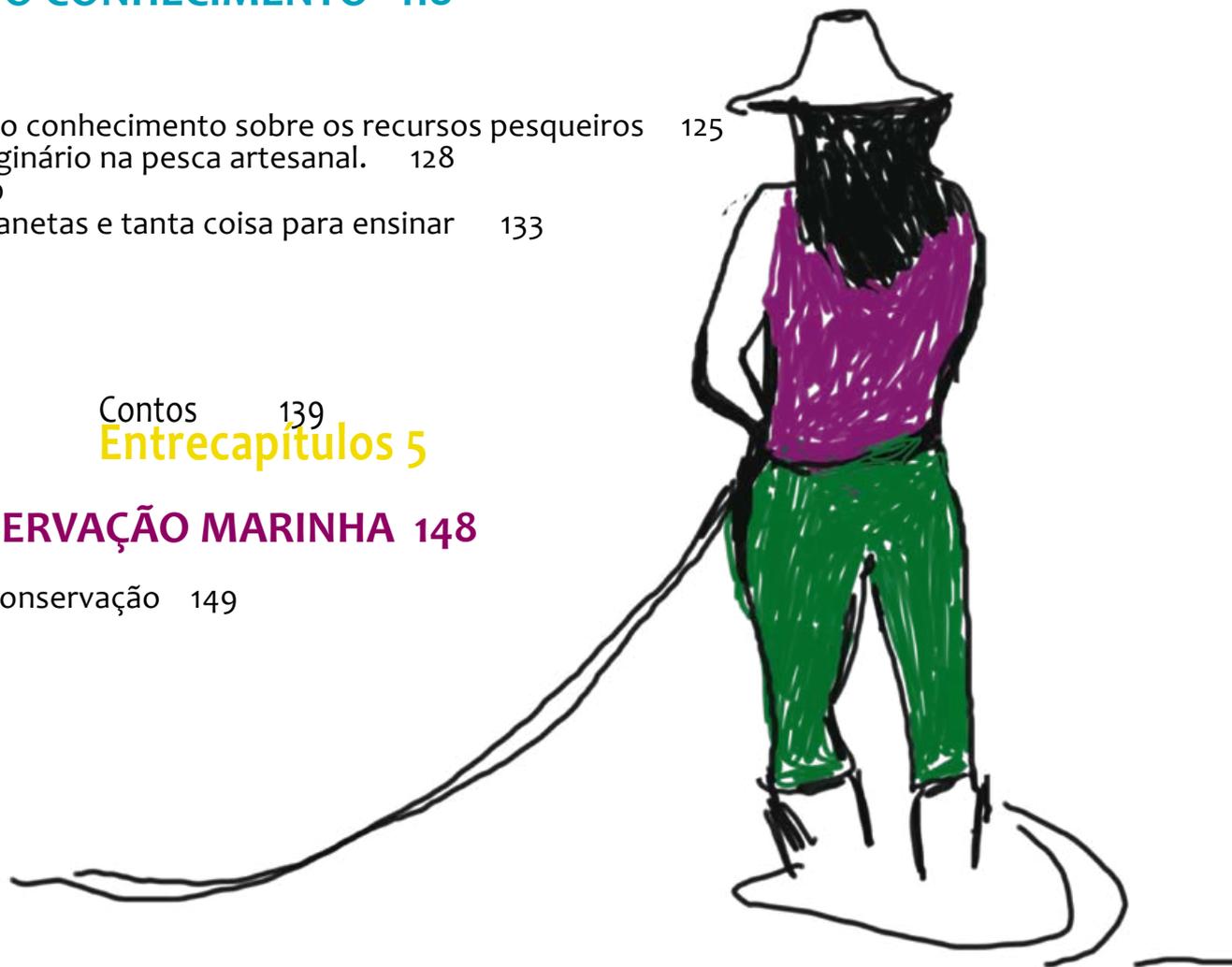
Na busca da “Ciência do Outro” 119  
Bailado no horizonte 122  
Pontos de Referências Dinâmicos no conhecimento sobre os recursos pesqueiros 125  
Um mundo dentro do outro. O imaginário na pesca artesanal. 128  
Como os meninos navegam 130  
Entre céu e mar: os mistérios, os planetas e tanta coisa para ensinar 133  
Olhos para (amar) o mar 136

Contos 139  
**Entrecapítulos 5**

## **parte 6 - MÚSICA E CONSERVAÇÃO MARINHA 148**

Memórias do Mar: música, cultura e conservação 149

Créditos 153  
Para recortar e montar 153  
Agradecimentos 160  
Autores e colaboradores 161







dedicamos esse livro a todos aqueles que, através de suas vidas, esforços e saberes, amam o mar

# Prefácio

José Matarezi

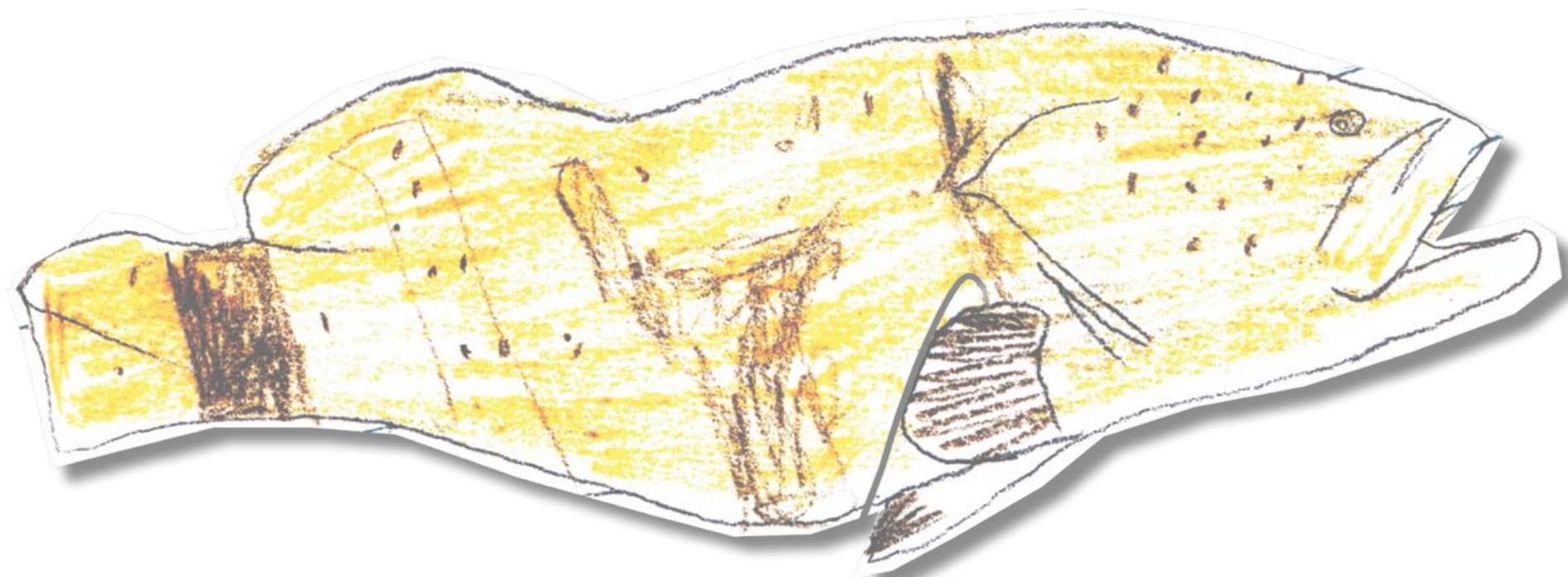
Onde e quando a natureza e a cultura se reconhecem?

O universo que compõe o “Memórias do Mar” é o resultado do trabalho e criação envolvendo muitas pessoas que têm sua identidade construída e relacionada com a conservação das diversidades biológica e cultural do litoral brasileiro. Um desses raros momentos em que natureza e cultura são reconhecidas como unidade, na qual as pessoas podem se “Redescobrir”<sup>1</sup> na natureza do lugar. Comunidade, que religa histórias para serem contadas e lembradas “como se fora uma brincadeira de roda. Memórias!”

Memórias do mar, das pessoas e dos lugares... Encontradas, redescobertas, garimpadas, lapidadas, ilustradas, musicadas, pintadas, desenhadas, escritas, faladas, imaginadas, sonhadas, fotografadas, criadas, publicadas, encantadas, sagradas, respeitadas... “Jogo do trabalho na dança das mãos. Macias!” Um trabalho de tessitura artesanal feito com muitas mãos! Nos ritmos dessa dança, entre ser humano e natureza, revelam-se diferentes pessoas e lugares cada qual com seus tempos, seus espaços e, portanto, suas histórias de vida.

Para se encontrar e se encan-

tar com as histórias do mar e de sua gente é preciso realizar uma escuta sensível, um olhar e um observar que permitam tocar as essências das pessoas, dos seres e dos lugares em que vivem. Sem esse exercício de sensibilidade e emoção, para além da razão, é impossível perceber toda a riqueza e beleza que nos identificam com o mar. Um exercício em que sobrevivência e transcendência se confundem. Trabalho que exige muita disposição para olhar, perceber e entender para além do que os olhos enxergam e, assim, ver e sentir com a alma e com o corpo. “Suor dos corpos na canção da vida, Histórias! O suor da vida no



calor de irmãos, Magia!”

“Memórias do Mar” é um reaprender a conviver, a transcender e a se religar com esta natureza e cultura próprias do litoral brasileiro. Encontrar os sentidos e as conexões ocultas que nos integram ao lugar de onde vivemos; a nossa ancestralidade marítima. Minha trajetória pessoal e nossas trajetórias coletivas. Meus sonhos compartilhados e as nossas utopias concretizáveis. Desenvolver a capacidade rara de “escuta mediativa do mundo”<sup>2</sup>. Caminhar com os “pés descalços”<sup>3</sup> e provocar descobertas. Temos que incorporar determinados princípios, estar e se sentir presente, manifestar paixões e amores. “Como um animal que sabe da floresta, Memórias!” Como um pescador que sabe do mar, de mãos calejadas e marcadas pelo tempo vivido, tempo em que algo especial acontece em nossas vidas. Tempo de Kairos que valoriza a experiência do momento oportuno, que é indeterminado e não pelo tempo de Khronos, que é cronologicamente marcado pela pressa e correria impostas pela cultura da aceleração. Que confronta com os tempos da natureza, do mar.

Estamos sempre lidando com as manifestações da vida, mediadas pelas noções de tempo e espaço, cujas representações e significados podem

ser bem diferentes de lugar para lugar, pessoa para pessoa. “Redescobrir o sal que está na própria pele, Macia!” É se autoconhecer na natureza e na cultura local, reconhecendo Kairos e respeitando os ritmos e movimentos da vida conectada ao mar. Valorizar os saberes e sabores da vida cotidiana cheias de sentidos que nos fazem despertar para a vida aqui e agora. “Redescobrir o doce no lamber das línguas, Macias!” Reeducar nossos sentidos para não perdermos a riqueza do que está à nossa volta. “Redescobrir o gosto e o sabor da festa, Magia!” São estas emoções, presenças, lugares e espaços, movimentos e corpos em que se manifestam os sentidos desta natureza e cultura registrada em nossas memórias.

“Festejar é preciso!”, pois, nas comunidades tradicionais, há um claro vínculo das pessoas ao lugar onde vivem, com seus lares, casas e espaços de convívio social onde o sentido de comunidade é vivo e está relacionado ao bairro, à cidade e, em especial às “festas”. “Vai o bicho homem fruto da semente, Memórias!” Nestas festas e celebrações da vida, os rituais funcionam como processos de inclusão e integração entre as pessoas e destas com o lugar onde vivem. Possibilita-nos “renascer da própria força, própria luz e fé, Memórias!”

Vivenciamos tempos de intensa e acelerada destruição da diversidade biológica, assim como da diversidade cultural. “Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, História!”

Grande parte da população mundial se concentra nas áreas costeiras e litorâneas. Grandes desafios se impõem num horizonte de curto espaço/tempo. Uma ampla tomada de consciência sobre nossa responsabilidade, solidariedade e compromisso com as gerações futuras está em processo de expansão.

“Somos a semente, ato, mente e voz, Magia!” Muitas comunidades tradicionais, a exemplo dos índios Kayapós, denominam muitas plantas como ômbiqwa-ô-toro, que significa “plantas amigas” ou “plantas que crescem juntas”. Para Campos<sup>4</sup> “...eles [os Kayapós] estão conscientes de que algumas espécies se desenvolvem com maior vigor quando plantadas em conjunto com outras variedades. A policultura Kayapó sugere perguntarmos se, em caso de urgência e recurso aos bancos genéticos, suas sementes e brotos reconhecerão suas ômbiqwa-ô-toro no reencontro da natureza”. E quanto aos povos do mar? Reconheceram-se como irmãos na diferença? Identificam-se nas memórias coletivas? Como ter acesso a esse patrimônio cultural?

Outro dia aprendi, na conversa com amigos, que com o tempo a nossa memória fica cada vez mais seletiva, ou seja, guarda apenas o que realmente é essencial e importante para a vida e a nossa existência. Assim como nós, o mar também tem suas histórias. Mas onde será que ele as guarda? Onde estão as histórias do Mar? O que elas nos contam, revelam e por que nos encantam? Este livro assume assim a missão de “guardião das memórias” de algumas destas encantadoras e maravilhosas histórias do mar e dos povos que vivem do mar! Portanto, de enorme valor afetivo e imaterial.

“Não tenha medo, meu menino povo, Memórias!” Uma forma de ampliarmos nossa identidade no reconhecimento de nossas diferenças e singularidades dando voz e vez aos povos do mar. Valorizando e tornando visíveis suas memórias. “Tudo principia na própria pessoa, Beleza!” Gente de grande valor, mas que sofre as consequências de uma sociedade moderna que exclui, separa, isola e menospreza saberes e sabores tradicionais e locais.

“Vai como a criança que não teme o tempo, Mistério!” E assim aprende a ouvir e contar histórias, mantendo os ritmos e movimentos que animam a vida com o Mar. “Amor se fazer é tão prazer que é como fosse dor, Magia!” Eis que a Memória surge como referência e projeto de vida comum. Como projeção de sonhos e utopias concretizáveis. Como um futuro possível<sup>5</sup> pois funciona como fonte reflexiva de saberes e significados que nos dão os sentidos e rumos a seguir. “Como se fora uma brincadeira de roda. Memórias!” Que brincadeira de roda mais gostosa, que nos faz mais gente e mais vivo nesse mar sem fim. Uma grande celebração! Viva as Memórias e os Mistérios do Mar! “Jogo do trabalho na dança das mãos, Macias! O suor dos corpos na canção da vida, Histórias!” Um presente para a atual e as futuras gerações. Uma dádiva de todas as pessoas que deram sua contribuição na tessitura deste livro chamado Memórias do Mar! “O suor da vida no calor de irmãos, Magia!”

<sup>1</sup>Referência à música “Redescobrir” composta por Luiz Gonzaga Jr., e que inspirou a composição deste texto.

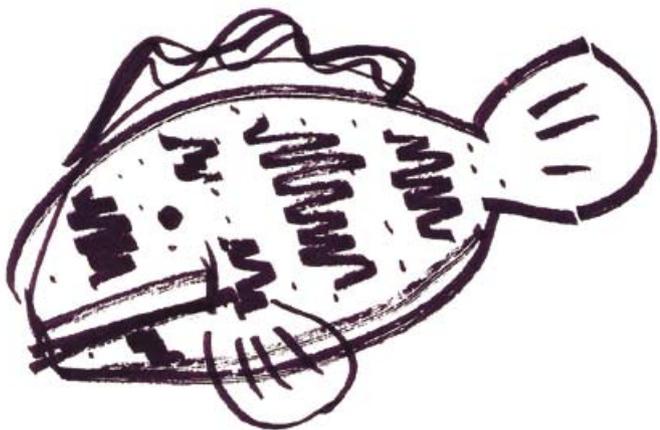
<sup>2</sup>Referência ao texto Repensando a educação para o ecodesenvolvimento, de Paulo Freire Vieira, do livro Ecologia humana, ética e educação: a mensagem de Pierre Dansereau (1999, p.625).

<sup>3</sup>Alusão ao famoso artigo/discurso O cientista de pés descalços, de Pierre Dansereau, 1963 [In: Vieira, P. F.; Ribeiro, M. A. (Org.). Ecologia humana, ética e educação: a mensagem de Pierre Dansereau. Florianópolis: APED, 1999. p. 493-509].

<sup>4</sup>Campos, M. D. Fazer o Tempo e o ‘Fazer do Tempo’: ritmos em concorrência entre o ser humano e a natureza. Ciência & Ambiente, Santa Maria, v. 8, p. 7-33, 1994.

<sup>5</sup>No sentido dado por: Brandão, Carlos Rodrigues. Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. 2.ed. Brasília: MMA, 2005. 181p.





# Apresentação

A todas as pessoas vindas de comunidades litorâneas, de comunidades científicas, de comunidades artísticas, apreciadores da vida subaquática e ecologistas por natureza... O resultado do material que está em suas mãos é uma celebração da vida dos 'Povos do Mar' brasileiros!

Cada ideia vertida em palavra, imagem e música que aqui se apresenta é impulsionada por alguma forte emoção. Onde os mais de 60 colaboradores da obra - imersos na paixão pelo anil sublime do mar, pelo vigor da vida que surge nos manguezais ou pela explosão de cores e grandiosa sincronia de espécies que sustentam os recifes de coral – contribuiu com seu olhar sobre a temática que nos propomos a apresentar: Biodiversidade, Conservação e Cultura no Litoral Brasileiro.

E é por conter paixão – energia que nos movimenta – que o teor do livro e das canções é dinâmico. Segue carregado de admiração pelo diálogo de saberes, pela arte, pela vida. Mas, acima de tudo, traz a denúncia, a 'PRÉ-ocupação' com a erosão da diversidade cultural humana e biológica marinha e a 'ocupação' daqueles que fazem da sua paixão pelo mar um ofício.

Na lida, na pesquisa, na conservação, na arte, no prazer e no espírito, a proposta é que o leitor se deixe navegar pelos sentidos e verifique por si mesmo a hipótese maior desta obra:

“Vivemos o mar e ele em nós”



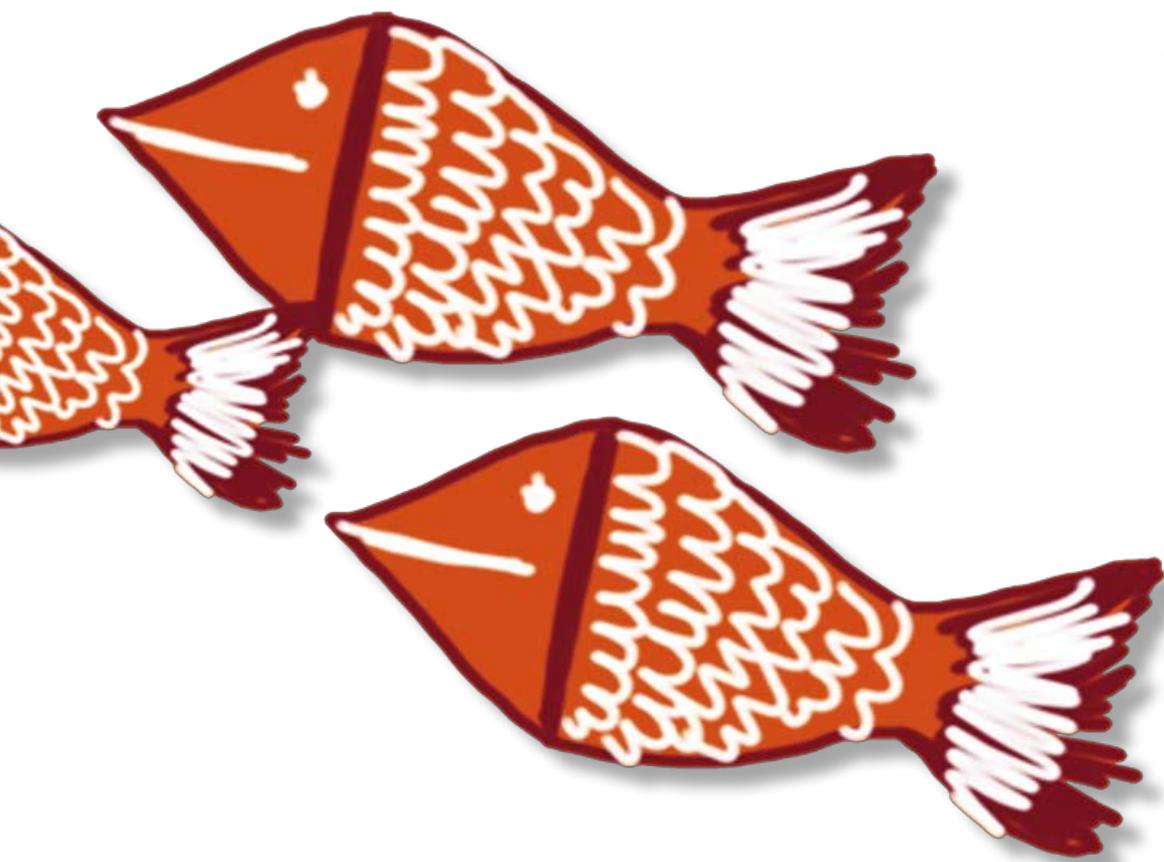
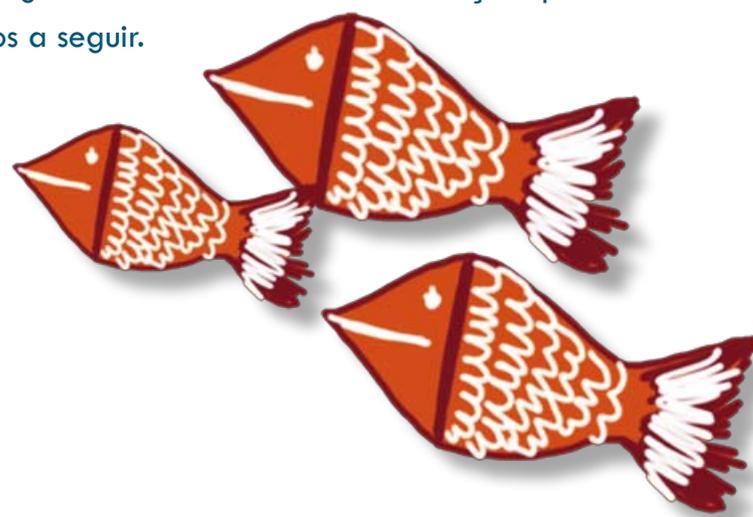


# A MANUTENÇÃO DA BIODIVERSIDADE E O CONHECIMENTO TRADICIONAL

No bojo do processo vigente de homogeneização dos mercados e das culturas, é preciso estimular um debate consistente, transparente e construtivo sobre os princípios e valores da convivência integrada entre as diversas sociedades e o ambiente marinho. A economia global hoje avança sobre os povos que há muitas gerações se relacionam com o mar em sua atividade produtiva. Os pescadores do litoral brasileiro vêm assim, sistematicamente, tendo sua identidade cultural erodida por sistemas de valores e padrões de consumo externos. Há também um crescente corpo de evidências hoje acumulado por cientistas e lideranças comunitárias em todo o país, mostrando que em grande parte das vezes, tais valores trazem a tragédia do colapso cultural e dos recursos naturais concomitantemente. Assim, a saúde de uma **cultura marítima** e dos

**recursos do mar** são interdependentes.

Nos cenários mundial e brasileiro, muito se tem debatido sobre as medidas de manutenção, respeito, valorização e inserção do conhecimento tradicional na defesa e conservação dos recursos naturais. Os frutos de algumas dessas discussões e resoluções podem ser vistos a seguir.



## Convenção da Diversidade Biológica

A Convenção da Diversidade Biológica (CDB) - [www.cdb.gov.br/CDB](http://www.cdb.gov.br/CDB) - é um acordo planetário pela manutenção da diversidade de vida na Terra. É um dos principais mecanismos internacionais para traçar uma estratégia mundial de conservação da diversidade biológica, visando a utilização sustentável de seus componentes e a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados do uso dos recursos.

A convenção traz a seguinte definição para Conhecimento Tradicional:

*Conhecimento tradicional refere-se aos conhecimentos, inovações e práticas das comunidades*

*indígenas e locais em todo o planeta. Desenvolvido da experiência acumulada através dos séculos e adaptada à cultura e ambiente local, o conhecimento tradicional é transmitido oralmente de geração a geração. Tende a ser de propriedade coletiva e assume a forma de histórias, músicas, folclore, provérbios, valores culturais, crenças, rituais, leis comunitárias, linguagem local e práticas agrícolas, incluindo o desenvolvimento de espécies de planta e raças animais. Conhecimento tradicional é principalmente de natureza prática, particularmente nos campos da agricultura, pesca, saúde, horticultura e silvicultura.*

Em seu Artigo 8 (i), a convenção pede a todos os países que:

*(...) de acordo com sua legislação nacional, respeitem, preservem e mantenham o conhecimento, as inovações e as práticas das comunidades indígenas e locais que incorporam estilos de vida tradicionais relevantes para a conservação e o uso sustentável da diversidade biológica e que promovam sua aplicação mais ampla com o assentimento e envolvimento dos detentores desses conhecimentos, inovações e práticas e encorajem o compartilhar equitativo dos benefícios resultantes da utilização desses conhecimentos, inovações e práticas.*

## Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais

A Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) foi criada em 1945 como parte da Organização das Nações Uni-

das (ONU), com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo através da cooperação internacional na educação, ciência, cultura e as comunicações.

Durante a Conferência Geral da UNESCO de 2005 em Paris, foi elaborada a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. O Brasil ratificou esta convenção em 2007, assumindo internacionalmente o seu propósito, que é:

*(...) criar neste mundo cada vez mais interconectado, um ambiente que permita que todas as expressões culturais manifestem sua rica diversidade criativa, renovando-se por meio de intercâmbios e de cooperação e tornando-se acessíveis a todos, em benefício de toda a humanidade.*

O texto desta Convenção reconhece explicitamente:

*(...) a importância dos conhecimentos tradicionais como fonte de riqueza material e imaterial, e, em particular, dos sistemas de conhecimento das populações indígenas, e sua contribuição positiva para o desenvolvimento sustentável, assim como a necessidade de assegurar sua adequada proteção e promoção (...)*

*(...) a importância da vitalidade das culturas para todos, incluindo as pessoas que pertencem a minorias e povos indígenas, tal como se manifesta em sua liberdade de criar, difundir e distribuir as suas expressões culturais tradicionais, bem como de ter acesso a elas, de modo a favorecer o seu próprio desenvolvimento (...)*



## Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento - RIO 92 – Rio de Janeiro (Brasil) 1992

A Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento ocorrida no Rio de Janeiro (1992) foi a maior reunião de chefes de Estado já realizada para discutir a problemática ambiental do planeta. A Declaração Rio-92 postula 27 princípios, dentre eles:

*As populações indígenas e suas comunidades e outras comunidades locais desempenham um **papel vital** na gestão e desenvolvimento do ambiente devido aos seus **conhecimentos e práticas tradicionais**. Os Estados deverão reconhecer e apoiar devidamente a sua identidade, cultura e interesses e tornar possível a sua participação efetiva na concretização de um desenvolvimento sustentável (grifos nossos).*

## Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Sustentável – Johannesburgo (África do Sul) 2002

Realizada em 2002 na cidade de Johannesburgo, África do Sul, a Cúpula Mundial Sobre Desenvolvimento Sustentável também conhecida como “Rio+10” foi a terceira conferência mundial promovida pela ONU (após Estocolmo em 1972 e Rio em 1992) para discutir os desafios ambientais do planeta.

O documento final chamado ‘Plano de Implementação’ resultante da Rio+10 faz diversas referências ao conhecimento tradicional e aos sistemas tradicionais de gestão de recursos naturais. No total, estes temas aparecem em 19 parágrafos distintos, incluindo:

*(...) Enaltecer, conforme o caso, as medidas que protegem os sistemas indígenas de gestão de recursos naturais e apoiar a participação de todas as partes interessadas, homens e mulheres, no planejamento do desenvolvimento rural (...).*



*Promover a participação efetiva das comunidades indígenas e locais na tomada de decisões e formulação de políticas relativas ao uso de seus conhecimentos tradicionais (...)*

## **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**

Através desta Declaração originada em 2003, os Estados membros se comprometeram a tomar as medidas apropriadas para difundir amplamente a Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural e fomentar sua aplicação efetiva. Dentre os objetivos, destacamos o seguinte:

*Respeitar e proteger os sistemas de conhecimento tradicionais, especialmente os das populações autóctones; reconhecer a contribuição dos conhecimentos tradicionais para a proteção ambiental e a gestão dos recursos naturais e favorecer as sinergias entre a ciência moderna e os conhecimentos locais.*

## **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial**

Outra convenção da UNESCO ratificada pelo Brasil em 2006 é a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial. Esta convenção foi elaborada durante a conferência geral da UNESCO de 2003 em Paris, e já encontra-se em vigor. A Convenção determina as diretrizes para a salvaguarda do patrimônio imaterial, bem como expressões sociais, culturais e artísticas.

O “patrimônio cultural imaterial” é definido por esta Convenção como:

*(...) a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo e e) técnicas artesanais tradicionais.*



## Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) foi instituído no ano 2000 (Lei Nº 9.985), sendo considerada por muitos um grande passo para a conservação da natureza Brasileira. A Lei oferece a base legal para a criação e funcionamento de um sistema de áreas protegidas representativos dos ambientes presentes no Brasil.

O documento oferece 12 categorias de Área Protegida (ou Unidade de Conservação), cada uma com diferentes níveis de divisão de poder entre a população local e o órgão ambiental na sua gestão, que podem ser criadas em nível municipal, estadual ou federal.

No livro, iremos acompanhar algumas áreas marinhas protegidas que fazem parte do SNUC, como as Reservas Extrativistas. Assim, o SNUC também é uma poderosa ferramenta para resguardar o direito das populações tradicionais, como pode ser observado em um dos seus objetivos:

*(...) proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente (...)*

## Plano Nacional de Áreas Protegidas

O Plano Nacional de Áreas Protegidas (PNAP) foi publicado em 2006 (Decreto Nº 5.758) e estabelece os meios legais para que o Brasil cumpra com os compromissos assumidos na Convenção sobre Diversidade Biológica (Rio 92), aprovados em 1994 (Decreto Legislativo Nº 2) e promulgado em 1998 (Decreto Nº

2.519).

Junto com o SNUC, o PNAP oferece as estratégias para estabelecer um sistema abrangente de áreas protegidas, ecologicamente representativo e efetivamente manejado, integrado a paisagens terrestres e marinhas mais amplas até 2015. Uma das diretrizes importantes deste documento é:

*Assegurar o envolvimento e a qualificação dos diferentes atores sociais no processo de tomada de decisão para a criação e para a gestão das áreas protegidas, garantindo o respeito ao conhecimento e direitos dos povos indígenas, comunidades quilombolas e locais (...)*

Abaixo estão listadas algumas das estratégias de destaque publicadas no PNAP:

*“(...) aprimorar mecanismos e políticas, e promover ajustes na legislação, se necessários, para garantir o respeito e reconhecimento dos direitos e conhecimentos dos povos indígenas, comunidades quilombolas e locais nos processos de estabelecimento e gestão das unidades de conservação e demais áreas protegidas (...) estabelecer mecanismos eficazes para documentar conhecimentos e experiências existentes sobre a gestão de áreas protegidas, entre os quais, os conhecimentos tradicionais (...) aprimorar técnicas de manejo adaptativo incorporando os conhecimentos de povos indígenas, comunidades quilombolas e locais usuários dos recursos naturais (...) estabelecer mecanismos de incorporação contínua dos conhecimentos técnico-científicos e conhecimentos tradicionais no estabelecimento e na gestão das unidades de conservação (...) criar e implementar programas de fomento e incentivos para geração de conhecimento (...) esti-*

*mular e fomentar estudos que gerem conhecimentos técnico-científicos e tradicionais que contribuam para a conservação da diversidade biológica e sociocultural, auxiliando o estabelecimento e gestão das unidades de conservação (...) identificar e promover oportunidades econômicas oriundas das unidades de conservação e zonas de exclusão de pesca para populações nas suas áreas (...)*

## Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) foi publicada em 2007 (Decreto N° 6.040, de 7 de fevereiro de 2007). Ela tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

Um dos princípios da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais é:

*(...) a promoção dos meios necessários para a efetiva participação dos Povos e Comunidades Tradicionais nas instâncias de controle social e nos*

*processos decisórios relacionados aos seus direitos e interesses (...)*

Alguns dos seus objetivos específicos são:

*(...) garantir aos povos e comunidades tradicionais seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica (...) reconhecer, proteger e promover os direitos dos povos e comunidades tradicionais sobre os seus conhecimentos, práticas e usos tradicionais (...) apoiar e garantir a inclusão produtiva com a promoção de tecnologias sustentáveis, respeitando o sistema de organização social dos povos e comunidades tradicionais, valorizando os recursos naturais locais e práticas, saberes e tecnologias tradicionais.*

No entanto, embora esteja cada vez mais claro o papel do saber local em iniciativas de conservação marinha, as formas como é integrado, representado e validado nos atuais sistemas de gestão e processos de tomada de decisão ainda não é bem compreendida e aplicada. Existem também muitas barreiras culturais no contexto da sociedade brasileira que enxergam os conhecimentos dos cientistas como o único conhecimento válido e aceitável. Tais paradigmas representam os desafios que o **Programa Memórias do Mar** enfrenta em termos de conjugar a ciência e cultura do pescador com a ciência e cultura do pesquisador e de toda sociedade brasileira.







*parte 1*

*REDE MEROS  
DO BRASIL*

# Unidos pela mesma ciranda: A Rede Meros do Brasil

A **Rede Meros do Brasil** é hoje mais do que o projeto para a conservação de uma espécie de peixe ameaçado. Nos últimos anos, consolidou-se em uma Rede de instituições governamentais e ONGs, pesquisadores, ambientalistas, mergulhadores e pescadores em vários estados da costa brasileira. Todos os parceiros estão envolvidos diretamente com ações de conservação marinha e tem o mero - espécie que estava quase desaparecendo de nossas águas - como ponto de convergência e símbolo de sua causa.



Dentre as ações da **Rede Meros do Brasil**, destacam-se a pesquisa sobre conservação dos manguezais e ecologia de peixes marinhos; articulação para a criação, implementação e gestão de Áreas Marinhas Protegidas; resgate das manifestações culturais, saberes e práticas de pescadores em diversas localidades litorâneas (Programa Memórias do Mar) e a integração entre Arte e Educação Ambiental.

As diversas ações são desenvolvidas de forma autônoma pelas organizações que integram a **Rede**, mas atividades de cooperação técnica e unificação de metodologias se fazem necessárias para abordar os desafios de pesquisa e conservação ao longo do vasto litoral brasileiro.

O trabalho em parcerias estabelece a maior fortaleza da **Rede Meros do Brasil**, que constrói vínculos de articulação nacional, tendo o mero (*Epinephelus itajara*) como figura central e agregadora de conceitos e

valores sobre a temática da conservação marinha.

O grande potencial da Rede é atingido somando-se capacidades institucionais e pessoais de diversas organizações governamentais, terceiro setor, setor privado, cidadãos independentes e sociedade de forma geral, agregando escolas, comunidades tradicionais, mergulhadores, veículos de comunicação, turistas, pesquisadores e ambientalistas.

A diversidade de olhares independentes e esforços coletivos deverão ampliar o processo democrático de geração de informações, análise e tomada de decisão sobre a gestão da espécie e os ambientes associados em todo o Brasil.

Com isso, esperamos mobilizar a opinião pública nacional, promover a disseminação da educação marítima, ajudando na formação do saber e da consciência ambiental, que possibilite cobrar das esferas governamentais ações estratégicas e construir o uso sustentado dos recursos costeiros e marinhos no Brasil.

# Programa Memórias do Mar: Conservação, Biodiversidade e Cultura no Litoral Brasileiro

O livro **Memórias do Mar** nasce de uma grande rede de articulações interinstitucionais (organizações não governamentais, universidades, associações e órgãos governamentais) que, desde 2007, vêm pensando ações no âmbito do seu Programa Interinstitucional de Conhecimentos e Práticas Locais, atualmente chamado **Programa Memórias do Mar**. O programa busca integrar as ações pontuais das diversas instituições parceiras em torno do princípio comum de “**respeito à diversidade biológica e cultural do litoral brasileiro**”.

Pesquisadores de todo o mundo estão percebendo que o uso do vasto conhecimento possuído por comunidades tradicionais não se resume em “tapar buracos” na ciência convencional da Biologia e Oceanografia. O envolvimento dos conhecimentos e práticas locais pode ser muito mais do que isso, adotando importante papel

nas estratégias de manejo e conservação marinha. Ao se engajar o saber local no manejo e conservação dos recursos marinhos, os resultados positivos incluem o aumento da participação, responsabilidade e empoderamento dos usuários nos processos de gestão.

Trazer os conhecimentos e práticas locais ao centro dos processos de tomada de decisão em conservação marinha gera confiança e parcerias mais duradouras entre os usuários dos recursos e os órgãos ambientais de gestão. Incorporar costumes e crenças é também uma maneira importante de melhorar campanhas de comunicação, educação ambiental e de monitoramento ambiental.

As instituições parceiras do **Programa Memórias do Mar**, através de suas práticas e experiências históricas no âmbito da conservação marinha, vêm se preocupando cada dia mais

com a crítica situação que espécies e ambientes marinhos e costeiros do Brasil estão sendo tratados. No mundo, abundam os textos científicos e alertas sobre a contaminação com poluentes, diminuição de estoques pesqueiros, ameaça de extinção de diversas espécies, aquecimento global, acidificação, branqueamento dos corais, aumento do nível do mar, entre outros problemas que evidenciam práticas insustentáveis e degradantes de convivência com o mar.

Com **8.698 quilômetros**, mais de **400 municípios** e **42 milhões de habitantes** (25% da população), a extensa zona costeira brasileira evidencia que a relação de sua sociedade com os oceanos é marcante. Nessa relação, está presente o pensar e viver o mar em todas as suas formas – ecológicas, políticas, culturais, sociais e econômicas: **o pensar marítimo**.







*Programa  
Memórias do Mar*

*São Francisco  
do Sul  
Santa Catarina*

# São Francisco do Sul

## Santa Catarina

Fabiano Grecco de Carvalho

O município de São Francisco do Sul é formado por uma grande ilha e uma porção continental. Situa-se no litoral norte de Santa Catarina e abrigou um dos primeiros povoados do estado, formado por colonizadores franceses no ano de 1504. Espanhóis, um pouco mais tarde, também se estabeleceram na região, mas foi só com a chegada dos portugueses, vindos dos Açores em 1658, que se iniciou o processo de colonização propriamente dito.

No período, as atividades agrícolas predominavam na região, mas sempre com o importante complemento da pesca artesanal. Assim, uma íntima relação entre pessoas e natureza se desenvolveu, gerando grande bagagem de conhecimentos sobre o ambiente local. No entanto, essa relação é muito mais antiga, pois já na pré-história diversas praias da Ilha de São Francisco do Sul e os manguezais da baía da Babitonga, que representam cerca de 80% dos manguezais de Santa Catarina, eram ocupados por povos praticantes da pesca e da coleta de organismos marinhos.

Tal histórico proporcionou a inserção de valores culturais que mantiveram relativamente íntegros os ecossistemas da região até que aportassem a ganância e a falta de compromisso de grandes empresas metalúrgicas à montante da baía da Babitonga (principalmente Joinville, maior pólo industrial do estado) e também de empresas de reflorestamento, que devastaram grandes porções de mata Atlântica.

Ainda hoje, a pescaria de pequena escala é uma atividade enraizada na cultura do povo francisquense, porém a realidade já não é tão romântica como em tempos passados. As canoas à vela já não cortam mais as águas da Babitonga. Imensos badejões, parambijús e a coleta de ca-



marões na barbaça, ou com um simples graveto na beira d'água, atualmente só se encontram na memória dos pescadores mais antigos, que relatam com saudosismo, e os olhos carregados de emoção, os tempos de fartura.

As adversidades enfrentadas atualmente pelos homens do mar não se resumem às intempéries naturais, antes contornadas com sabedoria.

A soma dos fatores apontados nos faz enxergar como verdadeiros guerreiros os que ainda fazem da pesca artesanal o seu “ganha-pão”. A poluição das águas da baía da Babitonga, a destruição de seus manguezais, o afastamento de pescadores das praias pela especulação imobiliária e a falta de ordenamento da pesca, juntos, fazem com que muitos pescadores abandonem as atividades ligadas ao mar, buscando sustento na indústria portuária ou em outros ramos da economia, interrompendo um processo histórico de repasse de conhecimentos preciosos sobre artes de pesca, valorização e entendimento do ambiente local.

Apesar da constante pressão de grandes indústrias, da especulação imobiliária e da falta de comprometimento de seus governantes, “São Chico” é uma cidade privilegiada que ainda abriga grande diversidade de ambientes, restingas, manguezais e florestas em considerável grau de conservação. Essas características trazem como opção formas de desenvolvimento que podem resgatar, manter e multiplicar hábitos culturais que resultem na conservação e no melhor entendimento dos ecossistemas locais. O turismo ecológico e cultural, a pesca artesanal, a maricultura e a culinária são algumas das possibilidades de exploração racional dos recursos na região.







*Programa  
Memórias do Mar*

*Cananeia-Iguape,  
São Paulo*

# Cananeia-Iguape São Paulo

Fernanda Ribeiro De Franco

Iguape, Cananeia e Ilha Comprida fazem parte do complexo estuarino lagunar de Iguape-Cananeia-Paranaguá, também conhecido como vale do Ribeira. O principal rio da região, o Ribeira de Iguape, com 470 km de extensão, desempenha importante papel na vida dos moradores e na diversidade de culturas tradicionais, incluindo caiçaras, índios, quilombolas e pequenos agricultores, vivendo basicamente do extrativismo e da produção agrícola familiar.

A região abriga a maior extensão contínua e conservada de mata Atlântica no Brasil, com 78% da área ainda coberta por remanescentes intocados. São 200 km de costa recortada por um complexo de praias, estuários e ilhas, considerados pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) como o terceiro ambiente em importância quanto à produtividade marinha do Atlântico Sul. Além disso, a região recebeu da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) o título de Patrimônio Histórico e Ambiental da Humanidade em 1998 e integra as áreas-piloto

referendadas da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

Em contraposição ao rico patrimônio cultural e ambiental, a região apresenta os mais baixos índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do país. Além dos graves problemas sociais, a proximidade da região aos centros metropolitanos de Curitiba (PR), São Paulo (SP) e os municípios da Baixada Santista, ameaça transformá-la em fornecedora de bens naturais de baixo custo, sem respeito ao patrimônio ambiental e cultural.

Historicamente, a região cresceu baseada em atividades exploratórias durante a colonização no início do século XVII. Os municípios de Iguape e Cananeia dividem históricos e ciclos econômicos. Inicialmente, foi o Ciclo do Ouro (sec. XVII), seguido das Construções Navais (sec. XVIII) e o Ciclo do Arroz (entre os sec. XIX e XX). Já Ilha Comprida, tem o turismo como principal atividade econômica praticamente desde sua fundação.

A partir do século XX, Cananeia iniciou o Ciclo Pesqueiro, com a pesca lagunar e pesca de alto mar. No mes-

mo período, fortaleceu-se em Iguape a pesca da manjuba como base econômica, mais especificamente entre setembro e abril, tendo também a pesca amadora e o turismo como forte fonte de renda do município.

Atualmente a atividade de pesca está dividida em pesca artesanal e industrial, envolvendo aproximadamente 3.500 pescadores, que utilizam diferentes métodos, equipamentos e artes de captura. Em Cananeia, o cultivo e comercialização de ostras é atividade forte, unindo comunidades em associação de produtores, gerando renda e atraindo turistas e consumidores de todo o Brasil e de outros países. A pesca do camarão sete-barbas também faz parte da base econômica do município, especialmente no que se refere à pesca industrial.

Os três municípios compreendidos pelo projeto Meros do Brasil ainda têm na pesca importante fonte de renda, porém, outras atividades auxiliam a obtenção de renda da população, como a agricultura familiar, o artesanato, a cultura da banana e o turismo.

## Problemas atuais

Em várias comunidades, a falta de estrutura destinada à pesca, a fiscalização pouco efetiva e a dificuldade de se conseguir um preço justo pelo produto foram os problemas mais citados e que ameaçam a pesca. De acordo com os pescadores, tal fato afasta os jovens da pesca artesanal, faz com que muitos comecem a trabalhar nos barcos grandes e fortalece as indústrias pesqueiras.

Outros problemas citados são a falta da participação dos pescadores nas decisões sobre legislação e gestão de recursos pesqueiros, falta de entrepostos para a comercialização, saneamento básico nas comunidades, a pesca turística (com petrechos profissionais) e pesca predatória (muitas vezes praticada ou aliciada por membros da comunidade).

Em outros aspectos, a falta de estrutura básica (saneamento, transporte) afasta e dificulta a chegada de visitantes de dentro e de fora do estado de São Paulo. Apesar de possuir hotéis e pousadas de boa qualidade e preço, a região ainda sofre com a falta de investimentos do poder público e de empresas locais, que poderiam melhorar a estrutura física e organizacional dos municípios, favorecendo o turismo e o ecoturismo, uma forma sustentável de se aproveitar as belezas locais e aumentar a renda da população<sup>1</sup>.

## Atividades do Programa Memórias do Mar

Inicialmente, a equipe da Rede Meros do Brasil entrevistou 161 pescadores de sete comunidades da região de Cananeia-Iguape com o objetivo de identificar os pescadores que mais possuem experiência na captura do mero (*Epinephelus itajara*). Assim, 11 pescadores foram revisitados para documentar seus conhecimentos acerca da história natural do mero.



As experiências vividas nas ocasiões de entrevista possibilitaram que a equipe de São Paulo entendesse melhor as características da bioecologia do mero, obtendo informações com os especialistas.

Também o projeto Meros do Brasil desenvolveu algumas atividades com escolas e comunidades, como palestras e apresentação de material sobre pesca, como a parceria com Vicente Klonowski, apresentando diferentes artes de pesca e embarcações através

de imagens registradas na viagem de três anos pelo litoral brasileiro a bordo de seu caiaque. Participou da Festa do Mar, um evento anual de Cananeia, onde a população da cidade e da região pode apreciar a culinária, o artesanato e conhecer instituições e projetos que atuam no município e seu entorno. E, esteve presente na Festa do Bom Jesus de Iguape, entre os dias 28 de julho e 6 de agosto de 2008.

A equipe do projeto Meros do Brasil também visitou as comunidades

de Sítio Artur, Ubatuba, São Paulo Bagre e Pedrinha, localizadas entre Ilha Comprida e Cananeia, percorrendo parte do mar de dentro. Durante o percurso, foram marcados com o auxílio de um aparelho de Geo-Posicionamento por Satélite (GPS) alguns locais de ocorrência de meros e outros grandes peixes como a pescada amarela, robalo e o cherne.

<sup>1</sup>Relatórios Projeto Meros do Brasil Ponto Focal São Paulo, 2009.  
Mendonça, J. T., 2007. Gestão dos recursos pesqueiros do complexo estuarino-lagunar de Cananéia-Iguape-Ilha Comprida, litoral sul de São Paulo, Brasil. UFSCar, São Carlos, SP. 384 p.









*Programa  
Memórias do Mar*

*Conceição da Barra  
Espírito Santo*

# Conceição da Barra Espírito Santo

Mauricio Hostim-Silva, Mônica M. P. Tognella e Dannieli F. Herbst<sup>1</sup>

Conceição da Barra é um município localizado no extremo norte do Espírito Santo. Povoado pelos índios Aymorés, começou a sofrer a dominação portuguesa em 1554, quando expedições pretendiam afastar os índios da sede da capitania do Espírito Santo, atual Vila Velha. A cidade possui apenas 118 anos de emancipação política e, anteriormente, era categorizada como distrito do município de São Mateus, sendo chamada Barra de São Mateus.

Os antigos habitantes deixaram marcas das fortes relações que tinham com a natureza como, por exemplo, sambaquis na região de Itaúnas e as denominações indígenas dos dois principais rios da região, o Itaúnas, assim nomeado pelas suas pedras e águas escuras, e o Cricaré (Kiri-Kerê), com o significado de dorminhoco, em associação a ser um rio lento. A história local se construiu vinculada aos rios, onde deu-se todo o povoamento e desenvolvimento do município que até hoje desempenha grande importância ecológica e econômica na região.

O rio Cricaré passou a ser chamado de São Mateus assim que o

padre José de Anchieta chegou, em 1596, para catequizar os índios. O rio retrata um passado sangrento de massacre da população indígena através da Batalha do Cricaré. Além disso, foi o elemento principal do tráfico negreiro, uma vez que o norte capixaba era ponto de chegada de negros durante a dominação portuguesa ao território nacional. Os negros fugitivos da capitania do Espírito Santo e do sul da Bahia concentraram-se no local e formaram uma das maiores comunidades quilombolas do país, que vive no tradicionalismo em terras de São Mateus e Itaúnas (vila de Conceição da Barra).

As comunidades negras herdaram a pesca e o uso da mandioca dos indígenas. Grandes plantações de mandioca eram usadas como alimento para os porcos que criavam e como matéria-prima para produção de farinha, que era artigo de exportação. As duas atividades foram as principais fontes de renda no local por um longo tempo.

Toda a área que pertencia a São Mateus nos tempos passados, incluindo o que hoje é Conceição da Barra,

possuía grande cobertura de mata Atlântica, restinga e manguezal. Com o passar dos anos, a ação antrópica se encarregou de quase exterminar tais ambientes. Na primeira metade do século XX, houve a retirada em massa de madeiras de lei, entre elas cedro, parajú, angelim, ipê, jacarandá, peroba e outras das matas de Conceição da Barra. O desmatamento indiscriminado propiciou grande movimentação da economia local e Conceição da Barra passou a contar com uma Companhia Industrial de madeira, com serraria a vapor e linha férrea, oferecendo empregos e desenvolvimento para a cidade. Porém, em contrapartida, deixou como legado um grande desastre ambiental.

Assim, a antiga vila de Itaúnas foi soterrada pela areia a partir de 1930, processo desencadeado pela ação de fortes ventos e intensificado pelo desmatamento. A vila é hoje um importante sítio arqueológico e é movida pelo turismo, uma vez que, para além do cenário das dunas, é considerada a cidade nacional do forró pé de serra e funciona como sede do maior festival de forró brasileiro.

Hoje, a cobertura vegetal restante está restrita às Unidades de Conservação: Floresta Nacional (FLONA) do Rio Preto e Parque Estadual de Itaúnas, que é o maior parque ecológico do Espírito Santo. Nele, encontram-se dunas, restingas, manguezais e alagados. Grande parte da cidade de Conceição da Barra é formada sobre manguezais aterrados e, as belas paisagens de matas que existiam, lembradas pela população mais antiga, atualmente são uma extensa área tomada por monocultura de cana-de-açúcar e eucalipto.

Apesar da repressão sobre as culturas indígena e negra na região no século XVII, esses povos desenvolveram manifestações culturais em que elementos do folclore foram misturados à religiosidade e são preservadas até hoje. São danças e cantigas usadas nas festas de ticumbi, jongo de São Bartolomeu, Pastorinhas, Alardo e Reis de Bois.

A pesca artesanal sempre foi uma das principais atividades econômicas do município, mas no final da década de 1960 a pesca de Conceição da Barra começou a se industrializar e tornou a cidade o principal ponto pesqueiro do Espírito Santo. Na época, existiam três empresas que exportavam o pescado, gerando muitos empregos, e todo o comércio da cidade circulava. Grandes embarcações entravam e saíam com muita frequência no rio Cricaré. Mas, a partir de 1990, as empresas foram sumindo, à medida que a foz se assoreava e impossibilitava a entrada de barcos de grande porte. Com isso, a pesca voltou a ser artesanal e não consegue sustentar a grande quantidade de pessoas que antes dependiam dela como fonte de renda. As dificuldades se intensificaram quando a chamada “doença do caranguejo letárgico” atingiu os manguezais do norte do Espírito Santo e, assim, diminuiu ainda mais os recursos comercializados.

O município hoje passa por um sério problema, que



compromete suas duas maiores fontes de renda: o turismo e a pesca, devido à dinâmica de maré que, desde 1994, começou a tomar a orla e, principalmente, o bairro Bugia. Tal bairro era um cordão arenoso banhado de um lado pelo mar e do outro pelo rio Cricaré e seu nome é proveniente da grande quantidade de macacos bugios que existiam em suas matas. Inicialmente, ele era habitado apenas por pescadores, depois teve início a especulação imobiliária. Atualmente, o Projeto Orla, do governo do estado, está em andamento com a construção de píeres e visa conter a ação do mar sobre a cidade. O projeto está revitalizando as esperanças da população, que acredita na volta pesca como base da economia local.

*Oh meu Deus, quando a pesca funcionava, até as crianças ganhavam dinheiro (...). Eu não sei não, mas pra mim, eu acho que foi igual um terremoto que passou na cidade. Isso ai que acaba com o mundo, com as pessoas. (Seu Cazuza)*

*Eu conheci uma época que aqui era a fonte do peixe, nós exportávamos o peixe e hoje nós quase temos que comprar de fora pra vender. (Seu Lino)*

## Atividades do Projeto Meros do Brasil

Em agosto de 2008 iniciaram os trabalhos do Projeto Meros do Brasil no estado do Espírito Santo, através do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo (CEUNES/UFES), tendo como áreas de atuações prioritárias os estuários de Barra Nova, no município de São Mateus, e Conceição da Barra. Em 2009 o projeto recebeu o apoio da Fundação de Apoio a Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), com a concessão de cinco bolsas do ‘Programa Iniciação Científica Junior’ (FAPES/CNPq), para desenvolver com os alunos do Colégio Estadual “Astrogildo Carneiro Setubal” o projeto

**Pescadores e estudantes juntos na produção de conhecimento científico para a conservação dos ambientes costeiros no norte do Espírito Santo.** No mesmo ano foi dado início ao ‘Programa de Marcação e Recaptura de Meros’ em Conceição da Barra, com objetivo principal de entender a dinâmica populacional dos juvenis de mero ocorrentes no estuário. Atualmente, seguindo a mesma linha de pesquisa, são desenvolvidas orientações de alunos nos Programas de Pós-Graduação em Oceanografia Ambiental e em Biodiversidade Tropical, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo.



<sup>1</sup>Projeto de pesquisa desenvolvido com auxílio financeiro da FAPES nº 36286770/07. DFH foi bolsista de extensão por dois anos e do CNPq (nº504680/2007-2) por seis meses.



www.merosdobrasil.org  
APRESENTA:  
**CANTOS E ENCANTOS DO MAR**  
(TEATRO DE AREIA)





*Programa  
Memórias do Mar*

*Caravelas  
Bahia*

# Caravelas Bahia

Vinícius Giglio Fernandes e Hugo Teixeira

Caravelas, localizada no extremo sul baiano, na costa das Baleias, encontra-se às redondezas do banco dos Abrolhos, que representa o complexo recifal mais extenso e de maior biodiversidade do oceano Atlântico Sul Ocidental.

Devido às águas substancialmente piscosas, a frota de embarcações de Caravelas, de pequena escala, explora as áreas adjacentes ao Parque Nacional Marinho dos Abrolhos (PNM dos Abrolhos). Em geral, a captura está voltada para espécies de peixes e crustáceos, destacando-se a frota de arrasto de fundo (balão) e a pesca de linha, sendo a primeira direciona-

da quase que exclusivamente para a captura do camarão-sete-barbas. Já a frota de “linheiros” exerce um esforço para a captura de espécies de alto valor comercial, como badejos, garoupas e vermelhos.

Caravelas possui ainda a ilha do Cassurubá, de extensos e ricos manguezais (11 mil hectares), abrigando cerca de 300 famílias extrativistas e agricultoras de pequena escala, que mantêm um modo de vida tradicional e em íntima relação com os ciclos do manguezal, do mar e da roça. Devido a essas características, a área é hoje reservada exclusivamente para as famílias através da Reserva Extrativista

(RESEX) do Cassurubá.

Recentemente, uma série de políticas de desenvolvimento regional passaram a ameaçar a sustentabilidade da cultura local e da integridade ambiental dos manguezais da região. Alguns exemplos das ações antrópicas negativas que se iniciaram são a supressão da mata ciliar nas bacias que desembocam na região, a expansão da monocultura do eucalipto e consequente lixiviação de agrotóxicos para a bacia hidrográfica e a expansão urbana com a supressão de áreas de mangue e iniciativas de grandes empreendimentos de carcinicultura. O crescimento acelerado das cidades de



Caravelas e Nova Viçosa - como toda a costa da Bahia – também tem influenciado o perfil cultural das comunidades ribeirinhas e tradicionais.

### Principais ações do Programa Memórias do Mar e Rede Meros do Brasil junto à comunidade

Na Bahia, as atividades do Programa Memórias do Mar ocorreram nos municípios de Caravelas e Nova Viçosa. Cerca de 300 pescadores foram entrevistados pela equipe, que atua na região desde 2005. As ações são focadas principalmente nas comunidades ribeirinhas, que na região apresentam um modo de vida tradicional. Os pescadores possuem grande conhecimento sobre os recursos pesqueiros, especialmente sobre o mero, que devido ao seu grande tamanho e docilidade habita o imaginário de pescadores de todas as idades. Nas atividades do Programa, os laços da equipe com as comunidades e vínculos de confiança ficaram mais fortalecidos, reforçando que a integração com os pescadores para o desenvolvimento das ações de pesquisa, conservação e gestão ambiental é essencial.

Desde 2009 foram realizadas seis solturas de juvenis de mero pela equipe, que foi acionada por pescadores sensibilizados com a problemática da conservação da espécie e com as ações do projeto Meros do Brasil. Os momentos foram marcantes para toda a equipe e consolidaram a importância do envolvimento das comunidades nas atividades do programa.





EROS

PETROBRAS  
AMBIENTAL



*Programa  
Memórias do Mar*

*Tamandaré  
Pernambuco*

# Tamandaré Pernambuco

Beatrice Ferreira e Alberto Santos

Quando no Brasil desembarcaram os europeus, os grupos indígenas encontrados no litoral somavam, talvez, um milhão de pessoas. Os índios dependiam da caça e pesca para obter alimentos, daí a importância de sítios privilegiados, onde os recursos abundantes garantiam a sobrevivência do grupo e permitiam manter aldeamentos maiores. Em certos locais especialmente ricos da costa, aldeamentos excepcionais chegavam a alcançar três mil pessoas. Dessa forma, acredita-se que o litoral pernambucano, com a presença de vários ecossistemas de alta produtividade (mata Atlântica, manguezais, estuários e recifes de coral), provavelmente era considerado um desses sítios.

A pesca sempre foi uma atividade importante na região e as embarcações artesanais hoje conhecidas, que utilizam velas e leme para a pesca em alto-mar, foram fruto de várias adaptações introduzidas pelos europeus e africanos. Já no início do século XVI, existia registro de que as embarcações eram empregadas na pesca por escravos africanos, na capitania de Pernambuco. E, segundo Câmara Cascudo, data do século XVIII o aparecimento de povoados de pescadores, em sua grande maioria jangadeiros. Assim, os municípios litorâneos da atualidade cresceram a partir dessas vilas de pescadores.

O processo de ocupação humana desencadeado na época do descobrimento gerou uma degradação progressiva dos ecossistemas costeiros na região costeira conhecida como Zona da Mata, onde a floresta Atlântica deu lugar as plantações de cana-de-açúcar. A atividade pesqueira, em muitas localidades, passou a ser uma atividade complementar para a população litorânea tanto na entressafra





da cana-de-açúcar como na baixa estação turística. Assim, embora não menos importante do ponto de vista socioeconômico, muitas vezes a pesca se torna enfraquecida em suas tradições, resultantes do conhecimento obtido apenas através de um profundo contato entre pescadores, meio marinho e suas criaturas.

O Projeto Meros do Brasil, através de seu componente de levantamento do conhecimento ecológico local, busca resgatar saberes, tendo como foco a comunidade que também luta para sobreviver face ao desenvolvimento.

As ações do Programa Memórias do Mar, área focal Pernambuco, são desenvolvidas nos municípios de Tamandaré, Rio Formoso e Sirinhaém, localizados no litoral sul pernambucano. Os municípios também tiveram suas origens ligadas a antigas vilas de pescadores e engenhos de cana-de-açúcar. Atualmente, a região está inserida nos limites de três unidades de conservação: a Área de Proteção Ambiental (APA) Costa dos Corais, a APA de Guadalupe e a Reserva Biológica (ReBio) do Saltinho. A localização do município foi considerada *hotspot* no Workshop da Zona Costeira realizado em 1999, definido segundo critérios de importância para biodiversidade e ameaças por impactos de origem antrópica. A presença de Unidades de Conservação reflete os critérios descritos, incluindo territórios de diversidade e ocupação e dependência humana dos ambientes, já que as duas maiores Unidades de Conservação (UC) apresentadas são de uso sustentável.

No contexto, destaca-se o complexo estuarino do Rio Formoso, formado principalmente pelos rios Formoso, Passos e Ariquindá e compostos por uma ampla rede canais (gamboas), totalizando cerca de 12 km de extensão e 2.724 hectares. A pesca artesanal é bastante difundida, envolvendo homens, mulheres e crianças na captura de peixes, crustáceos e moluscos. Em Rio Formoso estima-se que existam aproximadamente 1.500 pescadores e pescadoras não

cadastrados e, tratando-se de uma região de interferência da monocultura da cana-de-açúcar, o número de pessoas atuando na atividade pesqueira durante o período da entressafra (meses de janeiro a julho) possa chegar a 3.000 pessoas.

Os fundos estuarinos são constituídos por sedimentos lamosos e areno-lamosos cobertos de vegetação típica de manguezal, com a presença do mangue-vermelho, sapateiro ou gaiteiro (*Rhizophora mangle*), mangue-branco ou manso (*Lacungularia racemosa*), mangue-de-botão (*Conocarpus erectus*)

e mangue-canoé (*Avicennia schaueriana*), que também se desenvolvem sobre arenitos bastante extensos na região. Nas margens do rio Ariquin-dá, um dos afluentes do rio Formoso que faz parte do complexo estuarino, *beachrocks* ou arenitos de praia são observados. Tais feições correspondem a antigas linhas de praia cimentadas por carbonato de cálcio, que indicam oscilações no nível do mar e são comuns nas regiões tropicais. Nas formações, a ação das águas formou cavernas e locas de tamanhos variados, utilizadas como abrigo para a

fauna, principalmente para peixes como o mero (*Epinephelus itajara*), que encontra nas formações o abrigo ideal para seu desenvolvimento.

Segundo relatos das comunidades tradicionais e dos resultados preliminares do projeto Meros do Brasil, o estuário do rio Formoso possui uma considerável incidência da espécie. O mero é capturado principalmente pela pesca de camboa e pesca de linha.

Apesar de todas as recomendações ambientais e sociais disseminadas em prol da preservação dos estuários, nos últimos anos essas áreas vem so-



frendo com ameaças constantes, causadas por despejo de esgoto não tratado, avanço do turismo de forma desordenada, com aumento no tráfego das embarcações de esporte e lazer; pesca predatória com uso de produtos químicos e explosivos e poluição por despejos provenientes da agricultura e de empreendimentos aquícolas.

Preocupados com o futuro do ambiente e da pesca na região, os pescadores organizados lideraram um movimento de luta, que teve como principal ação o pleito aos órgãos competentes pela implantação de uma Reserva Extrativista (RESEX) na região, acreditando que a mesma seria um passo importante para garantir os direitos de uso das populações extrativistas tradicionais e proteger os meios de vida e a cultura das populações, bem como assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da UC.

A criação da RESEX permitirá a composição de um “mosaico” de UC’s, abrangendo as outras unidades existentes, como a APA Marinha Federal Costa dos Corais e a APA de Guadalupe e o Parque Natural Municipal do Forte de Tamandaré, conforme prevê o capítulo III da Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Além disso, permitirá pre-

servar e garantir a conectividade dos ecossistemas de manguezais e pradarias de fanerógamas presentes nos estuários aos ecossistemas de praias e recifes de corais, através do planejamento do estabelecimento de corredores ecológicos entre os sistemas.

Os recifes de coral da região são extremamente importantes para a sobrevivência dos meros. A APA Costa dos Corais foi criada em 1997, abrange recifes costeiros que se estendem de Pernambuco até Alagoas e foi a primeira unidade de conservação marinha federal criada para proteger estes ambientes. Em 1999, foi criada a primeira área de recuperação recifal em Tamandaré, onde a pesca e o turismo foram proibidos. O monitoramento da área realizado pelo Projeto Recifes Costeiros identificou a presença de meros no recife da ilha da Barra, mais exatamente no sítio conhecido como “poço do mero”, logo no primeiro ano de criação da área de recuperação, e desde então meros têm sido avistados com frequência no poço, variando em número de um a quatro e em tamanho de 60 cm a mais de 150 cm. O local representa um importante refúgio para os meros, que ainda são perseguidos apesar da proibição e da conscientização da população local.



# Aprendendo a cuidar do mar com os Meros do Brasil

Mirella Cursino e José Matarezi

O projeto “Aprendendo a Cuidar do Mar com os Meros do Brasil” teve suas atividades direcionadas prioritariamente a alunos e professores do Ensino Fundamental das escolas públicas municipais de Itajaí – SC, através da sensibilização de estudantes e professores sobre a importância da conservação do Meio Ambiente, por meio de atividades educativas, tendo em vista a educação para a sustentabilidade.

O projeto teve como meta contribuir para o desenvolvimento de metodologias e práticas em Educação Ambiental formal, capazes de promover a transformação de realidades sociais e ambientais, visando melhorar a conservação dos mares e ambientes costeiros em que vivem os meros. Foram atendidos, no primeiro e no segundo semestre de 2008, cerca de 330 alunos, em atividade piloto, que

socializaram conhecimentos técnico-científicos de acordo com as pesquisas realizadas pelo Projeto “Meros: estratégias para a conservação de ambientes costeiros e marinhos”, patrocinado pela Petrobras, através do Programa Petrobras Ambiental.

O tema abordado no contexto escolar foi a importância da conservação dos meros e ambientes associados (manguezal, recifes de corais, costão rochoso e mata Atlântica), sendo desenvolvidas atividades junto à rede Meros do Brasil e ao Laboratório de Educação Ambiental (LEA) e acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas da UNIVALI com parceria da secretaria de Educação Municipal de Itajaí.

A linguagem foi adequada ao nível de desenvolvimento dos alunos e aos conteúdos elencados nos planos de ensino dos professores, sendo trabalhados na perspectiva interdisciplinar, tendo como temas principais história, ecologia, diversidade cultural, conservação e ética.

O projeto em questão surgiu em decorrência de palestras realizadas nas escolas públicas em comemoração à Semana do Meio Ambiente e Semana de Ciência e Tecnologia nas escolas, onde foram provocados questionamentos importantes: Como saber se o conhecimento ali desenvolvido com os alunos estavam sendo significativos? Qual a contribuição para o cotidiano dos alunos? As dúvidas geraram novas ideias e métodos para dar continuidade e disseminação do “Projeto Meros do Brasil”, fortalecendo ainda mais o





processo de construção do saber dos alunos para com a conservação do meio ambiente.

As escolas receberam o projeto com muito entusiasmo e a continuidade do mesmo será de grande aceitação e demanda para outras escolas.

Foram realizados três encontros para o desenvolvimento e construção das atividades, que posteriormente foram socializadas aos demais alunos da unidade escolar. Como estratégia de divulgação foram distribuídos adesivos da Rede Meros do Brasil para que os alunos levassem as informações

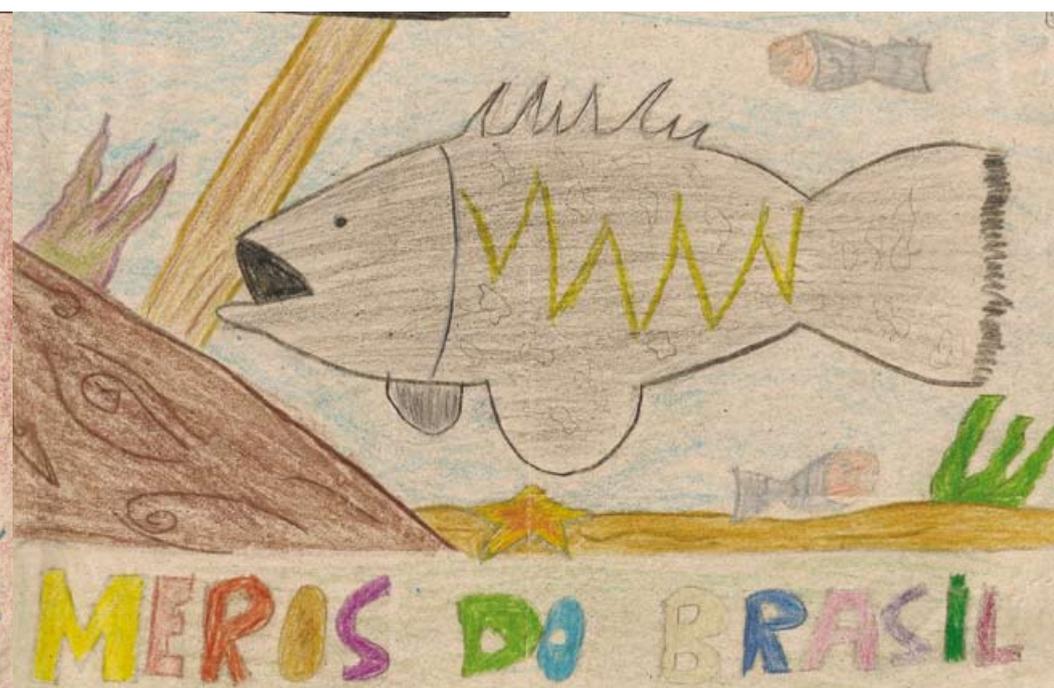


às pessoas que fazem parte do seu cotidiano e ficassem por dentro das notícias através do site, além de um sorteio de camisetas do projeto para os alunos.

Foram desenvolvidas diversas estratégias ao longo das intervenções nas escolas, como: exibição de documentários, representações por meio de desenhos, exibição de cartazes, saída a campo, relatórios, atividades lúdicas, exposição e socialização de trabalhos construídos pelos alunos e professores para toda unidade escolar.



A continuidade do processo aqui descrito pode ser expandida para outras escolas, visando contribuir para a construção de conhecimentos e sensibilização ecológica numa perspectiva interdisciplinar, tendo em vista que os alunos reconheçam a importância da sustentabilidade do meio ambiente e se integrem conservando-o e mantendo em perfeito equilíbrio para que as futuras gerações possam desfrutar dos recursos naturais disponíveis para todas as formas de vida no Planeta.



# Poesias

## Entrecapítulos 1

A natureza zangada se vinga da multidão  
Tá destruindo cidade, acabando as plantaço  
Matando pessoas pobres, dando cheia no sertão  
As águas matam sem pena, a natureza é serena  
Mas mata sem compaixão  
Se vingando da maldade dos homens sem coração

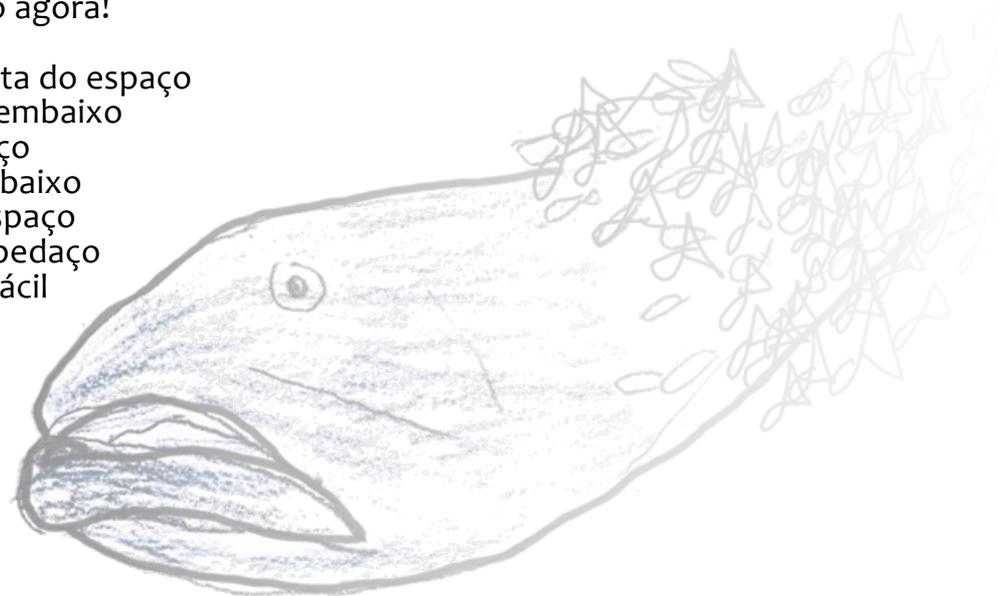
A natureza morrendo, o ar todo poluído  
Todos riacho secando e os peixe destruído  
Um animal destruído nunca mais volta a viver  
Nem ciência, nem dinheiro, não faz vida devolver  
Só a doce natureza, que vive e deixa viver

(Fala do autor) “Aí tem a ressalva, né, que foi uma crítica, aí tem que ter uma conversa e tal, pras coisa, né? Chegar melhor”:

Ah! Natureza querida, quem sabe chegou a hora?  
Eu sei que ainda estás viva, querem te ajudar agora  
O homem já tá sofrendo, os efeitos acontecendo  
Aproveita, é tua hora  
E nem tudo está perdido, começa com bom sentido  
Recupera o teu perdido, quem sabe dá certo agora!

O homem é muito pequeno, quer tomar conta do espaço  
Acaba perdendo tudo, suja em cima e bebe embaixo  
Mas já tá tudo estudando, até já vai no espaço  
Deixou de sujar em cima antes de beber em baixo  
Estão criando um sistema que não polui o espaço  
Plantando muita semente, cada um faz seu pedaço  
Ajudando a natureza, pra viver tudo é mais fácil

Manoel Batista





## *Brincando na duna*

Ângela Linhares, Gigi Castro, Aila e Soraya Vanini

Corre, corre  
Vem brincar na duna!  
Cara preta, boi pintado,  
É papangu na areia —  
Sobe e nem é (ar)raia!

Palmeiral que sombra  
Dá na proa!  
Carretilha de virada boa,  
Na carreira d'água  
É peixe – e voa!

Sapuruna, ariacó, biquara  
Agulhinha, xaréu e zambaia:  
O que vier é peixe  
E eu largo nesse mar  
Que eu vejo em teu olhar!

## *O rio e a lua*

Denise Martins Freitas

Um rio, de noite arteira,  
segue falso curso esquivo  
vai cantando, vai ligeiro  
mentir pra todos não verem  
estranhos sonhos que tem  
de em leves agitos brandos,  
águas calmas repetirem,  
dos olhos beirando o rio,  
o par luzente do choro  
que por pouco não caiu.

Seguindo curso em corrida,  
sem nunca encontrar o mar,  
nas águas, mesmo sem vela,  
luares de avessa espera  
suplicam por navegar.  
O rio estendendo o brilho  
dos olhos que o choro fulgura  
carrega na noite escura,  
os loucos sonhos da lua,  
de nas águas vir morar!





*parte 2*

*O MERO*



# A VIDA DO MERO

Leonardo Francisco Machado  
Ilustração de Diana Carneiro

*Epinephelus itajara* é o **nome** utilizado por cientistas de todo o mundo para designar o peixe que popularmente conhecemos no Brasil como mero. *Epinephelus* diz respeito ao gênero ou grupo de espécies onde estão inseridos os meros, as garoupas e também algumas espécies de chernes. O nome científico da espécie (*Epinephelus itajara*) foi proposto por Martin Heinrich Carl Lichtenstein, em 1822, e é composto obrigatoriamente pelo gênero referente ao grupo taxonômico mais a designação “itajara”, sugerida pelo autor. O autor se inspirou na linguagem tupi, na qual o termo “itajara” tem o significado de “senhor das pedras” (Ita = Pedra, Jara = Senhor/Dono), e proporciona uma brilhante analogia a um dos principais habitats utilizados pela espécie.

Os **habitats** onde o mero é encontrado incluem tanto os costões rochosos como recifes tropicais (coralíneos ou não), manguezais e zonas estuarinas com fundos de lama.

A **reprodução** do mero normalmente ocorre junto às formações recifais (coralíneas, rochosas ou mesmo artificiais, como navios ou peças afundadas) em mar aberto. Machos e fêmeas lançam seus gametas (esperma ou ovócitos) na água, onde ocorre a fecundação. Desde este momento, os meros lutam pela própria **sobrevivência**, pois os predadores já estão a postos para se alimentarem dos gametas e dos ovos recém-fecundados. Os embriões e larvas que sobre-

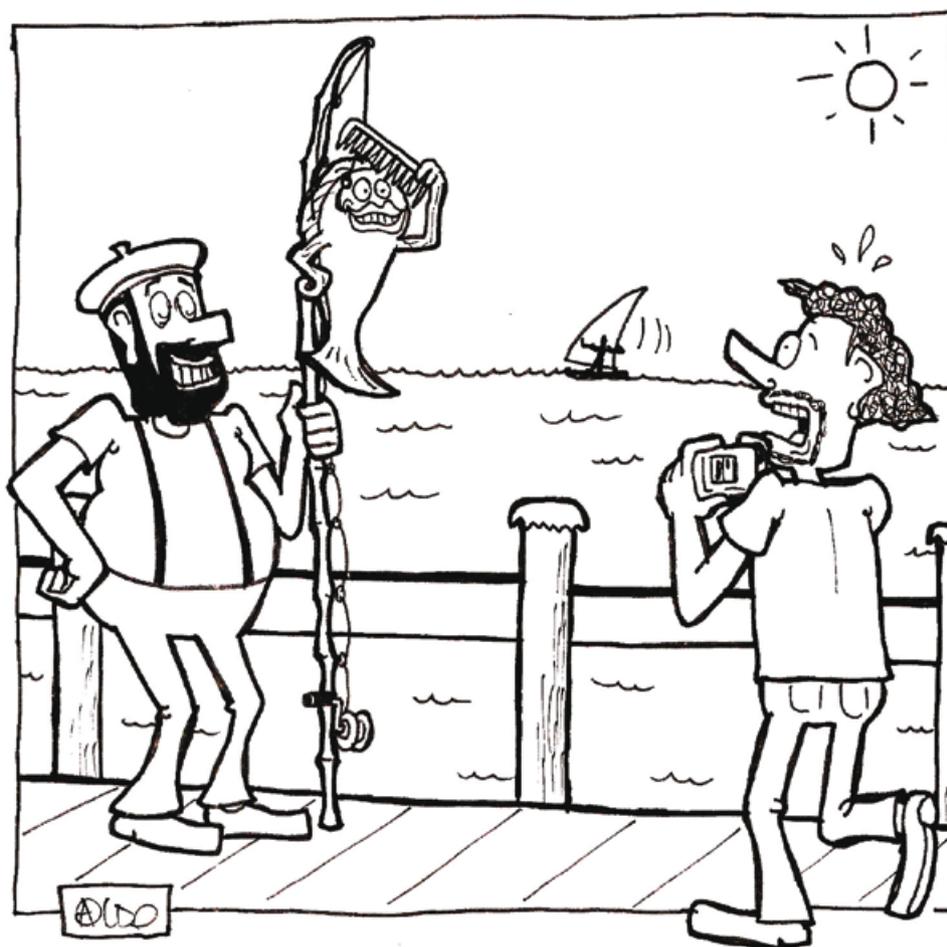
vivem, permanecem ao sabor das correntes marinhas durante um a dois meses. Após a transformação das larvas em indivíduos já com o formato do corpo dos adultos, os exemplares, com aproximadamente dois centímetros, pegam carona em correntes marinhas específicas, que os trazem aos habitats berçário das espécies na região costeira, neste caso as áreas rasas de manguezal.

Os meros, que podem chegar a ter 2,5 metros de comprimento, 450kg e até 37anos de idade têm o **desenvolvimento** lento, por isso reproduzem-se relativamente tarde, o que torna suas populações particularmente vulneráveis à pesca excessiva, pois a reposição de indivíduos na população depende de um bom número de exemplares prontos para a reprodução.

A **alimentação** do mero inclui crustáceos, como as lagostas, peixes, como bagres e raias, e até mesmo jovens tartarugas marinhas. Como um dos principais predadores das zonas costeiras, o mero desempenha **papel ecológico** fundamental para os ecossistemas em que está inserido, controlando a abundância das suas principais presas.

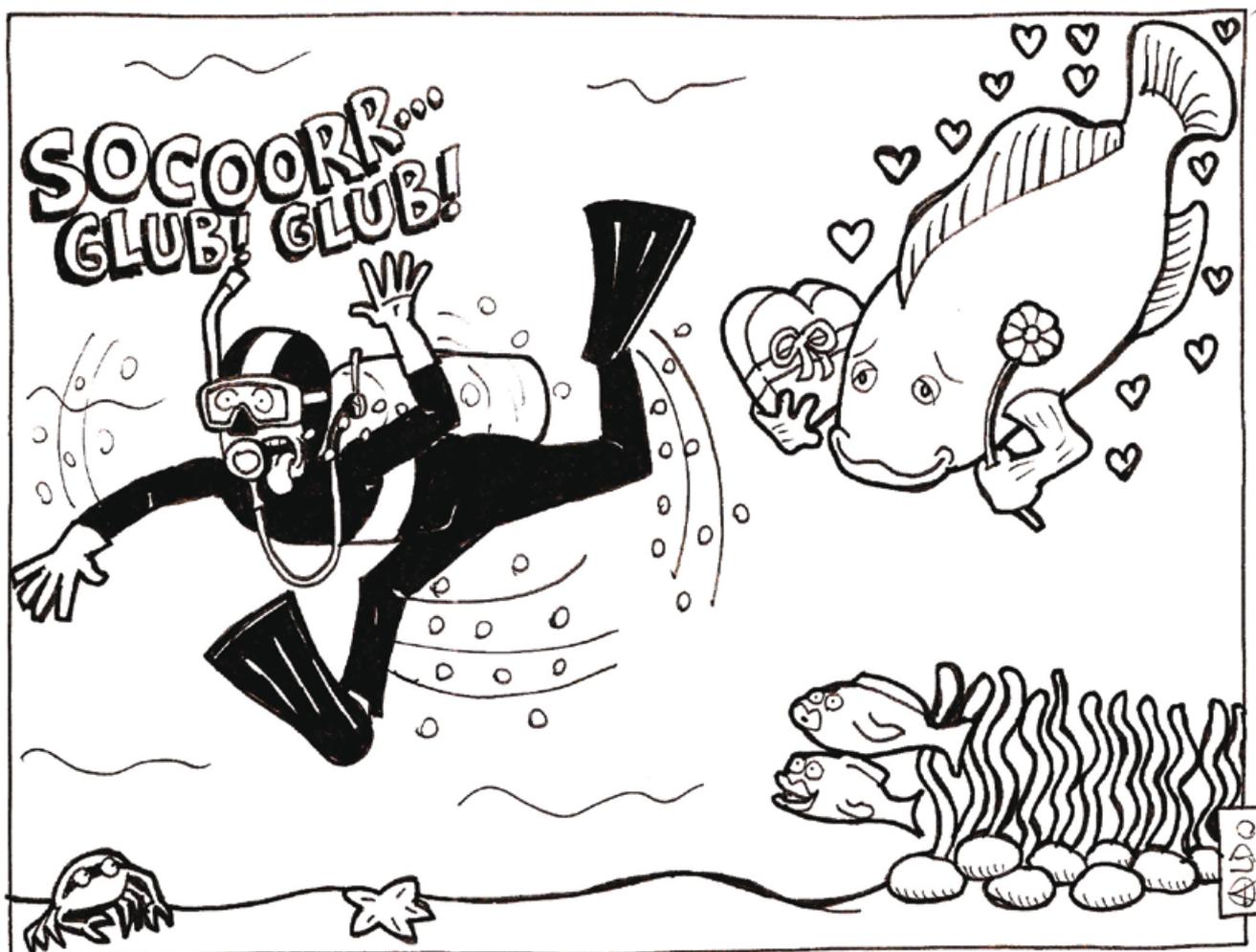






“Cunapu são uns peixes a que chamam em Portugal meros, os quais são mui grandes, e muitos morrem tamanhos que lhes caberia na boca um grande leitão de seis meses; e por façanha se meteu já um negrinho de três anos dentro da boca de um destes peixes, os quais têm tamanhos fígados como um carneiro, e sal-pimentados são muito bons; e têm o bucho tamanho como uma grande cidra, o qual cozido e recheado dos fígados tem muito bom sabor; o couro deste peixe é tão grosso como um dedo e muito gordo, o qual se toma com qualquer anzol e linha, sem trabalharem por se soltarem dêle, e no tempo das águas vivas se tomam numas tapagens de pedras e de paus, a que os índios chamam camboas, onde morrem muitos, os quais salpresos são muito bons” .

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1578.



«O 'beijo do mero', ficou conhecido como um episódio ocorrido durante um mergulho no Parque dos Meros (Paraná), quando me posicionava de frente para um grande mero entocado em uma das estruturas artificiais, onde eles adoram ficar escondidos. A proximidade entre eu e o mero encurtava e aumentava constantemente com o vai e vem da maré, até que, em certo momento, ele subitamente abocanhou a câmera fotográfica que eu tinha em mãos. O susto com a possibilidade de perder o equipamento foi tamanho que abortei meu mergulho e subi para checar as avarias. Um beijo inesquecível!»

Áthila Bertoncini, beijado pelo mero.

# REDE MEROS DO BRASIL



Em caso de pesca incidental, o Mero deve ser imediatamente devolvido ao mar e as autoridades competentes devem ser acionadas.

[www.merosdobrasil.org](http://www.merosdobrasil.org)



Realização



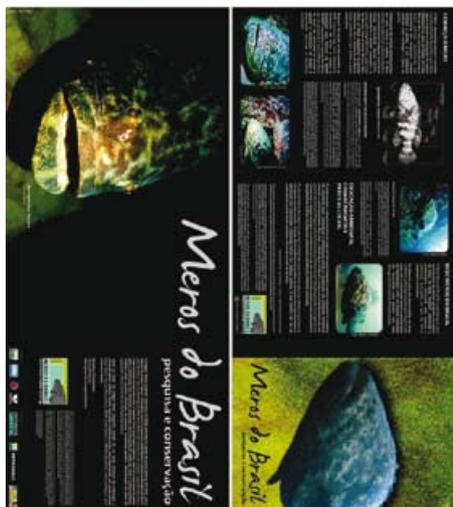
Patrocínio



UNIVALI



Imagem: Michael Peiros, O'Neill - www.meross.com.br - Citeps - Amílcar Brito - www.ambiente.com.br - Estúdio Gráfico



Já viu um MERO?  
Então conta pra gente!

Entre no nosso site  
[www.merosdobrasil.org](http://www.merosdobrasil.org)  
faça seu cadastro e seja um  
pesquisador colaborador.

Contribua diretamente  
com a conservação do  
Senhor das Pedras.

Patrocinado por:



Patrocínio:



REDE  
MEROS  
DO BRASIL

Pesquisa e Conservação  
Gestão Ambiental  
Educação e Comunicação Ambiental

[www.merosdobrasil.org](http://www.merosdobrasil.org)

**REDE MEROS DO BRASIL**

Em caso de pesca incidental, o Mero deve ser imediatamente devolvido ao mar e as autoridades competentes devem ser acionadas.

[www.merosdobrasil.org](http://www.merosdobrasil.org)

Realização: ECOMAR, UNIVALI, PETROBRAS AMBIENTAL, PETROBRAS, BRASIL

Patrocínio: IPETROBRAS AMBIENTAL, PETROBRAS, BRASIL

Imagem: Michael Peres O'Neill - www.mperes.com - Criador: Altria Bortoloni - www.altriaonline.com e Felipe Drexler

[WWW.MEROS DO BRASIL.ORG](http://WWW.MEROS DO BRASIL.ORG)

Guia para Mergulho Contemplativo

**REDE MEROS DO BRASIL**

REALIZAÇÃO: ECOMAR, UNIVALI

PATROCÍNIO: IPETROBRAS AMBIENTAL, BR PETROBRAS, BRASIL

Foto: Rafael Dal Belo  
Produção: Fabiano Grecco, Vinícius Giglio, Paulo Becker/Kappi e Altria Bortoloni

**PETROBRAS**

**MEROS DO BRASIL**

**BR PETROBRAS**

MEROS: ESTRATÉGIAS PARA A CONSERVAÇÃO DE AMBIENTES COSTEIROS MARINHOS DO BRASIL.

REALIZAÇÃO: ECOMAR, UNIVALI

PATROCÍNIO: IPETROBRAS AMBIENTAL, BR PETROBRAS, BRASIL

contato@merosdobrasil.org [WWW.MEROS DO BRASIL.ORG](http://WWW.MEROS DO BRASIL.ORG)

# Vida de pescador (parte 1)

Entrecapítulos 2

## Manoel Cristovão de Santana

Depoimento colhido por Vinícius Giglio Fernandes e Hugo Teixeira

Mais conhecido como Bacaô em Ponta da Areia, o Sr. Manoel (64), é pescador desde os 14 anos. Seu pai morava em Nova Viçosa, casou com sua mãe e foram morar em Ponta de Areia, em Caravelas onde nasceu e foi criado.

Bacaô é pescador de linha e seus pesqueiros são os parcéis. Ele comenta que pesca os peixes do alto como

guaricema, guaiuba e dentão. Quando perguntado sobre o que mudou nos recifes desde quando começou a pescar, ele comenta sobre o sumiço de muitas espécies de peixes devido à pesca descontrolada e as redes de arrasto de fundo, e grandes embarcações de parelha que vinham do sudeste, que jogavam uma grande quantidade de peixes pequenos fora, defasaram muito a pesca.

O seu recado para as futuras gerações é que estudem, pois não dá pra aconselhar ninguém mais a ser pescador. Comenta ainda: “A pescaria hoje em dia não vale a pena, não vale mesmo a pena não. Mas tem uma turma aqui que não tem jeito né, a vida nossa é pescar”.



# Aloísio Barbosa da Silva

Depoimento colhido por Vinícius Giglio Fernandes e Hugo Teixeira

O Sr. Aloísio pesca desde que se entende por gente no sítio onde mora, já há mais de 60 anos! Ele nasceu nas margens do rio Caribê (afluente do rio Caravelas), onde passou a infância. Mudou-se para Caravelas onde se casou por duas vezes. Sua família é toda de Caravelas.

‘Sangue de Jaca’, como é mais conhecido, pesca principalmente pixima, robalo e bagre no rio Caravelas. A pesca do robalo é feita com a ‘camboa’, uma rede de malha pequena que cerca o mangue e é utilizada nas marés mais cheias. Já a pixima é

capturada com linha e os bagres utilizando um tipo de ‘groseira’ (espinhel). Aloísio também capturava meros, mas comenta que hoje eles ‘sumiram’. Segundo ele, antigamente encontrava muitos, sempre próximos a tocos de madeira no fundo do rio: “A gente pegava a isca, colocava no anzol e deixava no mangue, de espera, aí depois de uns 40 minutos uma hora passava lá pra ver”.

Aloísio comenta que muita coisa mudou em Caravelas. Sente saudades da festa de São Sebastião da forma como era feita antigamente: “Hoje é

tudo mais bagunçado”. Segundo ele, no passado só adultos participavam da festa. As mudanças também aconteceram no mangue. Ele denuncia a morte das árvores de mangue, a diminuição da abundância de caranguejos e a grande quantidade de redes nos pesqueiros.

O Sr. Aloísio tem uma importante mensagem para as futuras gerações: “Que respeitem mais o mangue, pois do jeito que está, quando a próxima geração estiver velha, vai faltar peixe de verdade”.



# Manoel Batista

Depoimento colhido por Alberto Santos

Manoel Batista (Neco) pescador artesanal de 52 anos reside no Município de Rio Formoso-PE. Pescador artesanal há 42 anos, trabalha no complexo estuarino do rio Formoso. O complexo (com 12km de extensão perpendicular à linha da costa) conta com o aporte do rio Ariquindá, rio Goicana e rio dos Passos. No rio Ariquindá deságuam os rios Cabrobó, Porto Tijolo, Porto Alegre e União, enquanto no rio dos Passos deságuam os rios Porto das Pedras e Lemenho.

Seu Neco Pescador, como é conhecido na região, é considerado um dos mais experientes pescadores do estuário onde trabalha. O principal apetrecho de Seu Neco é a linha de mão. Com sua canoa de quase seis metros, todos os dias é possível encontrá-lo dentro do rio. Quando a maré não está para a pesca de linha de mão, ele utiliza ainda a tarrafa e a caceia, mas não deixa de fazer a pescaria. Às vezes encontramos Seu Neco na Colônia de Pescadores, onde ele faz parte da diretoria.

Aprendeu a arte da pesca desde cedo. Com dez anos de idade já acompanhava sua mãe, que era maris-

queira, na cata de sururu e unha-de-véio quando ia ao mangue. Enquanto ela catava os moluscos, Seu Neco ficava com uma varinha tentando capturar alguns peixes. Com o tempo, fez a primeira tarrafa: onze palmos de comprimento! Assim, passaram a capturar mais peixes. Seu Neco estava sempre na maré pegando os peixinhos próximos às margens do rio.

A pesca de linha foi a primeira arte que utilizou ainda criança, mas já tinha em mente a vontade de aprender e a importância de utilizar novos apetrechos. Aos poucos começou a pescar com outras pessoas.

Em sua vida de pescador, uma boa referência foi um pescador chamado Baú Firmino, que admirava por ser um homem muito tranquilo, fator que o inspirava a ser igual. Muito do que Seu Neco sabe sobre a pesca aprendeu com a própria natureza. Aprendeu com os peixes mesmo! Aprendeu indo, vendo, tentando e experimentando com o ambiente.

Na comunidade de Rio Formoso, como relata Seu Neco, as mudanças na cultura trouxeram muitos proble-

mas. Com o crescimento da população, foram acabando algumas manifestações culturais que existiam na comunidade, a exemplo da dança de Fandango e Dois de Ouro, que era comemorado todos os anos. Tais mudanças, segundo ele, estão relacionadas com a morte das lideranças culturais do local, acentuadas pela falta de incentivo e interesse dos mais novos em continuar a praticar a cultura deixada pelos familiares.

O maior desafio da profissão, na visão de seu Neco, é entender que a pesca deve ser desenvolvida de maneira cultural, artesanal e social por se tratar de um bem comum a todos. Com o aumento da população, foram aparecendo novos hábitos para capturar os pescados, o prazer de sentir o peixe capturado acabou para muitos, principalmente pra os iniciantes. O uso de defensivo agrícola é intenso, além das bombas, pois é possível escutar as explosões constantemente e a derrubada de madeira do manguezal. Esses fatores são constantemente vivenciados pela comunidade, que pouco pode fazer para inibir tais práticas.



# João Gonçalves Batista

Depoimento colhido por Fabiano Grecco de Carvalho

Nascido e criado à beira da baía da Babitonga, João Gonçalves Batista, o Senhor Jango, pesca desde criança e aprendeu o ofício com o pai, também pescador artesanal. Hoje, com 58 anos, além da vasta experiência em diversas artes de pesca, é detentor de grande conhecimento sobre aspectos bioecológicos não só das espécies alvo de suas pescarias, mas também de espécies da fauna e flora da mata Atlântica que recobrem as morarias em seu quintal.

Pescador de uma época em que

não existiam motores, com emoção ele conta as histórias dos grandes peixes, como os badejões (meros), parambijus e cações, hoje escassos na Babitonga, e se indigna com a degradação da baía, que conhece como a palma da mão, onde aprendeu a pescar e repassou a arte a seus filhos.

O canal do Linguado fechado, provocando o açoreamento da baía, o funcionamento de dragas, o aterro de manguezais e toda a poluição - doméstica e industrial - despejada na Babitonga são algumas de suas maio-

res queixas. A atividade dos “pescadores modernos”, que retiram da água ‘filhotes’ de peixes e em quantidades além das necessárias, também o indignam e entristecem.

Com sua experiência e o carinho que possui por seu local de origem, acredita que união, informação e respeito constituem o caminho na busca por um ambiente equilibrado, em que a baía da Babitonga possa ser recuperada, juntamente com a cultura da pesca artesanal.



# Amaro Lopes

Depoimento colhido por Luciana Santos de Melo

Amaro Lopes. Assim é chamado o sábio pescador artesanal de 90 anos, que traz consigo toda sua experiência. Já cansado, sem enxergar e com voz trêmula, causada pelo tempo, evidencia características marcantes de ter vivido 60 anos no estuário e no mar, desenvolvendo seu ofício de pescador profissional.

Filho de pescador, seu Amaro é natural de Várzea do Una. Começou a pescar desde os 10 anos de idade com seu pai, onde pôde aprender o ofício que lhe daria o sustento e o de sua família por mais de meio século. Considerado um típico camboeiro, passou sua vida dedicando-se à pesca de camboa (fechamento de canal de maré) e cambolé, também chamado de chiqueiro fixo. Viveu todo tempo no lugar, onde pôde observar inúmeras alterações ambientais, sociais e mudanças na confecção e nos petrechos ao longo das décadas. A seguir, ele nos mostra um pouco da trajetória e das transformações ocorridas na pesca e mudanças ambientais que nos configuram outro cenário, diferente daquele que temos hoje.

O sábio Amaro vive há 90 anos em um pequeno vilarejo, hoje com 2.500 pessoas, aproximadamente, chamado Várzea do Una, localizado no extremo sul de Pernambuco. A comunidade pesqueira pertencente ao município de São José da Coroa Grande e possui esse nome pois se localiza na foz do rio Una, um rio com grande relevância para o estado, que percorre, desde a nascente até sua foz, uma extensão em torno de 242 km.

Várzea do Una ainda preserva várias características rudimentares, comparada às demais comunidades pesqueiras desenvolvidas por todo o litoral. Possui um pequeno e importante estaleiro, onde alguns pescadores também desenvolvem a função de calafate. Jangadas a remo são as embarcações mais utilizada no local.

A comunidade de Várzea do Una vive quase exclusivamente da pesca artesanal e o que se vê são pequenos indícios de “desenvolvimento” no vilarejo, resultados de um grande projeto para a construção de um complexo hoteleiro, que afetará diretamente a comunidade tipicamente tradicional.

Seu Amaro Lopes nos informa as inúmeras espécies que eram pescadas com abundância e que hoje são observadas em menor quantidade, sendo algumas não mais vistas. As espécies pescadas na época eram a tainha, carapicu, carapeba, camurim, bagre, saúna e mero. O último, com grande incidência no local em tempos pretéritos, segundo relatos de informantes locais.

O cenário de transformação se atribui, segundo seu Amaro, a vários fatores, como poluição, desmatamento do mangue e o mau uso do ambiente por parte da comunidade local, incluindo o rompimento do istmo da praia, fato que desencadeou e contribuiu para algumas transformações ocorridas na área. A preservação e recuperação da área, seu Amaro considera como sendo responsabilidade de todos, para que possam usufruir por muito mais tempo da beleza peculiar da comunidade pesqueira de Várzea do Una.





*parte 3*

*ÁREAS  
MARINHAS  
PROTEGIDAS*

# Reservas Extrativistas Marinhas

Leopoldo Cavaleri Gerhardinger

As Reservas Extrativistas (RESEX) surgiram no país em meados dos anos de 1980, a partir de um intenso movimento social na Amazônia, na tentativa de reconciliar o uso extrativista da floresta (seringueiros) com a conservação da natureza. Conceitualmente, nas RESEX, o Estado, ou seja, a Nação, concede contratualmente o direito exclusivo de uso e acesso aos recursos naturais de determinada área para uma comunidade tradicional.

A criação de uma RESEX deve, obrigatoriamente, surgir de demandas comunitárias. A gestão deve ser compartilhada entre os diferentes atores locais, mas o balanço de poder deve ser sempre favorável à comunidade extrativista e o papel governamental é de mediação ou facilitação dos processos participativos.

Os principais instrumentos legais atualmente disponíveis para a implementação das RESEX são os conselhos

gestores e os planos de manejo. Os conselhos gestores das RESEX, diferentemente das outras categorias de áreas protegidas brasileiras, possuem caráter deliberativo. Isto significa que as decisões devem ser tomadas no âmbito das reuniões do Conselho Gestor Deliberativo, com 50% + 1 de representação de extrativistas. O plano de manejo, por sua vez, deve ser um documento construído de forma participativa descrevendo os objetivos, metas e meios para o manejo da RESEX.

Hoje, existem dezenas de RESEX Marinhas no Brasil, contribuindo para a manutenção e fortalecimento da identidade cultural dos povos do mar e a conservação da biodiversidade marinha.





# Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé

A RESEX Marinha do Pirajubaé está localizada na Costeira do Pirajubaé, na Ilha de Santa Catarina, Florianópolis (SC). A RESEX foi criada em 1992, sendo uma das primeiras áreas protegidas da categoria Reserva Extrativista, criadas em ambiente marinho no Brasil. A RESEX abrange 1.444 hectares de manguezais e rios, além da porção marinho costeira.

Logo após a sua criação, o próprio órgão ambiental (IBAMA) responsável pela implementação da RESEX permitiu que a construção de uma rodovia, pelo Departamento Estadual de Infraestrutura (DEINFRA), alterasse para sempre a vida dos pescadores e o meio ambiente local.

Inicialmente planejado para ocupar uma faixa de até 200 m do litoral, o aterro construído na Costeira do Pirajubaé acabou por tomar 500 m de importantes pesqueiros da área. Além disto, o sedimento utilizado para o aterro foi dragado de dentro da reserva, eliminando um terço do principal baixio arenoso, o ‘Coração da RESEX’, como dizem alguns extrativistas. No baixio está localizado o

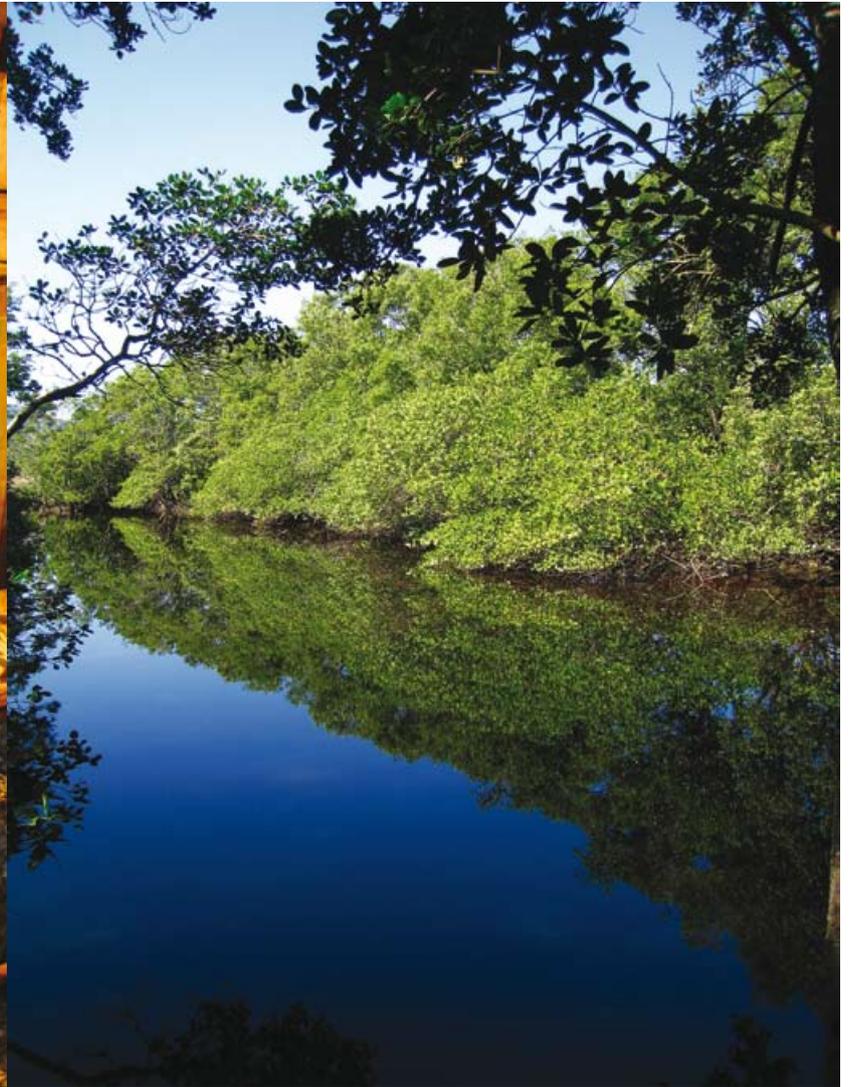
principal estoque de berbigão, molusco da espécie *Anomalocardia brasiliensis* de toda a região, maior fonte de renda daqueles extrativistas que usam a área interna da RESEX.

A Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) realiza, desde 1996, um amplo Programa de Monitoramento Ambiental na Costeira do Pirajubaé, envolvendo várias áreas de pesquisa (peixes, crustáceos, moluscos, manguezais, etc.), com o objetivo de monitorar os impactos e a recuperação da área afetada pela obra de aterro da via Expressa Sul. No mesmo âmbito, em 2007, através do Laboratório de Educação Ambiental (LEA), deu início à implementação do Programa de Educação Ambiental Comunitária (PEAC), sob perspectiva crítica e emancipatória. O projeto foi concebido em parceria com o NMD/UFSC (Núcleo Transdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal de Santa Catarina), e tem o objetivo de fortalecer a participação comunitária na gestão compartilhada dos recursos de uso comum, o PEAC atua na mobilização e reestruturação

dos laços de confiança entre os atores locais, além de criar meios para promover a integração de saberes científicos e tradicionais, facilitando o processo de Gestão Ambiental Participativa da RESEX.

“**A vida do Berbigão**”, história contada a seguir, faz parte da proposta de resgate do conhecimento ecológico local com o intuito de compor um corpo de saberes da comunidade extrativista para o planejamento de modelos adequados de manejo para a RESEX do Pirajubaé. Foi criada a partir de atividades junto ao grupo extrativista, onde cada participante, a partir de seu conhecimento, relata parte da história do berbigão como se fosse o mesmo, de forma a criar a história coletiva que segue.





# A vida do Berbigão

Meu pai e minha mãe estavam no banco de areia quando a temperatura da água subiu. Começaram a soltar ovos e espermatozóides que se juntaram e na corrente da água eu surgi. E onde é que eu vou parar nessa maré que sobe e que desce?

Porque inicialmente eu não tenho casca para ir cavocando o chão, então eu vou flutuando nas ondas do mar até surgir a casca e, num belo dia, encontrar um banco de areia para poder me enterrar. Até essa etapa, a sobrevivência é muito complicada. Além de ter que procurar alimento, ainda vou ter que me esconder para não ser comido por ninguém. E eu tive

a sorte de achar o **Coração da RESEX** para me fixar e poder me alimentar e crescer e estar vivo até hoje!

Onde eu nasci, precisava de terreno limpo, oxigênio, alimento para me desenvolver e crescer. No banco que eu nasci e vou viver minha vida, tem muita poluição: óleo de motor de embarcação, materiais como latas, garrafas, vidros, coisas que o ser humano jogou, pneu. Isto tudo ofende a minha vida, lata, óleo e alguns esgotos. A nossa casa, que é o banco de berbigão, vive extremado com a base aérea e ela está jogando esgoto em cima do banco.

Existem outras espécies de berbi-

Aristides Avelino Raulino  
Emerson Luiz de Souza  
Evaldo Euclides do Nascimento  
Fabricio Gonçalves  
Fabrício Tavares Martins  
Frutuoso Genesis Lopes  
Janaina  
Leci Amandio Dias do Nascimento  
Leonardo Manoel de Souza  
Maria Regina Lopes  
Rafael Lopes  
Rita de Cassia Souza  
Rosimeri de Sá

gão. Tem a *manja* (a crespá), a lambreta. A manja existe aqui no nosso banco, mas fica mais profundo na areia. Tem o violão, o canivete (que é um comprido e que corta os pés dos homens), a *mijadeira*, são tudo família do berbigão e moram aqui também.

O meu ciclo de vida dá para ler



pelo conjunto de anéis que tem na casca, quantos anos eu tenho e o que se passou na minha vida. Fica uma marca mais forte separando cada conjunto, o máximo de vida que chegamos são três anos e meio a quatro anos.

Daqui a um ano, ou um ano e meio, vou ficar fértil e fazer minha desova. Nossa época de reprodução vai de novembro a março e fazemos de três a quatro desovas por ano. O pico mais forte de desova é o mês de dezembro. Em dezembro estamos bem ovados e desovamos mais na época de Lua Cheia. Quando desovamos, ficamos muito magros e quando a desova é muito forte, às vezes chegamos até a morrer. Nessa época, usamos toda a nossa energia para desovar!

A nossa proteção na época é o fumo. É uma pigmentação que tem na carne, nos deixa apimentados e com gosto amargo. É como a maré vermelha no marisco, mas não causa nenhum mal, só que queima a garganta das pessoas. Isto se dá quando desovamos e isto acontece mais no inverno, quando estou muito magro.

O berbigão idoso (o maior) só desova uma vez ao ano ou no máximo duas, e às vezes muitos nem desovam. Na fase jovem não desovam, na fase adulta chegam a desovar até quatro vezes.

Das várias desovas vão formando várias camadas de assentamento. Tem três camadas. Os mais grados estão na camada de baixo, os médios na intermediária e os mais novos estão na de cima, e acabam sufocando os de baixo. Quer dizer, só eles estão se alimentando, os do meio e os debaixo não estão alcançando o alimento e os debaixo vão morrer. Só sobrevivem os de cima. Se o extrativista não mexer bem ali agora, futuramente vai virar um casqueiro puro.

Eu, *Berbigão*, hoje estou sobrevivendo porque existe este manejo.... Se tira um pouco aqui, um pouco ali e deixam em faixas. Daqui a algum tempo (três meses) eles voltam e o berbigão que ficou no miolo, que não tiraram, espalhou e cresceu mais e mais rápido.

Eu, como *berbigão*, estou sobrevivendo devido ao manejo, meio avacalhado, mal distribuído, é verdade, mas que continua sendo feito e nos ajuda na nossa manutenção, pois evita a mortandade pelo sufocamento.

Mas, o que me mata mais, é que quando o gancho passa e é batido, os miudinhos que passam pela malha ficam acumulados em montes... Os que estão por cima do monte não conseguem alcançar a areia para se enterrar e morrem, por isso o extrativista

precisa nos espalhar na areia. Também me ameaça os ganchos *miudeiros* que retiram os filhotes antes de desovar.

O que me deixou muito triste é que a construção da via Expressa destruiu meu espaço. Até os meus parentes distantes hoje não existem mais, como o camarão. Se vier outra draga, pode acabar com o lugar onde vivo.

Eu era livre e feliz, vivia livremente, até ser o sustento de muitas famílias da Costeira do Pirajubaé. Mas eu jamais imaginava isso... Pena que alguns extrativistas não sabem me manejar. Estamos acabando por falta de cuidado. Através de um bom manejo, posso continuar existindo por muito e muito tempo.

Sou importante para a população extrativista da Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé pelo sustento de muitas famílias, para que eles criem seus filhos adequadamente. Um modo de vida um pouco precário, mas digno, sem precisar buscar outros jeitos fora das regras.

Sou também alimento de outros peixes, como o *buriquete*, o baiacu amarelo e também o *ouriço* e a *greluda*. Se sou alimento para outros peixes e animais, que são alimento para as pessoas, eu entro na cadeia alimentar da RESEX.

<sup>2</sup>Equipe Projeto: José Matarezi (Coordenador) Renata Inui, Leopoldo Cavaleri Gerhardinger, Cátia Hansel, Melissa Vivacqua, Marcio José de Novaes

# Reserva Extrativista do Cassurubá

Barbara Demmer  
Leopoldo Cavaleri Gerhardinger

*Às 03:00 horas da manhã eu acordo, faço o café, a farofa, pego minha linha, o anzol, o samburá e vou a caminho do porto, onde fica minha batera. Às vezes vou sozinho, tem dias que vou com um dos meus filhos. Chegando ao porto empurro minha batera às margens do rio para minha pescaria, que é dentro do rio mesmo. Tem dias que faço uma boa pescaria, mas às vezes não pego nem pra comer (Raul Rocha).*

O dia a dia de Raul Rocha é parecido ao dos muitos pescadores de Caravelas que trabalham de sol a sol dentro da área da RESEX do Cassurubá. Mora com a mulher e um dos dez filhos em uma pequena casa localizada na rua do Ceará, em Ponta de Areia, e vive da pesca “desde que se entende por gente”. Com o passar do tempo, diz, a quantidade de peixes foi diminuindo. Permaneceram os problemas de distribuição, comercialização e armazenamento. Com menos peixes no mar e uma grande dificuldade em negociar o seu produto, seu Raul dificilmente consegue mais do que R\$ 450,00 por mês para o sustento da sua família.

No extremo sul do estado da Bahia, entre as cidades de Caravelas e Nova Viçosa, situa-se um dos mais importantes manguezais da costa brasileira.

A região possui a maior biodiversidade marinha do Atlântico Sul Ocidental e é considerada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) como área de extrema importância biológica para a conservação da biodiversidade costeira e marinha no Brasil. Uma porção dos ecossistemas apresenta-se protegida por unidades de conservação federais, como o Parque Nacional Marinho (PNM) dos Abrolhos, a RESEX do Corumbau e do Cassurubá e a Área de Proteção Ambiental Estadual (APA) da Ponta da Baleia.

A região do Cassurubá é conhecida como o berçário da fauna marinha do PNM dos Abrolhos. Vale lembrar que uma intrínseca conectividade e relação de interdependência existe entre os recursos marinhos costeiros (ex.: recifes de coral e estoques de peixes) e os manguezais do extremo sul da Bahia, especialmente aqueles

do estuário do rio Caravelas. Esses últimos funcionam como abrigo e berçário para muitas espécies de peixes que sustentam importantes pescarias e a economia pesqueira em todo o litoral sul da Bahia.

Contudo, os ecossistemas estão ameaçados pela ação humana. Entre os exemplos, estão a supressão da mata ciliar nas bacias que desembocam na região; expansão da monocultura do eucalipto e consequente lixiviação de agrotóxicos para a bacia hidrográfica; expansão urbana com a supressão de áreas de mangue e iniciativas de grandes empreendimentos de carcinicultura; dragagem e ressuspensão de sedimentos próximos aos recifes de coral, entre outros.

Foi exatamente para preservar os manguezais, peixes e caranguejos, que a Associação de Marisqueiros de Ponta de Areia e Caravelas (AMPAC)

solicitou a criação da RESEX do Cassurubá, no dia 12 de janeiro de 2005. Naquela época, muita gente estava vindo de outras regiões para extrair caranguejo no Cassurubá, usando métodos destrutivos como a redinha, causando a morte desnecessária de centenas de animais. A RESEX era assim também, uma forma de garantir que somente os pescadores que ali moravam pudessem usufruir e cuidar dos recursos naturais.

Em 2005 também veio a público a notícia da possível implantação de um empreendimento de carcinicultura de grandes proporções em Caravelas, o que desencadeou na cidade um acirrado debate sobre o modelo de desenvolvimento que ela deveria seguir. A proposta era a de instalar

na cidade grandes tanques de cultivo de camarões exóticos (1.500 hectares) em cima das restingas e manguezais do rio Caravelas. Diante da possibilidade do projeto trazer graves prejuízos ambientais, socioeconômicos e culturais para Caravelas, muitas pessoas e instituições também se mobilizaram em favor da criação de uma Reserva Extrativista na região.

Finalmente, depois de muita luta, no dia 05 de junho de 2009, dia mundial do meio ambiente, foi assinado o decreto de Criação da Reserva Extrativista do Cassurubá.

No Cassurubá vivem grupos com formas próprias de organização social, que usam os serviços ambientais para sua reprodução cultural e eco-

nômica. Suas práticas e saberes são transmitidos pela tradição, na relação equilibrada com a natureza. As expectativas são muitas e aposta-se num desenvolvimento socioeconômico inclusivo, já que a cultura local e a autoestima da população serão valorizadas pela RESEX.

O espaço de trabalho e de renda de milhares de pessoas que vivem da pesca e da mariscagem em Caravelas e Nova Viçosa está finalmente garantido. Mas a importante batalha de centenas de pescadores e marisqueiras não chegou ao fim. Agora é preciso criar o Conselho Gestor Deliberativo e o Plano de Manejo Participativo, principais instrumentos para efetivamente implementar a RESEX.



# Reserva Biológica Marinha do Arvoredo

Áthila Andrade Bertoncini

O arquipélago do Arvoredo, na costa do estado de Santa Catarina, é formado pelas ilhas da Galé, Arvoredo, Deserta e Calhau de São Pedro, além de diversos parcéis submersos, como a Pedra Nocetti e o Parcel da Deserta. A distância de aproximadamente 11 km da costa proporciona as águas mais transparentes da região, podendo chegar a 20 metros de visibilidade nos melhores dias do ano.

A abundância de costões rochosos aliada às correntes e massas d'água características da região (Corrente do Brasil, Corrente das Malvinas, águas costeiras e tropicais e a Água Central do Atlântico Sul) fazem do arquipélago um local onde espécies recifais tropicais e subtropicais encontram condições favoráveis para prosperar, proporcionando elevada riqueza de espécies de peixes (mais de 200 espécies) e outros organismos marinhos.

Ainda no final da década de 1980, toda esta exuberante natureza presente na diversidade de cores e formas de vida do arquipélago já chamava atenção de muita gente, o que levou à publicação do Decreto Federal Nº 99.142/90 em 12 de março de 1990 que criou a Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (REBIOMAR), a segunda da categoria no país, com 17.600 hectares de superfície incluindo as ilhas Deserta, Galés, o calhau de São Pedro e parte da ilha do Arvoredo.

Porém, a criação de uma área protegida fora de um processo participativo, como muitas outras no país, transformou a REBIOMAR em sinônimo de conflito, especialmente para os praticantes da pesca e do mergulho na região. Pescadores, tanto artesanais, esportivos (incluindo aqui a pesca subaquática) como industriais,

que sempre tiveram o arquipélago como oásis, não vêm com bons olhos, até hoje, a criação da área marinha protegida.

Ainda na década de 1990, o acesso por turistas do mergulho foi tolerado e, especialmente no verão, centenas de pessoas visitavam a REBIOMAR, o que conferiu à mesma o título de “melhor *point* de mergulho no sul do Brasil”. Em 2003, a lei fez-se valer e o mergulho foi definitivamente proibido. Apenas 14 anos após a criação, em 2004, foi publicado o Plano de Manejo da REBIOMAR, - documento construído de forma participativa, ainda que tardiamente, o qual define as diretrizes de gestão e implementação da reserva. No entanto, desde sua publicação, infelizmente pouco foi posto em prática por conta de processos burocráticos e pela falta de recursos humanos e financeiros.





As Reservas Biológicas têm como objetivo a preservação da vida e demais atributos naturais existentes dentro de seus limites, sem interferência humana direta ou modificações ambientais. Dentre as categorias de Unidades de Conservação, a Reserva Biológica é a mais restritiva de todas, e seu objetivo maior é garantir que uma parcela das populações marinhas sejam resguardadas dos impactos causados pelo homem – seja pelo turismo, pesca ou poluição - para que no futuro contribuam com os estoques pesqueiros de áreas adjacentes, como as tantas ilhas e costões ao longo da costa catarinense.

Muitos atributos justificam a proteção do arquipélago, desde ordem arqueológica, ecológica - como o único banco de algas calcáreas no sul do Brasil - e ainda social e estratégi-

ca. Inscrições rupestres (itacoatiaras) são vestígios evidentes da ocupação humana que data de 2.000 a 4.000 anos atrás. A conservação da fauna e flora emersa e submersa é importante elemento para a manutenção da biodiversidade local que, de fato, necessita de proteção e estudo. No entanto, é imprescindível que meios adequados figurem mediando atividades humanas e proteção ambiental.

Apesar dos estudos desenvolvidos sobre os peixes da REBIOMAR mostram que hoje abriga maior número de espécies, bem como maiores densidades de espécies de importância comercial, como a garoupa (*Epinephelus marginatus*), os resultados são insuficientes para a reserva, que está prestes a completar 20 anos de existência.

Monitorar a REBIOMAR é o passo fundamental para conhecer sua efetividade quanto à proteção dos recursos que abriga. O conhecimento do status destes recursos – objetivo maior de qualquer unidade de conservação – fornece subsídios para futuras discussões quanto aos caminhos a serem seguidos na criação de novas unidades de conservação, onde a participação das comunidades tradicionais afetadas seja valorizada e incluída no processo, tornando a gestão participativa uma realidade em meio a tantas dificuldades existentes nos órgãos fiscalizadores. Contudo, enquanto programas educacionais de longo prazo não vigorarem e os esforços de fiscalização não se intensificarem, a REBIOMAR continuará aquém dos resultados que deve e pode proporcionar.

# Reserva de Fauna Baía da Babitonga

Fabiano Grecco Carvalho

Tramita desde 2005 a proposta de criação de uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável na baía da Babitonga, um dos mais importantes complexos estuarinos do sul do Brasil e que abriga cerca de 80% dos manguezais do Estado. A Reserva de Fauna Baía da Babitonga (RFBB), cujo projeto abrange, além da baía, também uma porção do oceano adjacente, tem como principais objetivos a conservação de espécies da fauna marinha ameaçadas de extinção, como as toninhas (*Pontoporia blainvillei*) e os meros (*Epinephelus itajara*), bem como a conservação de estoques pesqueiros, a promoção do ecodesenvolvimento e a manutenção da qualidade de vida das populações locais.

O processo de criação da RFBB enfrenta diversos entraves devido a uma série de conflitos de interesses. Representantes dos setores industrial e portuário não concordam com a implementação da Unidade de Conservação (UC) e se somam a governantes e líderes comunitários descomprometidos, que têm se empenhado na disseminação de informações equivocadas, confundindo e manipulando a opinião popular de acordo com seus interesses nada inclusivos e concentradores de renda.

Buscando o esclarecimento da proposta da RFBB e o engajamento da participação popular nas decisões relacionadas ao ambiente local, a **Rede Meros do Brasil** vem atuando em parceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/Centro de Pesquisas Gestão de Recursos Pesqueiros

do Litoral Sudeste e Sul (ICMBio - CEPSUL) e outras instituições da sociedade civil organizada no esclarecimento de dúvidas quanto às categorias de UC.

Através de reuniões nas comunidades do entorno da baía da Babitonga, as potencialidades da implantação da RFBB na perspectiva do desenvolvimento sustentável e da gestão participativa têm sido apresentadas e discutidas. Estas ações vêm resultando no discreto aumento da aceitação da proposta.

Com estas atividades, nós (muitos pescadores e maricultores já esclarecidos dos benefícios da UC, pesquisadores e ambientalistas) esperamos que cada vez mais pessoas concedam a devida importância à proteção deste singular criadouro, refúgio da vida marinha e mantenedor de culturas ancestrais, que é a baía da Babitonga.





# Vida de pescador (parte 2)

## Entrecapítulos 3

### Na pesca, uma lição de vida

Depoimento colhido por Maíra Borgonha

Seu Antoninho, como era conhecido pela comunidade de pescadores artesanais da Praia da Enseada, chegou ao lugar de mesmo nome já depois de uma vida bastante sofrida na agricultura, em meados de 1968. Na ocasião de minha conversa com ele, estava no auge de seus 87 anos. Com lucidez esplêndida e conhecimento enciclopédico, Seu Antoninho, que carregava o título de pescador mais antigo da Enseada, acompanhou meio século de modificações na localidade, como o surgimento da atividade turística, a partir da década de 1960, e o declínio da atividade pesqueira depois dos anos de 1980.

Por meio da reprodução de trechos de uma entrevista concedida por ele para um trabalho de conclusão de curso, realizada em abril de 2005, apresenta-se a seguir um pouco de sua vida. Durante a entrevista, ele fala sobre a relação de carinho com seu lugar, as modificações ao longo do tempo, seus esforços para que a história da Enseada não se perca e nos dá uma importante lição de reciprocidade e respeito com a natureza.

#### A preocupação em resgatar a história

*“Todo lugar tem uma história (...) mas a Enseada não tem uma história (...) porque ninguém escreveu nada naquela época (...). É por isso que eu estou fazendo esse levantamento de lá, do Ervino, até o Acaraí, até a margem do rio, para que o povo, a nova geração que vem, possa dizer: ‘– Olha aí! Hoje é um matão, mas aqui morou gente’ ”.*

#### Declaração de amor à praia da Enseada

*“Eu gosto de morar aqui porque eu acho que aqui eu acertei (...). Aqui eu não estou rico mas eu não devo nada pra ninguém. (...) Que não é só rico que vive bem. Pobre também vive bem. Sabendo equilibrar a vida ele vive bem. E eu equilibrei a minha vida, não posso me queixar. (...) Eu estou com essa idade, estou andando, estou falando, né? Eu tenho uma mentalidade boa. Então eu não tenho do que me queixar”.*



### A visão sobre a pesca artesanal

*“E a pesca ainda é uma profissão boa, uma profissão muito boa se organizada ela direitinho, o pescador ainda vai viver bem. Por que preço tem, pescador tem preço, por que o pescador não ganha dinheiro? Porque não tem peixe. (...) E nós temos diminuição de tudo, tudo vai diminuindo, por tempo né! Daqui a trinta anos, o que será que vai ter mais? Tem muita coisa que hoje tem que daqui a trinta anos não vai ter mais. (...) Daí vai fazer falta tudo isso”.*

### O olhar sobre a natureza

*“A natureza, ela não acaba, só que ela se retira do homem, né, ela se afasta. O homem vai matar qualquer coisa que seja: peixe, caça, árvore, o que for, o homem vai atingindo, e ela vai se afastando, vai diminuindo, e aí vem a falta que nós temos hoje”.*

### Uma importante lição

*“Porque não precisa ser doutor para saber se botar as coisas certo. É só você ter visão, saber respeitar os outro, e pensar o que é que pode acontecer”.*

Seu Antoninho nos dá o emocionante relato de um pescador artesanal, que acreditava, acima de tudo, no cuidado com a natureza e na importância que a pesquisa tem ao possibilitar melhorias nas condições atuais que a pesca enfrenta. A Rede Meros do Brasil gostaria de prestar suas sinceras homenagens aos familiares e amigos de Antônio Zuzarte, estimado Seu Antoninho, falecido em maio de 2006.

# Nivaldo E. do Nascimento

Depoimento colhido por Vinícius Giglio Fernandes e Hugo Teixeira

Morador da zona ribeirinha desde os 11 anos, Nivaldo, 44 anos, é conhecido como Vadi do Massangano, na zona ribeirinha de Caravelas (BA). É pescador desde os 19 anos. Sua pescaria é realizada no mangue, com rede de camboa. Captura várias espécies, as mais comuns são o robalo, carapeba, parú, tainha, vermelho e cangaúá.

Vadi afirma que a quantidade de usuários no mangue aumentou muito, existem muitos usuários na mesma área, que estão tirando pescado demais. Ainda comenta: *“Tudo tá desaparecendo, peixe, marisco, camarão, caranguejo, tudo! Quando eu cheguei por aqui, tinha muita fartura, você ia no rio pescar e voltava*

*com a canoa cheia. Tinha muito mero por aqui”*.

Segundo ele, o desemprego nas cidades e a falta de controle e fiscalização colaboraram com o aumento de pescadores no manguezal: *“É a necessidade deles que obriga eles a fazer isso”*.

O seu recado para as futuras gerações é para terem mais cuidado com o meio ambiente: *“É pra ter um pouco de cuidado com o meio ambiente, pra eles ter um controle senão no tempo deles o que nós achamos hoje não vai achar nem um terço da metade, daqui a 30, a 20 ano não vai ter mais nada porque tem muita gente usando”*.



# Alberto da Silva Santos

por Alberto da Silva Santos

Meu nome é Alberto da Silva Santos, tenho 33 anos, moro em Tamandaré desde 1986. Fui pescador artesanal, que viu através do contato com o mar a oportunidade de vencer as dificuldades da vida. A pesca de subsistência sempre foi praticada por minha família, nos rios da cidade dos Barreiros, meus pais saíam de casa com um puçar e um balaio feito de cipó para pescar, e voltavam sempre com alimentos para os filhos. Quando nos mudamos para Tamandaré, conheci um amigo cujo pai era pescador, então todos os dias, estávamos à beira mar esperando o desembarque dos pescados pra ganhar uns peixinhos. Certo dia, o pai de meu amigo, senhor Beo de Bata-ta, pescador, me convidou pra ir com ele na pescar camarão.

Foi então que comecei na pesca de camarão. Tinha apenas doze anos de idade e mal tinha forças pra puxar as redes. Eu era mais útil na hora de separar os camarões dos peixes. Na realidade foi essa a minha função a bordo do barco Bernardo: catador de camarão ou auxiliar de pesca. A minha ida para a pesca se deu mais por consequência da separação de meus pais e pela necessidade alimentar na família. Éramos oito irmãos. A casa tinha muita gente e tudo era muito difícil. Antes de ser pescador trabalhava com a minha mãe, dona Madalena, no corte de cana-de-açúcar. Dos sete aos quinze anos trabalhei com ela na agricultura canavieira, com alguns intervalos, foi quando comecei a pescar.

Vendo o esforço de minha mãe para ajudar meu pai a criar os filhos, se tornou meu maior sonho um dia

dar condições para que ela não mais precisasse estar naquelas condições. Foi esse sonho que me motivou a estudar. Mesmo com as dificuldades, após cada dia cansativo de trabalho no canavial ou na pesca, no final encontrava forças pra ir à escola, embora muitas vezes dormisse durante a aula, mas estava lá na certeza de concluir pelo menos o Primeiro Grau escolar. Em 1994 ingressei no Exército, onde permaneci até 2000. Quando terminei o tempo de serviço militar, voltei pra minha cidade. Foi quando em 2001 participei do programa de capacitação oferecido pelo Projeto Recifes Costeiros para a comunidade de Tamandaré.

Em Março de 2002 voltei a trabalhar com pescadores, desta vez na administração da Colônia de Pescadores de Tamandaré, através de acordo de colaboração entre o Projeto Recifes Costeiros e a Colônia Z-5, para coleta de dados da captura e organização das atividades pesqueira. Foi a partir daí que comecei a me motivar em ampliar os estudos. Por estar trabalhando em um projeto que recebe muitos alunos de universidades, percebi que deveria ir mais longe, buscar novos horizontes, foi quando tentei o vestibular. Hoje sou Biólogo, sei que o caminho é muito longo, mas com fé em Deus, coragem e determinação, eu cheguei até aqui.



## João Heleno

Nascido em Ilhéus, João Heleno, 72 anos, vive na Tapera, zona ribeirinha de Caravelas. É pescador há 53 anos e, até hoje continua pescando. Ele conta que desde quando chegou a Caravelas se tornou pescador. Sua pescaria é feita com rede: *“minha redinha é pouca também, só pra matar meu peixinho mesmo, né!”*. Experiente no assunto, conta que já pescou de linha, tarrafa e groseira e que no rio pega cangatã, pixima, mero, parú, carapeba e muitos outros peixes.

João Heleno comenta que no município, as festas e manifestações culturais estão se acabando e as pessoas estão mudando de religião. *“Hoje em dia o pessoal não anima mais, tem muita gente indo pra essas igrejas novas”*.

Os principais problemas ambientais notados são relacionados à diminuição do pescado e marisco. Segundo ele, há poucos anos, vinham muitos catadores de fora que levavam toneladas de caranguejo para o Ceará e Pernambuco. Houve também uma doença que causou grande mortandade, além da coleta com redinha: *“belo dia nasceu uma tal de redinha, essa foi que foi a derrota, o pessoal não queria mais saber de outra coisa”*.

Para as futuras gerações, com ar preocupado, ele aconselha: *“A minha dica é pra parar um pouco, porque tá aumentando o povo e a pescaria tá crescendo cada vez mais, os peixes não tão guentando, aí vai acabando”*.



# *Olímpio Pereira Jackson*

Depoimento colhido por Alberto Santos

Olímpio Pereira Jackson, nascido em 1926, foi pescador artesanal durante 70 anos. Residente na Rua de São José, natural da praia do Gamela, Sirinhaém - PE, Seu Olímpio, como é conhecido em toda região do litoral sul de Pernambuco, tem uma história de vida que está intimamente relacionada com a pesca artesanal. Pescou com várias artes e apetrechos: caceia, tarrafa, linha e mergulho. Filho de pescador, aprendeu o ofício da pesca sozinho, quando ainda muito novo. Casou-se com Dona Lurdes e precisava trabalhar para ter sua própria renda, pois, antes de ser pescador, era agricultor e tinha uma pequena plantação de girimum, feijão e batata de sua família.

Do casamento, vieram seis filhos. Quando mudaram-se para Tamandaré, tinha duas redes de caceia que recebeu do tio, de quem tomava conta das peças de redes e das canoas. Seu Olímpio teve muitas experiências com o mar. Trabalhou nas barcaças carregando açúcar da Usina Trapiche, madeira da cidade de Barreiros, nos barcos da Escola de Pesca e transportou marinheiros em treinamento pra Maceió, até quando conseguiu comprar seu primeiro barco motorizado.

Em sua trajetória de pescador, acha que nunca vai esquecer o dia em que foi para o mar e, em vez de peixes voltou com um boi. Isso mesmo. Seu Olímpio já “pescou um boi”, que apareceu nadando na área da pesca de camarão e daí foi capturado por ele e seu filho Wericke.

Em 1960, através de denúncias na Capitania dos Portos, conseguiu impedir a coleta de recifes de corais, que serviam pra produzir cal. Foi odiado pelas pessoas que praticavam tal ato, mas valeu a pena como relata.

Quando se associou à Colônia de Pescadores, tornou-se um grande colaborador de sua classe. Foi presidente e interventor durante 17 anos. E recorda das festividades existentes na sua época, lamentando não haver mais nos dias atuais.

A mensagem que Seu Olímpio manda para a geração de hoje é que acabem com a pesca de espeto (pesca de arpão) e que haja fiscalização para impedir os que desrespeitam a natureza, pois, do jeito que as coisas vão pouco tempo resta pra acabar o que ainda existe.





**Rede Meros do Brasil**  
[www.merosdobrasil.org](http://www.merosdobrasil.org)

REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



CONSERVAÇÃO PESQUEIRA  
**MEROS DO BRASIL**



*parte 4*

*LUTAS E  
CONQUISTAS*

# Arrasto de praia em territórios litorâneos urbanos: entre declínios e resistências

Carina Catiana Foppa  
Rodrigo Pereira Medeiros

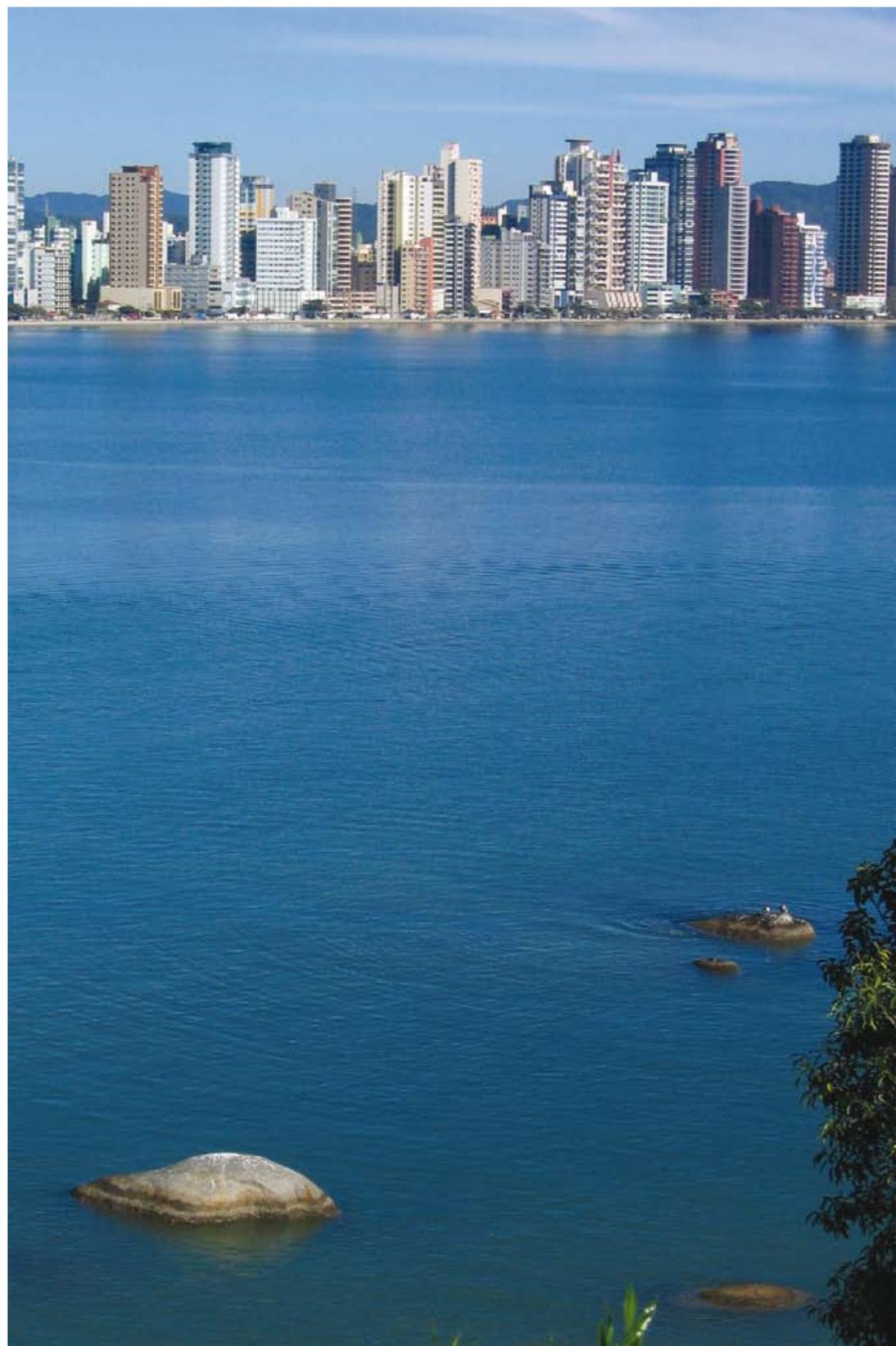
O arrasto de praia é uma atividade de grande importância para as comunidades pesqueiras artesanais no litoral de Santa Catarina. Na praia Central de Balneário Camboriú (SC), fica evidente uma situação de declínio e resistência aos impactos causados pela especulação imobiliária. A consolidação urbana voltada exclusivamente ao turismo foi, aos poucos substituindo as atividades dos pescadores artesanais.

É uma pescaria tradicional, realizada por um sistema coletivo, marcado por fortes laços familiares, de solidariedade, partilhando com os participantes os peixes capturados. Possui um ritual de espera dos cardumes, de respeito ao mar e aos saberes cultivados entre gerações.

Também chama a atenção a presença de relações pessoais e comunitárias estabelecidas e vivenciadas por esses grupos, que constituem a base de existência da atividade. O forte sentimento de pertencimento ao lugar e o senso de comunidade estão ameaçados pela desvalorização da atividade, que fragilizou as relações, o fortalecimento da identidade individual e coletiva dos pescadores, bem como a manutenção do conhecimento tradicional.

*Hoje eu vou na Barra Sul, eu corro essa praia toda, eu não vejo ninguém pra dar bom dia, boa tarde, boa noite, seja lá o que for. Não tem ninguém do lugar, hoje é só gente estranha. Não acho ninguém do lugar pra dar bom dia (Pescador, 66 anos, pesca desde os oito anos)*

Os grupos foram forçados a residir distantes da praia, onde os ranchos de pesca, local de referência para os mes-



mos, foram gradativamente substituídos por construções e serviços ligados ao turismo.

*Tinha, tinha rancho. Prefeito carregou tudo. Não deixou mais fazer... Ele mandou prender tudo isso ai. Ele não queria rede aqui na praia. Queria nada, não queria que ninguém pescasse (...)* Em Itapema tem rancho, em Bombas, Bombinhas, Canto Grande tem rancho. Isso é uma atração turística né? Atração pro turismo (...) todas as praia têm (...) toda praia tem rancho, aqui nós não podemos ter, será? Por que não tem? Fica tudo jogado na praia. Não

*custa quinhentos conto, mil reais uma rede dessa, uma canoa hoje de fibra custa cinco, dez mil reais. Tu não compensa gastar esse dinheiro pra tá aí na praia jogado. Eu tenho duas rede lá na praia, tá emborcada lá, consertando, então fica tudo jogada na praia, não tem um rancho pra colocar. Segunda-feira cheguei pra pescar, cheguei a canoa abriu, rachou de fora a fora, um pedaço. Turma de desgraçado, o turista aí vão lá, botaram o pé em cima, tive que gastar quase 200 conto pra arrumar ela. Tive que comprar ferro, corda, parafusar tudo. Fica lá na praia jogado, quebro o remo, corto a corda, quebro tudo. Corda minha já roubaram*

*um monte, não do conta a comprar (Pescador, 66 anos, pesca desde os oito anos).*

O pescador convive ainda com as dificuldades para superar a falta de peixes. Resiste de forma pacífica e jamais passivamente, numa luta diária, silenciosa e solitária. Mas ele se alimenta da esperança de que o novo dia o presenteie com rede farta. A fartura que simboliza o orgulho de ser pescador, a importância do saber tradicional e do profissional que alimenta muitas famílias<sup>1</sup>.



# Mapeamento dos Conflitos Sócio-ambientais e Carcinicultura na Bahia

Erika de Almeida  
Cecília Mello

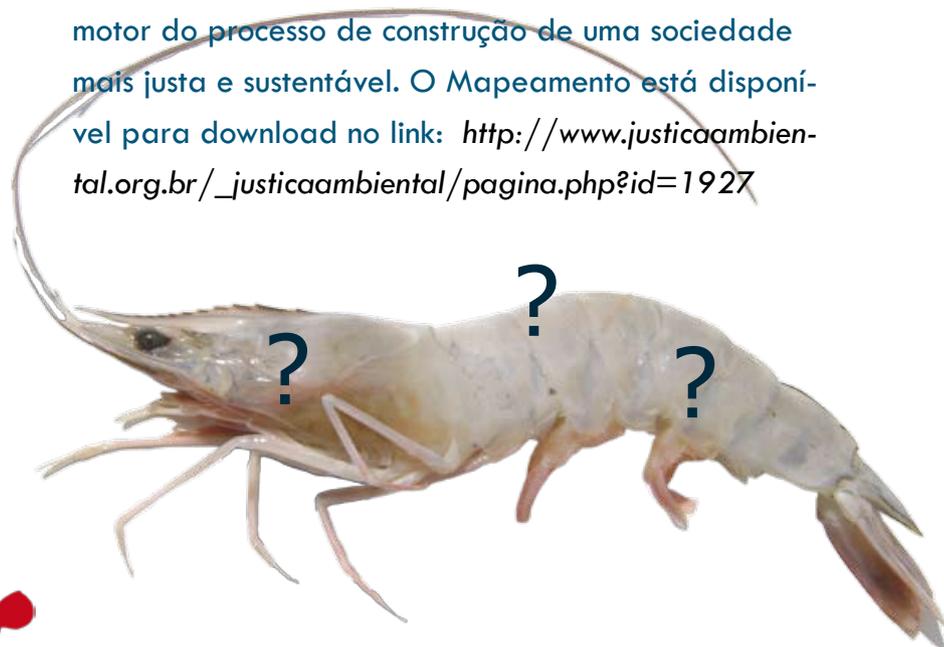
O *Mapeamento dos Conflitos Sócio-ambientais relativos à Carcinicultura no Estado da Bahia*, uma das atividades da Rede Mangue Mar em 2008, deu visibilidade a conflitos ambientais causados pela expansão da produção de camarão em cativeiro, ou carcinicultura, que vem se apropriando de forma privada e causando impactos negativos em territórios de uso comum. A carcinicultura em larga escala, além de promover danos à conservação ambiental, compromete a cultura e o modo de vida dos grupos extrativistas e populações tradicionais.

A pesquisa focou nos seis municípios baianos mais impactados pela carcinicultura: Canavieiras, Salinas da Margarida, Santo Amaro, Jandaíra, Valença e Caravelas - este último como exemplo de resistência ao maior empreendimento já proposto no Brasil. Em todos os casos estudados observou-se o desmatamento dos manguezais; escape da espécie exótica do camarão *Litopenaeus vannamei* para os estuários; assoreamento do manguezal e de áreas úmidas onde muitas espécies se reproduzem; destruição de alevinos durante o bombeamento das águas; interrupção dos fluxos de maré, salinização dos bosques de mangue e contaminação das águas pelos efluentes sem tratamento lançados pelas fazendas. Além disso, observa-se a instalação de cercas e a presença ostensiva de cães ferozes e seguranças armados, que bloqueiam os caminhos tradicionais e áreas de trabalho dos extrativistas.

Muitos pescadores, funcionários do IBAMA e de ONGs sofreram ameaças de morte por se oporem à instalação das fazendas, pelo menos dois pescadores sofreram atentados e um foi torturado e assassinado por seguranças de uma grande fazenda em Salinas da Margarida. Os trabalhadores das fazendas também são afetados pelos produtos químicos empregados de forma indiscriminada.

As fazendas de camarão são grandes geradoras de desemprego onde se instalam, uma vez que afetam de forma direta e irreversível o prolífico ecossistema manguezal. Observa-se que as populações tradicionais estão mais expostas aos danos gerados por esta atividade poluidora, que adentra de modo violento seus espaços de vida, moradia e trabalho, afetando negativamente suas possibilidades de reprodução econômica e cultural.

A Rede Mangue Mar entende que conflitos como este não devem ser ignorados, mas sim tomados como o motor do processo de construção de uma sociedade mais justa e sustentável. O Mapeamento está disponível para download no link: [http://www.justicaambiental.org.br/\\_justicaambiental/pagina.php?id=1927](http://www.justicaambiental.org.br/_justicaambiental/pagina.php?id=1927)



# Rede Mangue Mar Brasil

*“Pra se dançar ciranda, juntamos mãos com mãos,  
formamos uma roda, cantando uma canção,  
cantando uma canção...”  
(Domínio público –música da cultura popular brasileira)*

No dia 13 de dezembro de 2007, na comunidade de Acupe, Santo Amaro, BA, reunindo representantes de comunidades, pesquisadores e instituições de mais 13 estados costeiros, foi consolidada uma articulação histórica no país, batizada como Rede Mangue Mar Brasil<sup>1</sup>.

A Rede Mangue Mar Brasil (RMMB) nasceu da convergência entre o amadurecimento das relações entre os diversos atores e atrizes envolvidos nos processos de luta em defesa dos povos do mar e do man-

gue e da necessidade de fortalecer esse movimento diante de tantas ameaças à zona costeira e marinha brasileira.

Nesse sentido, a RMMB escolheu como objetivos apoiar e fortalecer as lutas de mulheres e homens, povos do mar, dos manguezais e da costa brasileira; promover uma maior circulação e disseminação de informações; construir e compartilhar experiências positivas de resistência e ações que não tem visibilidade; denunciar todo tipo de agressão aos ecossistemas ma-



rinhos e costeiros; socializar conhecimentos científicos, técnicos e populares buscando integrar, valorizar e respeitar os saberes a favor da sustentabilidade; alertar a sociedade sobre a relação direta entre desigualdade social e ambiental; incentivar ações coletivas e articuladas dentro de fóruns nacionais, agendas locais, representações; tendo em vista o fortalecimento e a articulação das populações tradicionais e atuar na criação e estruturação de unidades de conservação, considerando as contribuições e anseios das comunidades tradicionais envolvidas.

Entre as ações da Rede, estão previstas a construção de campanhas (por exemplo, de consumo consciente e de valorização e reconhecimento dos povos tradicionais); a realização de intercâmbios entre as comunidades para as trocas de experiência; a atuação em conselhos e outras instâncias de participação da sociedade civil na formulação de políticas públicas; o monitoramento das políticas e investimentos públicos voltados para a zona costeira; a difusão de práticas sustentáveis; o estímulo à elaboração de diagnósticos protagonizados pelas comunidades; a articulação do enfrentamento à carcicultura e a socialização de informações e conhecimentos sobre os manguezais e os povos do mar.

A Rede Manguê Mar Brasil entende que a rede são as pessoas que a compõem e não uma estrutura externa aos sujeitos que vem para trazer soluções. A Rede Manguê Mar Brasil não pretende de modo algum atuar de forma burocratizada ou se sobrepor às ações que cabem aos movimentos de pescadores, entidades da sociedade civil e centros de pesquisa. A rede vem para potencializar demandas que já existem e não substituir o papel de ONGs, Associações ou Movimentos Sociais. O trabalho da rede é como uma pulsação e o seu grande desafio é garantir a circulação da comunicação entre todos os seus integrantes e a participação pela base.



# Mulher-pescadora e mulher de pescador: A presença da mulher na pesca artesanal<sup>1</sup>

Maíra Borgonha  
Mirtes Cristiane Borgonha

*“(...) veem-se mulheres enfrentando o mar encapelado, em barcos inseguros, sem demonstrar o menor temor (...)”<sup>2</sup>*

Em muitos locais, na visão do “homem do mar”, a presença da mulher em embarcações, principalmente as pesqueiras, é anúncio de mau presságio e infortúnio. No entanto, a relação mulher-homem-mar é ambivalente, ao passo que se observa com frequência a lembrança dos nomes dessas «agoueirias» nas suas embarcações.

A construção social do gênero está diretamente relacionada às representações produzidas sobre os homens e as mulheres em cada cultura e em cada sociedade. Ambos pertencem a universos de domínios distintos e, em muitas culturas, como no caso a pesqueira, as atividades não caberiam ao gênero feminino<sup>3</sup>.

Apesar dos mitos de má sorte e fragilidade que a figura feminina parece representar, sua presença está distante de ser desconsiderada ou interpretada como meramente complementar. O papel da mulher se estende ao longo de todos os laços produtivos da pesca e somente nos últimos anos passou-se a reconhecer a forte participação feminina no setor.

As comunidades pesqueiras do litoral catariense se originaram no processo de povoamento e colonização nos séculos XVII e XVIII, que organizaram um processo de produção baseado na agricultura e associaram, mais adiante a pesca e o artesanato,

cabendo distinta divisão de papéis por gênero.

Atualmente, no caso da pesca na ilha de São Francisco do Sul, o papel fundamental da mulher divide-se entre a manipulação e venda do pescado e a pesca propriamente dita.

Na localidade de Enseada, a pesca é um evento social que aproxima e reúne uma variedade de atores<sup>4</sup>. Homens são predominantes nos grupos, com exceção das épocas de veraneio, onde há o aumento da circulação de pessoas, e gêneros, para comprar pescado. O espaço conhecido como “casa do pescador” é destinado ao processamento, comercialização do pescado, armazenamento e conserto dos materiais de pesca (barracão) – onde a presença de ambos, homens e mulheres, é comum. Os homens o frequentam para entregar o produto da pesca, esporadicamente para vendê-lo ou apenas para observar o movimento de pessoas. Já as mulheres vendem, negociam o pescado e são responsáveis pelo processamento.

No passado, o acesso à praia era restrito as mulheres, exceto em ocasiões especiais como a pesca da tainha, onde sua ajuda seria tida como “bem-vinda”<sup>5</sup>. Além da praia, os ranchos de pesca também seriam locais cujo acesso seria considerado proibido às mesmas.



No presente caso, quanto ao acesso do barracão, o que acontece é melhor definido como a distinção de espaços em função das atividades desenvolvidas e de suas competências. Homens estão no barracão, assim como as mulheres estão localizadas no local de comercialização.

Sobre o auxílio no trabalho junto aos lances de tainha, em função dos cercos de praia não serem mais frequentes na Enseada e a quantidade de tainhas pescadas ter diminuído – apesar de ainda causar grande comoção a espera dos barcos que chegam da pescaria – os homens dominam o trabalho. As mulheres os acompanham e esperam o retorno da pescaria e, algumas ainda, participam da pesagem e contagem do pescado, na distribuição (quando ocorre) e na venda. Muitas vezes, mesmo o domínio da pesca cabendo ao marido, a mulher participa ativamente da venda e

administração dos rendimentos.

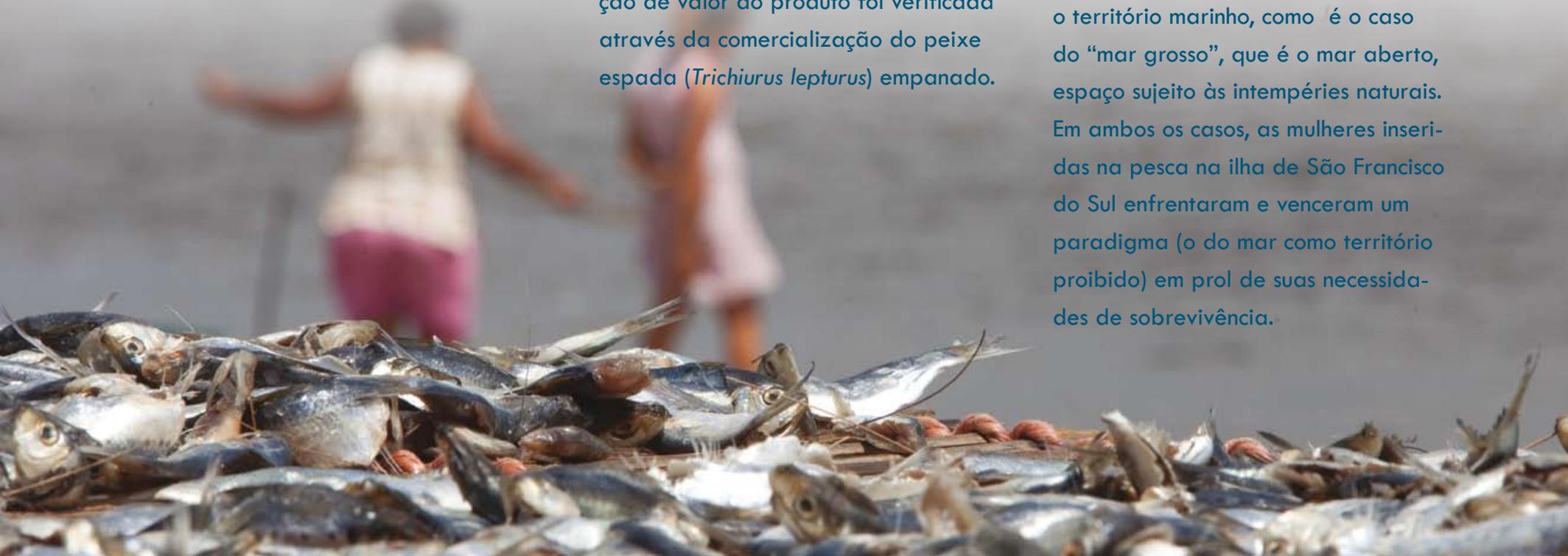
Quanto às atividades pesqueiras realizadas na baía da Babitonga, a presença feminina foi apontada como sendo sim de mulheres-pescadoras. Nos depoimentos obtidos, foram relatadas situações em que as mulheres independiam da companhia dos maridos para realizar a atividade pesqueira, que compreendia tanto o deslocamento, colocação, recolhimento e a despesca das redes:

*“Mas é. Aqui é assim, nós ando de motor, a mulher dele vira motor, de centro, de popa... é cabra macho. (risos) E tem homem que não vira motor daquele. Se nós não fizesse nega... Nós vamo botar lá eles lá embaixo do chinelo (risos)...”.*

Ainda houve relatos sobre, além da captura, o beneficiamento do pescado e a venda para uma clientela já determinada. A questão da agregação de valor do produto foi verificada através da comercialização do peixe espada (*Trichiurus lepturus*) empanado.

Trabalhos domésticos como manutenção e limpeza de casas de turistas de pesca foram observados, representando a instalação da dupla jornada de trabalho, em função das transformações econômicas e sociais vivenciadas nas comunidades pesqueiras.

Novas e surpreendentes visões sobre a inserção feminina no universo da pesca podem ser observadas em São Francisco do Sul, pela representação do domínio masculino frente à aceitação da mulher com participação ativa e direta na pesca, desenvolvendo práticas a princípio reservadas aos homens. Enquanto dentro da baía as mulheres praticam a atividade pesqueira propriamente dita, na Enseada elas são incumbidas da manipulação e comercialização do pescado. Isto nos fez refletir sobre a possibilidade do território marinho ser diferencialmente entendido, levando a crer que a baía, “apesar de ser mar<sup>6</sup>” não constituiria o território marinho, como é o caso do “mar grosso”, que é o mar aberto, espaço sujeito às intempéries naturais. Em ambos os casos, as mulheres inseridas na pesca na ilha de São Francisco do Sul enfrentaram e venceram um paradigma (o do mar como território proibido) em prol de suas necessidades de sobrevivência.



(...) por que a gente não tem filho pra pescar, então a gente vai junto [que vive aqui na ilha é só nos dois] só nós dois.

(...) e eu sou pescadora desde pequena que meu pai era pescador

(...) o meu pai era pescador antigamente quando eles pescavam de engodo né, isso eu tou com quarenta e oito né, eu tinha treze, quatorze anos e eu acompanhava ele em tudo. Porque o meu irmão, eu tinha só um irmão. Nós tamo em três mulher e ele resolveu ir pra fora pra estudar, então as mulher que pescavam.

A atuação da mulher na pesca está relacionada a uma presença-ausência, a força e a fraqueza, ao bem e ao mal, categorias que circundam o

discurso de homens e mulheres. Apesar do reconhecimento familiar e local, não possuem direitos assegurados pelo exercício de suas atividades, dependendo única e exclusivamente dos parceiros e ganhando pela produção.

Quanto às destemidas pescadoras descritas por Saint Hilarie nos anos de 1920, como citado no início do texto, a temática do mar amedrontador também aparece no discurso das mulheres quando elas comparam passado e presente.

Ah, hoje ela não sai mais, antigamente elas ia, agora não vão porque não precisa. Tem medo de ir pro mar grosso porque diz que é perigoso.

Em ambas localidades, o reconhecimento do trabalho exercido pelas

mulheres – pelo marido, pelo companheiro, pela comunidade e por elas mesmas – evidenciou a inserção, aceitação e valorização do trabalho da mulher frente ao trabalho dos homens. Tratam-se de atividades distintas, mas será que menos valorizadas? Se há o não-reconhecimento formal de postos efetivos de trabalho para as mulheres, há também a atuação de cada uma delas como mulher de pescador, exercendo as funções do trabalho doméstico e da educação dos filhos no espaço da casa; e da mulher-pescadora, investindo contra o mar e buscando espaços de atuação profissional e de sobrevivência.

<sup>1</sup> Artigo apresentado como parte da pesquisa sobre os conflitos socioambientais em comunidades pesqueiras da ilha de São Francisco do Sul (BORGONHA, 2005).

<sup>2</sup> A observação foi feita por volta do ano de 1920, quando em viagem à Província de Santa Catarina, o francês Saint Hilaire expressou sua admiração com o fato das mulheres saberem manobrar uma canoa. Trecho extraído do livro: São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville, (SANTOS et al, 2004).

<sup>3,5</sup> Beck, A. Pertence à mulher: Mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina. Fórum de discussão sobre o universo social da mulher, a pesca e sua relação com a ecologia. Natal, Rio Grande do Norte. 1989.

<sup>4</sup> Pescadores, membros da comunidade pesqueira e também moradores da Enseada, mas que não têm vínculos com a atividade, aposentados e turistas.

<sup>6</sup> Os pescadores da Babitonga consideram a baía como o “mar de dentro”.



# Arte e Conservação

Jaco Galdino  
Dó Galdino

Caravelas é uma cidade que se caracteriza pela rica presença de grupos tradicionais como as Nagôs, pelas Marujadas e blocos carnavalescos, além de orquestras filarmônicas e grupos sociais diversos ligados a movimentos ambientais, culturais e pastorais. No entanto, pelas mazelas dos seguidos governos orientados por uma visão desenvolvimentista, a cidade sofre de um profundo esvaziamento cultural e de seus aspectos sócio-comunitários. O Movimento Cultural Arte Manha tem em seu cerne a idéia de emancipação através da cultura e da educação popular, na ampliação do espaço-tempo de consciência do morador para sua cidade e o mundo.

## Manifestações artísticas

No início da década de 1980, quando jovens talentosos da **Avenida** motivados pelos movimentos políticos e culturais que surgiram durante o processo de democratização do país, formaram um grupo com o objetivo de “fazer arte e viver da arte”. Para isso colaboraram, direta ou indiretamente, diferentes artistas que passaram pela região e transmitiram novos saberes e técnicas para os jovens do movimento.

Desde a sua formação, a proposta do grupo é desenvolver um trabalho de intervenção social comprometido com o resgate da memória das ricas tradições afro-indígenas regionais através da arte, englobando a literatura, o teatro, a dança, música, escultura e pintura. A partir do momento em que a comunidade percebeu que as manifestações culturais não eram reconhecidas pelos governos locais como atividades prioritárias e passíveis de gerar renda, os participantes do movimento decidiram desenvolver um trabalho artístico autônomo, “de baixo para cima”. Assim, desenvolveram um ateliê de produção eco-artesanal, que inclui: marcenaria com madeira reaproveitada, olaria, decoração com materiais alternativos, costura, serigrafia, bem como a criação de adornos e alegorias para os grupos culturais locais.

Considerando o contexto do local, o objetivo do grupo tem sido oferecer alternativas de geração de trabalho e renda, enfatizando a importância do trabalho cooperativo e da proteção ao meio ambiente. Porém, têm trabalhado na realização de uma produção

artística e artesanal que tenha um significado cultural e promova a valorização da identidade local e, portanto, a auto-estima dos moradores da região.

O trabalho vem apresentando resultados positivos como uma alternativa efetiva de geração de renda para cerca de 20 famílias, sendo um espaço fundamental para essas pessoas, dado o contexto de esvaziamento econômico da região. Além disso, a existência do Movimento Cultural e de pessoas que há mais de 20 anos vivem da arte resultou numa mudança de percepção da comunidade local, que passou a vislumbrar a possibilidade de desenvolver uma atividade de geração de renda que garanta a autonomia de um número significativo de famílias. E isso apesar da ausência de qualquer apoio do governo local, estadual ou federal.

Nos últimos anos, o grupo integrou-se a outros parceiros para criar o Cine Clube Caravelas. Estas novas parcerias vêm produzindo filmes que, dentre outros temas, retratam experiências e modos de vidas das comunidades invisíveis da grande mídia, principalmente as lutas dessas comu-



nidades pela manutenção e conservação dos seus territórios que historicamente lhe pertencem, mas agora se encontram ameaçados pelos grandes empreendimentos hoteleiros, monocultura dos eucaliptos e pautados em questões de preservação ambiental.

Alguns dos vídeos produzidos por este grupo:

**“É Tudo Mentira”** - Documentário de 10 minutos, realizado em agosto de 2007, resultado de Parceria entre o Movimento Cultural Arte Manha, Associação de Estudos Costeiros Marinhos – ECOMAR, *Environmental Justice Foundation* - EJF e Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, que culminou em uma oficina de vídeo, teórica e prática, promovido pela EJF, que enviou para o Brasil dois técnicos e uma produtora para sua realização. O filme foi exibido no festival Brasil em Moviment em Paris – França, Festival Internacional Eco Bahia – Salvador BA, Festival Ambiental Serra do Cariri CE. É um instrumento de luta e debates sobre a carcinicultura no Brasil, apresentando algumas cidades envolvidas, incluindo o município de Caravelas.

[www.youtube.com/watch?v=xFknrAnp7I&feature=relate](http://www.youtube.com/watch?v=xFknrAnp7I&feature=relate)

**“Não Mangue de Mim”** – Esta é uma visão poética dos manguezais e seus mitos, assim como os habitantes que se esforçam para conservar estes ecossistemas tão importantes para a produção pesqueira e os meios de vida locais. A produção deste filme foi possível através de uma parceria entre o Movimento Cultural Arte Manha e o Projeto Ação Manguezal (MAP), com financiamento da Fundação Overbrook. ‘Não Mangue de Mim’ vem sendo bem recebido onde quer que seja exibido. As reações positivas que vem recebendo, mostram que a produção de filmes pode ser um instrumento importante para dar voz às preocupações das comunidades locais que sofrem com a degradação dos ambientes de manguezal.

[www.youtube.com/watch?v=r8MHMDIWPYU](http://www.youtube.com/watch?v=r8MHMDIWPYU)

**“Lia”** – Este filme evidencia a trajetória de uma menina que tenta contar uma história para as pessoas que não querem escutar. A narrativa mostra como a realidade social é com freqüência abafada, impedindo que a voz das minorias seja escutada. A produção foi premiada como melhor filme no festival Visões Periféricas que aconteceu no Rio de Janeiro em 2007.

[www.youtube.com/watch?v=ZIPzdZtYC\\_A](http://www.youtube.com/watch?v=ZIPzdZtYC_A)



# Abordagens Participativas em processos de relacionamento entre empresas e comunidades pesqueiras

Hugo Ricardo Lamas Diogo

A presente nota se refere a processos de facilitação de relacionamento entre empresas do setor de óleo e gás e comunidades pesqueiras tradicionais à luz das diretrizes do processo de licenciamento ambiental, baseada na Educação Ambiental para a gestão. Nesses processos, vêm sendo testadas, ajustadas e desenvolvidas metodologias e abordagens para potencializar os benefícios coletivos do investimento privado junto ao segmento pesqueiro artesanal ao longo do Brasil.

Acredita-se, que nos próximos cinco anos, muitas empresas serão forçadas a reconhecer que seus programas de responsabilidade social impactaram os negócios menos do que deveriam e não construíram o valor que deles se esperava.

Focando tal questão em processos de relacionamento entre empresas de grande porte da área de petróleo e gás e as comunidades de pescadores artesanais, estudos recentes vêm apontando cenários crônicos de conflito, bem como uma relação frágil em termos de confiança<sup>1</sup>. Avaliações técnicas mais específicas indicam ainda que os enfoques e métodos comumente adotados não estão devidamente alinhados às realidades e especificidades das pescarias artesanais<sup>2</sup>. Como resultado, pouca efetividade vem sendo obtida no sentido de promover melhorias junto ao segmento pesqueiro artesanal perante o volume de recursos gastos.

Nesse contexto, focam-se alguns processos inovadores de relacionamento entre empresas de óleo e gás e comunidades pesqueiras situadas nas chamadas áreas de influência. A estratégia adotada está estruturada e fundamentada em uma avaliação geograficamente comparativa e integrada no domínio teórico-prático do contexto histórico, social, cultural, político e ambiental do segmento pesqueiro, com especial atenção às pescarias artesanais tropicais.

Nesse sentido, adota-se uma visão de futuro que racionalize, otimize e busque integrar as ações e investimentos realizados, seja por iniciativa própria da empresa, seja por orientação condicionada ao processo de licenciamento ambiental ou por políticas públicas direcionadas à pesca artesanal. Para tanto, o investimento em metodologias integradas representa um importante avanço, do ponto de vista de gerar experiências, de como levar na prática da realidade brasileira a gestão compartilhada das pescarias artesanais.

Assim, o monitoramento pesqueiro participativo representa uma das ações, objetivando integrar pesquisa e pedagogia, a partir de uma perspectiva participativa. Por meio desse, são gerados dados e informações sistemáticos que permitem compreender a dinâmica temporal e espacial da produtividade pesqueira de forma legitimada e validada pelos pescadores e entidades locais, o que promove um processo de apropriação da informação e conseqüentemente,

de empoderamento dos pescadores.

Os enfoques do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), Meios de Vida Sustentáveis (MVS), Cartografia Social e Desenho de Cenários Futuros têm como finalidade principal criar um conhecimento da realidade apropriado pelos atores sociais envolvidos, principalmente os beneficiários, suficientemente preciso, partilhado para analisar e escolher as melhores alternativas para o desenvolvimento local. Trata-se, portanto, de abordagens integradas que facilitam o processo de compreensão da realidade, gestão de conflitos por meio de análises coletivas e projeção de cenários futuros

que facilitam o planejamento e monitoramento participativo das ações e caminhos escolhidos.

É importante ressaltar que o emprego da abordagem e métodos participativos requer uma clara compreensão e definição dos níveis de participação a serem alcançados, de forma que os projetos e ações locais tenham condições de suportar e subsidiar modelos de gestão compartilhada das pescarias.

Análises preliminares dessas experiências indicam que a abordagem e enfoque de atuação contribuem para consolidar o relacionamento de confiança entre empresa, governo e

comunidades pesqueiras, oferecendo novos arranjos institucionais, resgatando a autoestima, mitigando a marginalização e tornando visível um setor produtivo de extrema importância regional. Por outro lado, o estágio, as capacidades e habilidades, tanto das comunidades quanto do governo e demais iniciativas privadas, em assumir compromissos mais sólidos e contínuos no processo de cogestão, requerem esforços específicos no fortalecimento de um arranjo institucional e na formação de capital social para continuar avançando no conceito dos trabalhos.

<sup>1</sup>Bronz, D. Pesca e Petróleo na Bacia de Campos – RJ: Políticas de Licenciamento Ambiental no Mar – Atores e Visões. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 177f. 2005.

<sup>1</sup>Lopes, F. C., 2004. O Conflito entre a exploração offshore de petróleo e a atividade pesqueira artesanal. Monografia de Bacharelado – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 57f. 2004.

<sup>2</sup>Campbell, J., Salagrama, V. (2001). New Approaches to participation in fisheries research. Rome: FAO.



# Especialistas respondem

## Entrecapítulos 4

**Quais as principais mudanças que já observaram no mar em suas vidas e qual recado dariam aos jovens pescadores e estudantes?**

**Marta Cremer** - Bióloga, Dra. em Zoologia e professora da UNIVILLE; desenvolve pesquisas na área de ecologia animal principalmente na região da Baía da Babitonga há 13 anos, com ênfase em pequenos cetáceos.

A mudança mais visível é a crescente transformação de áreas costeiras, que incluem as mais produtivas dos oceanos, assim como o aumento no número de espécies ameaçadas. Nosso litoral vem sendo ocupado por empreendimentos de benefícios duvidosos e a exploração dos recursos é excessiva. A discussão sobre a importância dos oceanos e de sua conservação vem ganhando espaço na mídia, mas a demagogia em torno do tema também

crece assustadoramente.

Isso é visível quando falamos das pessoas individualmente, que não associam suas práticas diárias ao problema, e continuam jogando lixo no mar, não tratando o esgoto de sua casa, derramando o óleo de seu barco no mar, etc., assim como também na atuação de grandes empresas poluidoras, que manipulam a opinião pública com uma imagem conservacionista.

Sabemos que nossa civilização não vai

parar no tempo e mudanças estarão sempre ocorrendo. Contudo, é fundamental que as novas gerações mantenham a clareza de que pagamos caro pelas alterações e pela superexploração de nossos mares, como nos mostra nossa história recente. Nosso papel é contribuir para que sempre se busque caminhos alternativos a serem trilhados, para que as mudanças não comprometam a sobrevivência de nossos oceanos.



**Ierecê Maria de Lucena Rosa** - Professora na Universidade Federal da Paraíba. Seus estudos são direcionados para a conservação e têm como foco a ictiofauna de ambientes recifais e estuarinos. Coordena o projeto “cavalos-marinhos”.

Muitas das transformações que vi no mar estão associadas à palavra excesso. Pensar em excesso me remete inicialmente ao quanto vem crescendo a quantidade de lixo no mar - de forma silenciosa e invisível aos olhos dos que estão fora da água, os plásticos, latas, restos de redes de pesca, entre outros, vão, cada vez mais, deixando sua marca e prejuízos no ambiente marinho. Excesso me remete também às capturas da pesca industrial e às imensas redes de arrasto que passaram a ocupar, de forma crescente, o mar. Difícil não incluir entre as mudanças que vi aquelas associadas à destruição do substrato por redes que capturam, além das espécies-alvo da pescaria, grandes quantidades de

outros organismos marinhos, que na grande maioria dos casos, são simplesmente descartadas. O declínio populacional de diversas espécies marinhas talvez seja a transformação mais marcante que vi. Triste testemunho do aumento da pressão sobre os estoques e sobre a paisagem marinha ocorrida ao longo dos anos. Aos estudantes, digo que procurem conhecer cada vez mais o mar e suas espécies. Um mundo fascinante irá se abrir para vocês (no meu caso, foi “amor à primeira vista” com o mar). Do ponto de vista prático, procurem empreender ações voltadas para a conservação dos ambientes marinhos. Coisas simples de fazer: não se omitam diante do lixo nas praias, muito menos contri-

buam para que ele aumente; sempre que surja uma oportunidade, sejam voluntários em projetos que tenham entre seus objetivos a proteção dos ambientes marinhos; cobrem (sempre com responsabilidade) ações do Poder Público para assegurar a proteção de ecossistemas importantes, como os recifes de coral. Aos pescadores, digo que se vejam, cada vez mais, como co-responsáveis pelo presente e pelo futuro dos ambientes e das espécies lá se encontram. Afinal, em se tratando do mar e da sua importância para a qualidade de vida no planeta, estamos todos (como sociedade humana), no mesmo barco.

**Aloísio Barbosa da Silva** (Sangue de Jaca, Gagau) - Pescador, 69 anos. Ponta de Areia, Caravelas.

O caranguejo acabou, não tem mais nem um pouco do que tinha antigamente e o tempo está ficando cada vez mais doido. Meu recado é que evitasse de jogar óleo no pesqueiro, dentro da água

salgada e evitar de jogar garrafa plástica, saco plástico, tudo isso contamina o mangue e o mar, e que pudesse planejar mais né, pra pescaria melhorar, eu não espero que melhore, mas pelo que eu acho ainda fica pior,

não melhora mais, pelo conhecimento do tempo que eu venho pescando até aqui, é daqui pra pior, melhorar não melhora.

**Manoel Batista (Neco)** - Pescador artesanal, 52 anos. Na pesca há 42 anos, trabalha no complexo estuarino do rio Formoso.

Pensar como pescar. Como fazer a coisa certa pra deixar os peixes crescerem também. Não pescar com malha miúda, a gente sabe que é pescaria predatória, que pega as coisinha toda novinha, as coisa miuda, e assim não cresce mais. É aquela coisa: pegar o peixe antes da desova, aquele peixe não vai prosperar (reproduzir) mais nada, vai acabar. Várias espécies já sumiram do rio por conta disso.

Tem usineiro botando veneno no rio. Quer matar camarão, quer mata tudo e, acaba com tudo, prejudica a todo mundo... Até mesmo o manguezal, as margem do rio destruída, acabando com tudo. Pra mudar este quadro as pessoas deveriam pensar um pouco ou então fazer uma coisa melhor pra não destruir. Deixar de destruir a natureza pra que ela seja preservada por todo mundo.

Eu vendo as destruição, né? Vendo os veneno no rio, derrubando as mata, as usina acabando com tudo, né? As usina têm uma forma de prantar que eu acho muito errado, destruindo as nascente... destrói as nascente todinha, devora uma mata, acaba com tudo... Aí eu fui pensando nessas coisa, aí... deu nisso aí.

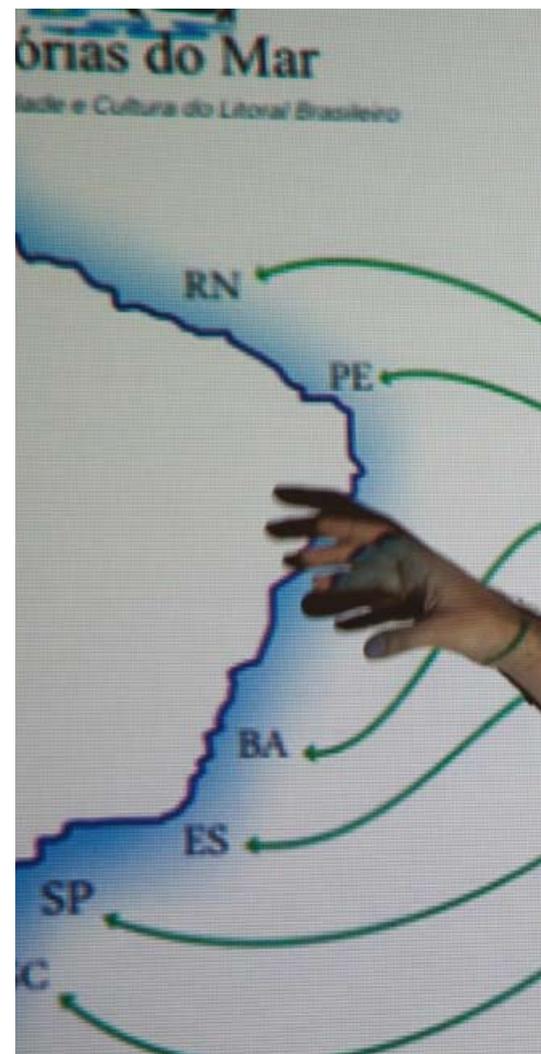


**Yvonne Sadovy** - Professora da Universidade de Hong Kong (China) e coordenadora do grupo de especialistas em serranídeos (garoupas) e labrídeos da União Internacional para Conservação (IUCN).

As mudanças que testemunhei nos mares durante minha vida me confrontam toda vez que retorno à minha casa de infância em Londres (Inglaterra). Quando caminho a frente da casa vejo esqueletos de ouriços-do-mar, de vários tamanhos, enfileirados e recobertos de poeira adquirida ao longo de décadas como um inegável testemunho da minha pilhagem dos mares. Minha mãe insiste em mantê-los intactos. Como uma jovem mergulhadora, eu amava o mar, mas também amava coletar os grandes ouriços pela beleza da textura dos seus esqueletos globulares. Eu jamais poderia adivinhar naquela época, que a aparente superabundância dos mares, ouriços e outros organismos, estava rapidamente tornando-se uma ilusão face a crescente demanda por recursos marinhos e a impressionante capacidade do homem em coletá-los. Mais tarde, na universidade numa aula sobre pesca, aprendi como aumentar a produção pesqueira, mas não ensinaram muito sobre pesca sustentável. Finalmente eu me tornava uma bióloga, e trabalhando com inversão sexual e outras notáveis características da vida das garou-

pas em Porto Rico, comecei a perceber que os pedaços deste quebra-cabeça não encaixavam perfeitamente; os vinte anos que vive uma garoupa, alvo de pescarias, era simplesmente incompatível com a falta de controle e alta pressão das pescarias ao longo dos anos, e os resultados estavam ficando mais claros. Os pescadores, dependentes diretos do mar, estavam capturando cada vez menos peixes, e as espetaculares agregações reprodutivas das minhas garoupas estavam desaparecendo e suas populações diminuindo. Foi neste momento que, trabalhando com ambos os pescadores locais e os peixes capturados, que comecei a visualizar o que iria acontecer nas próximas décadas caso nada fosse feito. Era como se eu tivesse uma bola de cristal. Minhas fascinantes, porém vulneráveis garoupas, estavam em declínio e estava claro que até mesmo as espécies menos vulneráveis, seguiriam o mesmo rumo, inevitavelmente. Algo precisava ser feito para balancear a simples equação de continuar pescando contra as taxas de regeneração dos peixes, caso contrário, todos saímos perdendo: as comunidades de

peixes, os peixes, e o mundo irá perder espécies magníficas. Minha missão foi usar a ciência para compreender o que estava acontecendo e lutar por soluções práticas para salvar o que amei e amo, para compartilhar o que aprendi pelo caminho mais difícil. Seja verdadeiro, seja comprometido e seja paciente. Busque soluções criativas para chegar ao balanço entre os desejos e necessidades, e os limites da natureza. A boa notícia é que os problemas do uso insustentável e as ameaças de extinção são hoje amplamente reconhecidas e que também dispomos de ferramentas que precisamos para resolver muitos destes problemas. A notícia não tão boa é a de que ainda são necessárias profundas mudanças na maneira que vemos e tratamos a natureza filosoficamente, politicamente e economicamente. Com tantas pessoas no planeta, não temos alternativa se quisermos evitar a destruição da abundância natural que muitos de nós dependemos, a qual enriquece a humanidade presente e futura.





*parte 5*

*INTEGRANDO O  
CONHECIMENTO*

# Na busca da “Ciência do Outro”

Maíra Borgonha

*Por milhares de anos, povos ao redor do mundo têm usado o conhecimento sobre o seu lugar para sustentar a si próprios e manter sua identidade cultural<sup>1</sup>.*

Para as populações tradicionais, a natureza não é vista como algo intocado, mas sim que pode ser modificado e domesticado. Do mesmo modo, a diversidade da vida não é considerada apenas pela utilidade que tem, mas também vista através dos valores, crenças, fé e ideias das pessoas.

A riqueza de conhecimentos das populações tradicionais sobre o meio ambiente muitas vezes torna possível o equilíbrio entre a natureza e o desenvolvimento.

No que diz respeito aos problemas ambientais que vivemos, o entendimento da natureza baseado apenas na visão da ciência moderna, corre o risco de cometer grandes erros nos procedimentos de manejo dos recursos naturais em meio a populações locais. Muitas vezes, informações sociais e culturais têm sido deixadas de fora das pesquisas de conservação pela dificuldade em compreender a ação

humana dentro dos ecossistemas. Como exemplo, a Biologia da Conservação - que prega a conservação de toda diversidade biológica - enfatiza o uso de métodos de manejo e de áreas para preservação de espécies, mas exclui as populações humanas e ignora que a biodiversidade, em grande parte, pode ser resultado da atuação das populações tradicionais/ locais.

*De um lado, está o saber acumulado das populações tradicionais sobre os ciclos naturais, a reprodução e a migração da fauna, a influência da Lua nas atividades de corte da madeira, da pesca, sobre os sistemas de manejo dos recursos naturais, as proibições do exercício de atividades em certas áreas ou períodos do ano, tendo em vista a conservação das espécies. De outro lado, está o conhecimento científico, que vem das ciências exatas, que não apenas desconhece, mas despreza o conhecimento tradicionalmente acumulado<sup>2</sup>.*

*É importante lembrar que os conhecimentos tradicional e local apresentam fundamental importância para adquirir informações em áreas não estudadas. É capaz de revelar descobertas científicas,*

*obter opiniões sobre o uso e a distribuição dos recursos em certos locais e, ao longo do tempo, promover o nivelamento do conhecimento entre pessoas e o engajamento dos sábios do lugar na coleta e uso do conhecimento<sup>3</sup>.*

*Há pouco tempo, apenas, o conhecimento local passou a ser valorizado pela comunidade científica que reconhece grande número de informações sobre espécies animais e vegetais, mas também de estratégias para garantir o uso de recursos naturais locais por muito tempo em diversas regiões do mundo<sup>4</sup>.*

Assim, a Etnoecologia, que é o campo de estudo que cruza as ciências sociais e ambientais, propõe-se a entender como as sociedades tradicionais percebem a natureza, valorizando a existência de saberes fora do mundo moderno, urbano e industrial.

*O conhecimento tradicional e local não seria, portanto, apenas transmitido de geração a geração, mas envolveria pesquisa, experimentação, observação e também raciocínio, especulação e intuição. Para além disso, no saber tradicional e local existe o conhecimento pelo prazer de saber, pelo gosto do detalhe e pela tentativa de ordenar o mundo de forma satisfatória para a mente<sup>5</sup>.*



Porém, a visão de que as populações tradicionais apenas desenvolvem atividades ambientalmente corretas e voltadas para a conservação nem sempre é verdadeira. Os povos tradicionais nem sempre estiveram em harmonia com a natureza, tendo também utilizado os recursos de forma abusiva. Mas, apesar dos danos causados por certas práticas tradicionais não há razão para não gerar interesse pelo imenso saber existente<sup>6</sup>, até mesmo para que se possa verificar como funcionam.

Os sistemas de produção pertencentes às culturas tradicionais são geralmente mais adequados ecologicamente do que os sistemas modernos, que estão voltados somente para a produção e para o mercado<sup>7</sup>. Além disso, as sociedades tradicionais requerem alta diversidade de recursos naturais e continuam existindo porque desenvolveram práticas culturais que mantêm a biodiversidade dos seus ambientes<sup>8</sup>.

Como defendido pelo ecossocioeconomista Ig-nacy Sachs, criador da proposta do codesenvolvimento, novos valores e padrões de conduta adequados à capacidade de suporte dos ambientes passam pelas interações entre a diversidade biológica e cultural, cabendo à presente geração o desafio de elaborar a história da evolução conjunta da espécie humana e do planeta<sup>9</sup>.

Assim, os desafios ao crescimento de pesquisas no ramo do conhecimento tradicional e local são muitos. Os pesquisadores precisam voltar seus esforços para registrar o conhecimento transmitido através das gerações antes que ele desapareça. Salvá-lo de forma adequada e tornar o seu uso compreensível e possível, além de superar a ausência de investimentos governamentais para a manutenção desses conhecimentos.

Nossa iniciativa com o livro **“Memórias do Mar”** busca, ainda que com os primeiros passos, gerar, divulgar e retornar as informações produzidas junto com as comunidades tradicionais do litoral brasileiro

e também integrar atividades e debates na busca de um ambiente ecologicamente equilibrado, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente diverso.

<sup>1</sup>Johnson, M. Lore: capturing traditional environmental knowledge. Ottawa, Ont.: IDRC, 1992. 190 p.

<sup>2</sup>Diegues, A.C. O mito moderno da natureza intocada. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/ NUPAUB, 2001.

<sup>3</sup>Langley, J. Vezo Knowledge: Traditional Ecological Knowledge in Andavadoaka, southwest Madagascar. Blue Ventures Conservation Report. 2006. 68p.

<sup>4</sup>Posey, D. A. Indigenous Ecological Knowledge and development of the Amazon. In: MORAN, E. The dilemma of Amazonian Development. Boulder, Colorado: Westview Press, 1983. p. 225-255.

Johnson, M. Lore: capturing traditional environmental knowledge. Ottawa, Ont.: IDRC, 1992. 190 p.

<sup>5</sup>Cunha, M. C.; Almeida, M. B. Enciclopédia da floresta. São Paulo: Companhia das letras, 2002. 735 p.

<sup>6</sup>Roué, M. Novas perspectivas em etnoecologia: “Saberes Tradicionais” e gestão de recursos naturais. In: DIEGUES, A.C. Etnoconservação: Novos rumos para conservação da natureza. São Paulo: Annablume, 2000. p. 67-79.

<sup>7</sup>Toledo, V. M. What is etnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. Etnoecologia, Buenos Aires, v. 1, n. 1, 1992. p. 5-21.

<sup>8</sup>Marques, JGW. O pesquisador e o pesquisado em etnoecologia: praticam eles uma atividade científica? In: Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia, 1. 1999. Anais... Feira de Santana: UEFS, 2001b. p. 135-145.

<sup>9</sup>Sachs, I. Do crescimento econômico ao ecodesenvolvimento. In: Vieira, P. et al (Org.) Desenvolvimento e meio ambiente no Brasil. Porto Alegre: Palotti; Florianópolis: APED, 1998. p. 161-163.

<sup>9</sup>Sachs, I. Environnement, développement, marché. Pour une économie anthropologique. Natures, Sciences, Sociétés, v. 2, n. 3, p. 258-265. 1994.



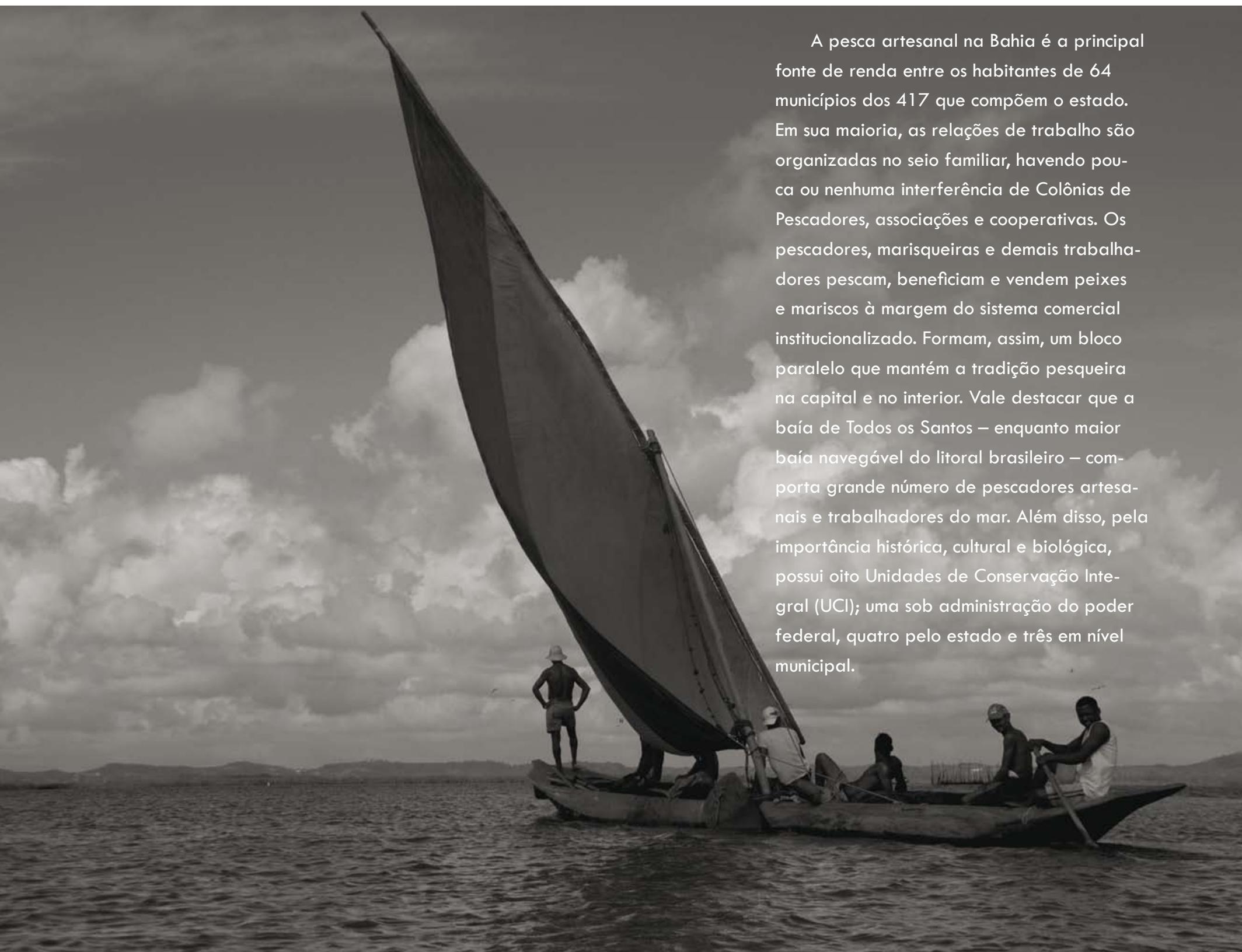
# Bailado no horizonte

Maria das Graças Meirelles Correia

*Sem gaivota como é que pegava xangó?*

Mestre Nêgo

A pesca artesanal na Bahia é a principal fonte de renda entre os habitantes de 64 municípios dos 417 que compõem o estado. Em sua maioria, as relações de trabalho são organizadas no seio familiar, havendo pouca ou nenhuma interferência de Colônias de Pescadores, associações e cooperativas. Os pescadores, marisqueiras e demais trabalhadores pescam, beneficiam e vendem peixes e mariscos à margem do sistema comercial institucionalizado. Formam, assim, um bloco paralelo que mantém a tradição pesqueira na capital e no interior. Vale destacar que a baía de Todos os Santos – enquanto maior baía navegável do litoral brasileiro – comporta grande número de pescadores artesanais e trabalhadores do mar. Além disso, pela importância histórica, cultural e biológica, possui oito Unidades de Conservação Integral (UCI); uma sob administração do poder federal, quatro pelo estado e três em nível municipal.



Entre os distritos baianos, destacam-se as atividades exercidas na ilha de Itaparica, maior área insular do Brasil, cujo território divide-se entre os municípios Vera Cruz e Itaparica. O lume recai especificamente sobre o distrito de Baiacu que, desde 1602 – a partir da chegada da missão jesuítica do padre Luiz da Grã à contracosta da Ilha – espalha-se por entre estuários e enseadas contornados por manguezais. Da conformação de lama, lodo, limo, apicuns e marés, há quatro séculos homens e mulheres comungam a faina diária da captura e beneficiamento de peixes, crustáceos, mariscos, moluscos, fazendo da comunidade uma das mais privilegiadas no que tange a diversificação de artes de pesca. Entretanto, este texto se baseia na pesca de arrasto<sup>1</sup> de massam-

bê<sup>2</sup> e xangó<sup>3</sup>, que cria postos de trabalho, gera renda para pescadores e também para carregadores, escamadeiras, atravessadores, proprietários de redes e canoas, donos de restaurantes e similares. Por isso, a atividade pesqueira transforma Baiacu na principal referência de pesca artesanal na ilha de Itaparica. O texto recorta, por meio da narrativa etnográfica e da poética visual, o papel das gaivotas na captura dos cardumes de xangó e, conseqüentemente, na manutenção de práticas de etnoconservação marinha e do sistema sócio-identitário da comunidade. Atualmente, Baiacu conta com oito tripulações de arrasto que se revezam na captura das referidas espécies; cada uma é comandada por um mestre proeiro, responsável em agenciar os demais tripulantes, de-

nominados moços, que se organizam nas funções de abaixador, largador de cortiça, largador de chumbo, pé de banco e popeiro. As remunerações – além do quinhão de pescaria – correspondem à função exercida na canoa, sendo que ao mestre cabe o maior percentual dos valores arrecadados. Nos casos em que o mestre não é dono dos meios de produção, como canoa, rede e demais artefatos, fica também responsável pelo repasse do valor equivalente aos devidos proprietários.

Sob o comando de um mestre, as tripulações deixam o porto por volta das quatro horas da manhã, quando ainda a Lua se alinha às primícias solares. A depender das condições de vento e maré, as embarcações podem ser impulsionadas a remo e/ou à vela



em busca de cardumes indicados pelas gaivotas. Ao amanhecer aparecem solitariamente ou em pequenos grupos e, na penumbra da madrugada, os pescadores divisam-lhes as silhuetas em rasantes vôos sobre águas ainda turvas. Enquanto aguardam que bailem no horizonte, os tripulantes saboreiam o frescor da manhã, só o mestre fica a postos, de pé sobre a popa da canoa, atento à direção em que mergulham. Quando emergem, o mestre identifica se portam ou não a presa no bico e na milimétrica fração de segundo entre o momento da emersão e o da deglutição da presa, decide como

deslocar a canoa até o ponto indicado. Assim, sob o comando de voz e o indicativo gestual – “uma gaivota caiu chumbada ali” – os tripulantes começam a remar. Divisam as condições de maré, vento, correntes, antes de iniciarem a formação do cerco embarcado ao lançarem as redes que garantem o sustento diário.

As aves indicam o ponto exato de onde deve iniciar o cerco, mantendo estreita simbiose com os pescadores até o momento em que o cerco é fechado e iniciam-se os movimentos de recolha das redes e do embarque do pescado. Uma vez efetivada a

captura, o horizonte se avoluma com a presença de ruidosos bandos que sobrevoam a embarcação à caça dos bocados que sobejam as redes. Com o pescado embarcado, os tripulantes lançam novamente as redes ao mar para lavá-las, acomodá-las no interior da canoa e retornarem à terra. Ao longo do percurso, sobretudo quando fartam expectativas, bandos menores servem de batedores às embarcações até que divisem o porto do desembarque, onde mulheres festejam: “naquela canoa tem peixe, olhem quanta gaivota vem em cima!”<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Cerco embarcado feito com redes de náilon com cerca de 200 m, organizado por tripulação composta por 6 ou 8 pescadores que lançam-se ao mar em canoas de madeira, movidas à vela ou remo.

<sup>2</sup>Denominação local para espécies de peixes provavelmente pertencentes à família Carangidae.

<sup>3</sup>Denominação local para diversos peixes de espécies como *Anchoiella* sp. e *Anchoa* sp.

<sup>4</sup>Osório, Ubaldo. *A ilha de Itaparica: história e tradição*, 1979.

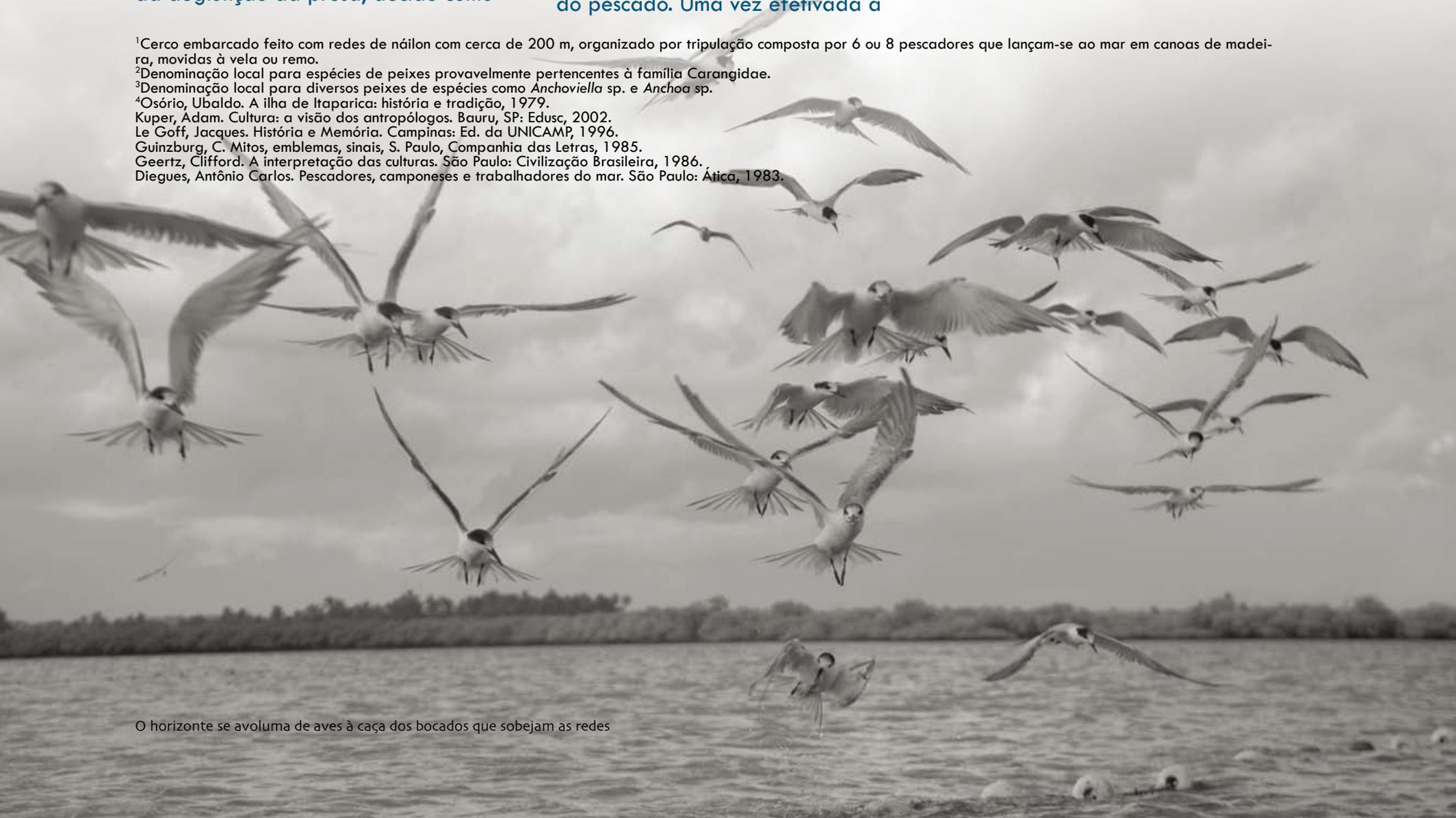
Kuper, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru, SP: Edusc, 2002.

Le Goff, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

Guinzburg, C. *Mitos, emblemas, sinais*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1985.

Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.

Diegues, Antônio Carlos. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.



# Pontos de Referências Dinâmicos no conhecimento sobre os recursos pesqueiros

Natália Hanazaki  
Leopoldo Cavaleri Gerhardinger

O conhecimento de pessoas que convivem diariamente com o mar e com a pesca é fonte de importantes informações para a gestão dos recursos naturais, principalmente os pesqueiros. Esses conhecimentos são passados de geração em geração, mas também mudam constantemente, sendo ajustados às mudanças ambientais e incorporados a novos saberes.

O conjunto de conhecimentos e percepções sobre o mar e seus recursos também pode mudar se uma espécie que antes era pescada desaparece de um determinado local. Ou então, se são pescados peixes cada vez menores, em relação ao tamanho, das mesmas espécies capturadas no passado. Quando isso acontece, gradativamente passamos a nos acostumar com essa nova situação: a ausência daquele primeiro tipo de peixe ou a sua ocorrência apenas no tamanho menor. Depois de alguns anos, um acontecimento que seria considerado atípico – “Esse ano o peixe tal sumiu!” – passa a ser a situação “normal” para todos: “Peixe tal? Esse faz tempo que a gente não vê mais não...”.

A mudança constante nos chamados Pontos de Referência foi notada por um pesquisador chamado Daniel Pauly, em 1996, quando percebeu a própria mudança no referencial de cientistas que estudam a pesca e os sistemas pesqueiros. Pauly defendia que esta “síndrome”, denominada em inglês de *Shifting Baselines Syndrome*, resultava na percepção distorcida sobre a situação dos estoques pesqueiros por parte dos mesmos.

Em seus estudos, em geral, os cientistas trabalham com um intervalo de tempo baseado em seus anos dedicados à pesquisa. Ou, em outras palavras, percebem apenas uma pequena parte da história dos estoques pesqueiros, que não necessariamente reflete a situação “original” dos estoques. Assim, da mesma forma que com os cientistas, acredita-se que uma tendência similar poderia também estar presente entre os trabalhadores da pesca.

Os efeitos da *Síndrome dos pontos de referência dinâmicos* podem estar ocorrendo por todo o mundo, acompanhados da diminuição global dos estoques pesqueiros<sup>1</sup>. No caso das comunidades pesqueiras artesanais, especialmente, os efeitos da síndrome podem ser percebidos quando os grupos estão passando também por mudanças sociais. Assim, as comunida-



des pesqueiras, que possuem conhecimentos tradicionais sobre a pesca e os recursos pesqueiros, mantêm o Conhecimento Ecológico Local apenas enquanto utilizam e dependem dos recursos naturais como sua fonte principal de alimento e/ou renda<sup>2</sup>.

As mudanças sócio-econômicas que vêm ocorrendo nas comunidades pesqueiras do mundo todo, antes, em geral, relativamente isoladas, são consequência de vários fatores, incluindo a expansão das áreas urbanas, do turismo e da diminuição da vegetação natural. À medida que tais mudanças sociais, econômicas e ambientais ocorrem, também é esperado que surjam mudanças no conjunto de conhecimentos dos moradores do litoral.

As rápidas transformações que estamos vivendo em sociedade contribuem para a mudança nos nossos próprios pontos de referência e ocorrem quando, por exemplo, os mais velhos – ou os mais sábios – por algum motivo, deixam de transmitir os seus conhecimentos e percepções aos mais jovens.

Hoje já é possível identificar a ocorrência da Síndrome dos Pontos de Referência Dinâmicos em algumas comunidades costeiras do Brasil. No



banco marinho dos Abrolhos, no passado, ocorria com abundância uma espécie de peixe chamada pelos pescadores mais velhos de **espartate**. O **espartate**, conhecido pelos pesquisadores como *Pristis sp.*, é parente próximo dos tubarões e raias e possui uma verdadeira serra partindo do seu focinho. Através de conversas com os pescadores mais antigos de Caravelas, os cientistas estão percebendo que a espécie desapareceu completamente da região há cerca de 30 anos! Como prova disso, os pescadores mais jovens muitas vezes nem acreditam que tal peixe com “bico de serra” possa ter existido.

O fenômeno da mudança de referenciais e a perda de conhecimentos sobre a quantidade e a diversidade de peixes que existiam no mar no passado afeta a predisposição das

pessoas em apoiar iniciativas de conservação marinha e costeira. Como resultado, corremos o risco de perder a capacidade de lidar com as mudanças ambientais que estão acontecendo.

Os pescadores mais velhos aprenderam com seus pais e acumularam experiência sobre a relação da comunidade com a natureza e, assim, entendem o efeito que a modernização da pesca e da comunidade trouxe ao ambiente marinho.

Portanto, o resgate do conjunto de conhecimentos e práticas construídos localmente, assim como a valorização da sabedoria dos “mestres da cultura local”, são ferramentas poderosas para formar cidadãos preparados para viver em uma sociedade que se relacione em maior harmonia com o mar.

<sup>1</sup>Pauly, D. 1995. Anecdotes and the shifting baseline syndrome in fisheries. Trends Ecol. Evol. 10: 420.

<sup>1</sup>Pinnegar, J.K.; Engelhard, G.H. 2007. The 'shifting baseline' phenomenon: a global perspective. Rev Fish Biol Fisheries 45:345–405

<sup>1</sup>Roberts, C. M. 2003 Our shifting perspectives on the oceans. Oryx 37, 166–177.

<sup>1</sup>Roberts, C. 2007. The Unnatural History of the Seas. Island Press.

<sup>2</sup>Silvano, R.A.M.; Begossi, A. 2005. Local knowledge on a cosmopolitan fish: Ethnoecology of *Pomatomus saltatrix* (Pomatomidae) in Brazil and Australia. Fisheries Research 71: 43-59.



# Um mundo dentro do outro. O imaginário na pesca artesanal.

Francisco José Bezerra Souto

O Brasil apresenta uma notável diversidade de mitos e de representações religiosas, oriundos da amalgamação das culturas europeia, africana e indígena. Muitas destas manifestações “sobrenaturais” estão intimamente relacionadas a ecossistemas e, portanto, inseridas na cosmologia e até nos usos de seus recursos, de comunidades tradicionais que neles e/ou deles sobrevivem.

Na Bahia, de todos os santos, de todos os credos, de todas as crenças, discorrer sobre religiosidades não é tarefa fácil, tal a profusão e diversidade deste universo. Deteremo-nos aqui, portanto, somente ao imaginário (“fantástico”?), onde estas manifestações são mais do que comuns. Elas são fatos! Sim, do imaginário, mas fatos! É como me disse um pescador do manguezal de Acupe (Santa Amaro-BA): *“Tudo existe! Não existe pra você, mas existe pra outras pessoas”*.

Em nosso estudo nesta comunidade, registramos pelo menos três desses componentes sobrenaturais: as “visages” (visagens), a “caipora” e a “biatatá”. As “visages” são aparições de pessoas já falecidas, cujos espíritos ainda vagam por sítios de pesca (*«Visage? Esses povo que morre afogado, aí os pescador vê. A carne morre, o espírito não»*). A “biatatá” ou “bate-facho”, componente sobrenatural que se manifesta durante a noite na forma de “bolas-de-fogo” que voam e se batem acima d’água (*“Tem uma qualidade de uma coisa que aparece chama Biatatá. Só se vê é o fogo batendo assim e as labareda pulando”*). A “caipora”,

apesar de não ter tido uma descrição bem definida, foi a mais frequentemente citada (*“A dona do mangue pra mim é a mesma dona do mato”*). A chegada deste mito ao ambiente da pesca no Recôncavo pode ser atribuída ao hábito ocasional de pescadores daquela época, em horas de lazer, de irem à caça. Certamente, as florestas de mangues também passaram a ser consideradas matas, o que teria ampliado a área de abrangência desse ente sobrenatural (*“Todo lugar tem dono. O mangue é a mesma coisa”*).

Registramos nesta comunidade uma certa divisão entre aquelas pessoas que acreditam e aquelas que não acreditam. A grande maioria dos entrevistados nunca teve um contato visual com estas manifestações, mas, a julgar pelo desejo demonstrado por muitos de não vê-las, também acreditam ou, pelo menos, não duvidam (*“Visage mesmo eu nunca vi... Graças a Deus nunca vi nada!”*).

Mesmo a descrença total deve ser vista com ressalva. Um bom indicativo para isso aconteceu quando, depois de questionado sobre sua crença em visagens, um pescador respondeu taxativo: *“Nunca vi não! Há tempos que vivo na beira do mangue, dentro do riacho e nunca vi não! Eu num acredito em nada disso!”*. Logo em seguida, quando foi perguntado se ele pescava no dia de Finados, veio a resposta: *“Não!!!! Nunquinha!!! Porque eu tenho cisma!! Dia de Finados é dia das almas, né? É cisma minha e do meu pai, que por sinal, nunca pescou”*. Em outra ocasião, uma marisqueira disse: *“Dia*

de *Finados* eu num vou não. Diz que é dia das armas (almas). Eu não acredito assim...”. Uma frase dita por um pescador explica bem a relação entre o medo e a crença local: “Quando a pessoa tem medo de tudo, pra ele existe tudo. Se você num tem medo de nada, pra você num existe nada”.

Na literatura etnoecológica não são poucos os registros destas manifestações, inclusive com uma

possível eficácia do papel regulador ecológico, uma vez que poderiam atuar como “míticos protetores” de recursos. Desta forma, seria muito interessante que cada vez mais estudos fossem realizados sobre a participação dessa dimensão do imaginário nas relações ecológicas. Afinal de contas, as fronteiras do imaginário e do real são mais flexíveis do que pode supor nossa vã ciência.



# Como os meninos navegam

Vicente Stanislaw Klonowski

Um menino brinca com o seu barquinho,  
faz do prazer o que será trabalho um dia.

Os brinquedos feitos em casa indicam, para os meninos de pescadores, as suas expectativas de sobrevivência neste mundo da forma mais verdadeira. São variados, originais e por algumas vezes até mesmo podem ser qualificados como de altíssimo nível de sofisticação técnica. Em muitos casos, copiam as embarcações de seus pais, assim como simulam outras atividades culturais e de sobrevivência, que também são reproduzidas em miniaturas e brinquedos. Mas existem situações como aquelas que, por algum motivo, os brinquedos reproduzem prioritariamente uma realidade externa à sua comunidade.

Onde moram esses barquinhos?

No povoado de Sagi, no sul do estado do Rio Grande do Norte, as jangadinhas de brincar são cópias fiéis das jangadas de pesca. Na velha Boipeba, na Bahia, os meninos reproduzem os barcos motorizados de pesca e turismo, talhando isopor e montando neles motorezinhos de sucata de toca-fitas. Eixo de tubo de caneta esferográfica e hélice de lata completam o modelo de propulsão. Na Ponta de Caieira, na baía de Camamú, também no estado da Bahia, os cascos são feitos com o mesocarpo (parte externa) do fruto do coco, que é mastreado no mesmo estilo das escunas fabricadas nos estaleiros da região. Em todo o Norte e Nordeste, onde são abundantes os coqueiros, os meninos aproveitam as espathas internas que protegem as inflorescências dos coqueiros, depois que

secam e caem. Chamam-nas de “canoinhas” ou “tibalcas” e nelas colocam lemes de madeira ou lata. As velas podem ser armadas como as das canoas ou das outras embarcações avistadas por eles. Como também surgem novidades, como a asa de pombo num mastro só, na vila de Mosqueiro em Sergipe.

Os materiais utilizados nos cascos são os mais facilmente disponíveis. Entre os de maior eficiência pela leveza e acabamento estão as madeiras das raízes da corticeira ou araticum e a raiz da caixeta ou tabebuia. Ambas já foram muito utilizadas pelos pescadores como boias de rede. Também fazem os barquinhos com outras madeiras leves, como mulungu, fruteira, pau de pombo, tronco da caixeta e cupiuba. O plástico das sacolas de compra e os tecidos dos guarda-chuvas e guarda-sóis velhos passam a substituir os tecidos de algodão na confecção das velas, pelas suas qualidades de leveza e impermeabilidade.

Na ilha da Convivência, na foz do rio Paraíba do Sul, foram observados cascos feitos de lata e lastreados com areia, que eram equipados com miniaturas de arrastões de camarão. Enquanto isso, na ilha de Vitória, no litoral norte de São Paulo, a 20 milhas da costa, um pai entalha para seu menino os veículos comumente avistados da ilha, como aviões, helicópteros e traineiras de pesca, reutilizando blocos de poliuretano que chegam flutuando sobre os costões da ilha.

## Outros brinquedos de “casa”

Entre os brinquedos confeccionados em casa, no Mar Pequeno, sul do estado de São Paulo, aparecem as violinhas de fandango feitas de lata, tábua de caixote e linha de pesca. Na vila de Areia Branca, no estuário do rio Vaza Barris, em Sergipe, as crian-

tima e rolos de latas cheios de areia são puxados como carretas, na vila de Tibicanga, ambos povoados da ilha de Superaguí, no estado do Paraná. Distantes das estradas e sem qualquer rodovia nas proximidades, onde os meninos priorizam as rodas.

mamente dos elementos da natureza. Assim sendo, o vento e a água passam a fazer parte desse mundo lúdico.

É nos barquinhos que os objetos flutuantes passam para o estágio seguinte, e navegam caprichosamente. Quando os homens saem para pescar sempre tem um trabalho duro, muitas



ças usam um instrumento de percussão feito de caixas de fósforos, palitos e linha, chamados de “tap-tap”. As caprichosas miniaturas dos aviamentos das casas de fazer farinha, como a prensa de fuso, as rodas de ralar a mandioca, são entalhadas em Vila Fá-

## Viva os barquinhos!

Quando os meninos de pescadores brincam em seus barquinhos, eles estão iniciando uma parte importante de seu ciclo de sobrevivência nas águas. Podemos admitir que é brincando que melhor se aproximam inti-

vezes se arriscando, mas gostam do que fazem desde o tempo em que eram meninos... Talvez reconhecendo isso, os pescadores de Mosqueiro (SE) estimulam as regatas de canoinhas feitas das tibacas de coqueiros. Em Barra de Mamanguape (PB), os bar-

quinhos são feitos pelos pais, que vão torcer pelos filhos na beira d'água.

Em Santana, na ilha da Maré (BA), o velho Alfredo morreu deixando saudades nos meninos, pois ele era quem fazia seus barquinhos. Em Jaguaribe (BA), a procissão do dia de São Dartanhão atravessa a cidade. Na frente de todos estão os meninos, levando seus barquinhos. O ritual se completa quando eles lançam as miniaturas nas águas do rio Jaguaribe.

Em Santana todo vento é bom!

A canoinha à vela de Santana, ilha da Maré (BA), é um brinquedo que se equilibra e movimenta-se segundo uma ideia sofisticadíssima: Uma quilha longa feita de lata salta do convés lateralmente (como a barquinha de apoio de uma canoa polinésia) e mergulha na água, sem flutuador, funcionando como no sofisticado sistema de hidrofólios do veleiro *Blue Arrow* (flecha azul), do inglês

Derck Clark... Um requinte tecnológico, desenvolvido no centro de pesquisa espacial na Inglaterra para regatas transoceânicas. Como então poderíamos avaliar a inventividade dos anônimos garotos da ilha da Maré? Desafia a razão em aceitar que, com toda aquela área vélica, ainda se sustentariam sobre a água. Acontece que, sem vento, os barquinhos tombam mesmo. Mas se soprar uma brisa... navegam em todas as maréações possíveis, e como navegam! Riscando a água, como o *Blue Arrow*.

Em Santana, existe uma espécie de sucessão: Os meninos menores fazem barquinho de pau de mulungu, com as velas feitas de penas de galinha espetadas e um leme de pedaço de lata, elas navegam muito bem no vento em popa. Já os meninos maiores, como já vimos, usam os hidrofólios em suas canoinhas que navegam em todas as maréações possíveis. Quando cres-

cem, preparam suas canoas de pesca, seguindo as tradições, pintam um olho no meio de cada borda, que chamam de "bigode", que é uma espécie de proteção... Na hora de partir, um homem arma as duas velas "penas", a seguir desce na borda de sotavento a tábuca da bolina e, com um orgulho como quem tivessem diante da plateia ele caça com uma mão as escotas das duas velas, enquanto com a outra apoia o remo.

Após aplaudir discretamente a manobra de competência e beleza pude escutar o homem dizer que sua canoa pertence à lemanjá e quem a navega é o destino... O vento o levou para o lado onde o mesmo vento vinha, numa orça arrojada como um experiente velho canoieiro... como um menino!<sup>1</sup>

<sup>1</sup>As observações foram realizadas por Vicente Stanislaw Klonowski, entre os anos de 1988 a 1991, durante viagem de caiaque pela costa brasileira, e entre os anos de 1995 e 1999 durante permanência no norte da Paraíba. Vicente atualmente busca registrar o saber popular de náutica em "leituras da natureza" e planeja percursos com embarcações típicas brasileiras no projeto "nas rotas do Sumé".



# Entre céu e mar: Os mistérios, os planetas e tanta coisa para ensinar

Maíra Borgonha

Nos dias atuais, apesar do crescente uso dos equipamentos eletrônicos, a navegação astronômica clássica continua difundida entre a pesca simples ou artesanal, sendo importante na organização social, produção e modo de vida das comunidades pesqueiras tradicionais.

É dessa forma que os mistérios sobre as conexões entre o céu, a Terra e o mar influenciam o sistema de orientação marítima dos jangadeiros da praia da Caponga, litoral leste do Ceará.

Durante o dia, e sobretudo à noite, os fenômenos celestes determinam o calendário pesqueiro, conduzem as jangadas para o mar e de volta ao porto de origem. São estrelas, satélites, planetas e constelações que, na tipologia celeste dos pescadores da Caponga, são nomeados e utilizados de forma própria.

À noite a gente só vinha é por os planeta: Cruzeirinho, é um planeta que tem aqui bem aceso, que até mesmo na história é conhecido o Cruzeiro. Tem o Cruzeiro do Sul e tem o Cruzeirinho, um mais por riba e outro mais por baixo. Tem duas manchas, uma chama Mancha do Sul a pra banda mais de riba e outra mais por debaixo. (Pedro Alves Pereira, “Pedro Américo”, 69 anos).

A Ursa Maior são sete estrelas. Realmente é a barca que a gente chama aqui. Tem também o Sete Estrela, já ouviu falar no Sete Estrela? Daqui dá pra ver fica mais ou menos dessa altura fica dessa altura aqui depois a

gente volta [...] Ele tá mais ou menos, assim [...] Olha, deixa eu ver aqui: tem também as Três Maria que são essas três estrelas aí ó! (Francisco Helieudo Silva, Heliinho, 39 anos).

Os ciclos e a variação da posição dos “planetas” são entendidas sazonalmente e os astros referenciais utilizados com maior frequência durante o período considerado “verão”, pelas condições climáticas apropriadas. O posicionamento do Sol, por exemplo, é melhor orientação durante maio a dezembro. E Vênus é o único planeta com importância para navegação crepuscular: é a tão contemplada Estrela d’Alva.

Os planetas vai se colocando no período da noite então você tem que ter uma base de um horário do planeta, na hora que ele tá saindo, por exemplo a Estrela



*d'Alva ela tá saindo, sete horas da noite, meia noite ela vai estar quase no meio do céu, quatro horas da manhã, ela já vai lá, você precisa se basear pela roda que ela tá fazendo. (Francisco Soares de Souza, "Wilson", 52 anos).*

*Já a Lua, com a sua força sobre as marés, determina os calendários das pescarias na Caponga. Lua brilhante não traz boa pescaria.*

*Em noite de Lua alguns tipos de pesca não prestam, não é todos. Pescaria de peixe é só à noite, pescaria de peixe geralmente não tem Lua. Sem Lua a gente se orienta pelos planetas, as estrelas a gente faz a divisa de um pra outro e sabe o roteiro que a gente vai. (Francisco Soares de Souza, "Wilson").*

*O Cruzeiroinho é principal referencial celeste, a constelação que conduz os pescadores diretamente para o porto da Caponga. E, para ir para o mar, o principal referencial dos pescadores é a Barca, que, aos olhos dos homens que cruzam distâncias incontáveis, navega pelos céus. Quando a Lua não é vista, são os "planetas" e as "estrelas" (constelações) que fazem o roteiro da pesca.*

*A gente tem o cálculo da distância dos planetas porque tem aquele que fica fixo num canto. Tem outros planetas que saem depois da meia-noite, sempre a gente está atualizado com eles. Eles não trabalham sempre na mesma posição. A maioria deles muda de seis em seis meses. Sempre a gente tem que tar atento para saber o tipo de mudança que ele tá tendo. (Francisco Soares de Souza, "Wilson").*

*No entanto, não apenas a natureza serve de orientação. Os "gases" são os reflexos produzidos pela iluminação artificial das cidades que incidem nas nuvens e auxiliam a navegação noturna. Tendo em vista o crescimento e urbanização das cidades, o número de*



gases observados pelos pescadores tem aumentado nos últimos 30 a 40 anos. Nas noites em que a Lua ofusca o brilho das estrelas, os gases tornam-se o recurso mais seguro para orientação em direção ao porto:

*Tem os gás lá em Fortaleza, no meu tempo só tinha os planeta, essas manchas que eu estou falando, e os gases de Fortaleza, que ensina muito a gente a vir para a terra a noite. Esses gases que tem de Fortaleza. Hoje não, hoje já tenho aparelhos, tem os gases da nossa cidade de Cascavel que bota muito longe, então a gente conhece. No meu tempo que eu pescava não tinha isso, tinha que ir por a prática. (Pedro Alves Pereira, “Pedro Américo”).*

O conjunto de saberes que forma o sistema de orientação marítima dos pescadores da Caponga depende basicamente dos conhecimentos tradicionais que, de longa data, efervescem do seu cotidiano. As boas capturas dependem do ciclo lunar, a volta para casa e chegada nos pesqueiros da posição dos astros. Sem os sinais da natureza e apesar de sinais artificiais tomarem importância, o pescador sente-se “ariado”. Na fala do capongueiro, fica perdido, desorientado.

Para continuar-se, o pescador da Caponga precisa que sua ciência seja conhecida, compreendida e respeitada. Para que o dia amanheça em nossas vidas é preciso que a Terra gire e, na Caponga, para que exista peixe na mesa é preciso que haja homens no mar.



# Olhos para (amar) o mar

Maíra Borgonha  
Luciana Pinheiro

Aproximar pessoas, torná-las reconhecíveis pelos seus valores, pelo seu trabalho e pelo seu conhecimento e, ao mesmo tempo, contar suas histórias, é um dos caminhos possíveis no encontro com o universo das imagens.

Por meio da Etnografia Visual, que é ao mesmo tempo ciência e arte, busca-se compreender as relações entre pessoas, sua cultura e o lugar onde vivem. E, a partir de imagens produzidas por um pesquisador, ou

pela própria comunidade, construir a ligação entre aquilo que é falado e o que é, de fato, visto, fazendo aparecer muitas vezes o que as palavras não conseguem dizer.

Por exemplo, ao registrar os meios de vida e os costumes existentes nas comunidades pesqueiras, são descobertas as ações estabelecidas entre elas e a conservação ou degradação do ambiente e dos recursos pesqueiros dos quais elas dependem. Assim,

os registros, sejam por fotografias, sejam por documentários, trazem a possibilidade de captar cenas diárias e identificar eventos significativos na vida dos moradores das comunidades pesqueiras.

Os tipos de pescado ou mariscos capturados; a distribuição da produção; os tipos de pesca, petrechos e embarcações; as mudanças (benéficas ou maléficas) das paisagens e da sociedade; o ensino e a aprendizagem de atividades pesqueiras ou agrícolas transmitidas entre as gerações; as pessoas envolvidas e o papel que cada uma desenvolve na organização social da comunidade; o conhecimento local e muitos mais aspectos podem ser documentados pela imagem.

Os benefícios que podem ser “vistos” com esses registros para as próprias comunidades pesqueiras estão ligados ao seu empoderamento a partir da inclusão digital; do desenvolvimento de aptidões de jovens e adultos em Artes Visuais; da geração de registro histórico e coletivo da localidade pesqueira, do orgulho de ser pescador ou pescadora, da participa-





ção política e, mais importante, do fortalecimento da identidade das comunidades pesqueiras, contribuindo à cidadania, considerando-se a imagem de si ou do grupo.

Quando os pesquisadores devolvem à comunidade pesqueira as imagens capturadas em suas câmeras, há nesse ato um ponto de contato, pois o Outro é quem nos tira da alienação: o fotografado ou filmado se reapropria de sua própria técnica/saber-fazer quando outra pessoa lhe mostra a si mesmo.

Essas aproximações que a câmera permite alcançar são desfazedoras de mundos divididos e aceitadoras dos dualismos complementadores: mar e terra, homens e mulheres, velhos e crianças, trabalho e descanso, reunião e solidão, natureza e técnica, poesia e prosa, arte e ciência, consciente e inconsciente, velado e revelado, verbal e gestual, beleza e conteúdo, sonho e realidade. As imagens desvelam a emoção e as singularidades das/nas histórias de vida dos protagonistas da pesca artesanal brasileira.



# Contos

## Entrecapítulos 5

### *Fios trançados*

Denise Martins Freitas

Na juventude, Dona Celeste, contrariando a calma pretendida por seu nome, era sempre apontada por sua fanfarrice. Sempre faceira, não perdia um baile que fosse; da mesma forma não deixava de se fazer presente nas domingueiras do Tiradentes, do Clube dos Atiradores ou do Barroso. A galhardia de seus modos transparecia, nos olhares dedicados aos seus gestos, uma aprazível simpatia.

Os moços, onde andassem, corriam as vistas a procurá-la. Não que fosse assim... a mais bela, é que o animado semblante contagiava os humores de todos. Mas, dentre os entusiasmados em vê-la, talvez nenhum se envolvesse em tanta empolgação quanto o jovem Tônico. A euforia despertada por Celeste envolvia-o em tremores e suores que somente a singularidade dos quereres apaixonados poderia engendrar.

E viam-se sempre aqueles dois jovens. A exaltação dele, à medida que crescia, contagiava os sentidos dela.

Não foram necessários mais do que alguns bailes, umas retretas e duas ou três domingueiras para que se anunciassem enamorados.

Uma semana depois das festividades do noivado, Tônico dirigia-se à Barra do Rio Grande, onde, de agosto a março, dedicava-se à pesca. Entre braços e pernas e redes trançadas ao sabor das marés, Tônico se ia curtindo, quando não pela salga das águas, pelo tanto do esforço a exigir-lhe dolorosos suores.

Ainda muito jovem aprendera a atender aos sinais do vento, às ruidosas imposições das marés, às denúncias de duvidosas quietudes. Da observação aos fazeres do pai aprendeu a traduzir o bafo das brisas que antecedem rebojos; pistas, vestígios, sinais de uma natureza não acomodada à mesmice, mas que traz nos cheiros, nas cores, na direção dos ventos, na rota das luas, no desenho das nuvens denúncias de suas inconsistências.

Entretanto, mesmo a adestrada sujeição, ainda que não costumeiramente, acaba dando mostras de suas próprias vontades. Mas não são raras as ocasiões em que o resultado da mal criada afronta nos impõe desastrosos castigos.

Foi no tempo da distância que o garbo viço de Celeste desbotou. O moço sofria ao saber das dores da moça; mandava-lhe belos presentes. As prendas eram recebidas com uma transbordante alegria, somente superada nas ocasiões em que, no lugar das prendas, aparecia Tônico com as lindas flores que jamais deixara de trazer.

Entretanto, repetidas a cada ano, as idas e vindas do rapaz foram tantas e com tantos dias de ausência que Celeste perdera o ânimo à chegada dos presentes. Com o passar dos dias, como que para ocupar-se em sua tristeza, a jovem dedicara longas horas na tecelagem de fios, silenciosamente trançando-lhes os mais belos efeitos



com o auxílio de uma agulha de crochê, que durante meses não fora abandonada.

Recusara-se a receber quem quer que fosse. Os amigos e familiares, atordoados com a quietude que tomara conta da pequena, exauriam-se em tentativas inúteis para alegrar-lhe o espírito. Até uma das moças, que diariamente insistia na tentativa da visita à amiga, trazer-lhe a desoladora notícia da morte de Tônico, ainda se esperou vê-la às gargalhadas novamente. Depois do solene e fúnebre anúncio, Celeste sentenciou que não receberia mais ninguém, exceto aos que lhe trouxessem um belo novelo de linha.

No início, apenas os amigos a procuravam, mas logo a história convertera-se em mexerico. Não tardaram a aparecer os curiosos, que afinal se empenhavam em selecionar os mais belos linhos, as lãs de fina aparência e alguns cordões que se destacassem em brilho e cor.

Trançados por aquelas mãos taciturnas, os fios formavam um arranjo fantástico. Na mistura de cores e texturas, entrelaçavam aquele vazão solitário à impossibilidade dos alívios presentes. E o tempo dera também a se fazer artesanato e, na companhia de Celeste estendeu-se em tramas que já não se podia dimensionar. Ainda hoje, tendo se passado já tantos anos, a velha Celeste se empenha em trançar os fios que, por maiores que sejam, jamais alcançam aquecer Tônico.

# Iemanjá, a Rainha do mar

Ricardo Oliveira de Freitas

Não há no Brasil divindade mais cultuada e adorada que Iemanjá, a rainha do mar. Seu culto não está associado apenas aos adeptos das religiões de matriz africana, mas, também, católicos e toda a sorte de fiéis brasileiros.

Para Iemanjá, nós, brasileiros, depositamos presentes no mar, do “Oiapoque ao Chuí”. Como é deusa vaidosa, oferecemos-lhe mimos, que vão desde talco e perfumes até sabonetes e moedas de prata, passando pelas tradicionais flores brancas.

Iemanjá, também chamada Inaê, Janaína, Princesa Aiocá, Rainha do Mar, A Grande Sereia, é saudada pela expressão iorubá *Odojá*: mãe e senhora das águas. Seu nome deriva das palavras *lá* ou *leiê*: mãe; *Omo*: filho; *Ejá*: peixe; ou seja, a “mãe dos filhos peixes”, a “mãe dos peixinhos”. Por isso, Iemanjá é, também, a padroeira de muitas Colônias de Pescadores. Entre essas, e talvez a mais famosa, a Colônia de Pescadores do Rio Vermelho, em Salvador, que a homenageia todo dia dois de fevereiro com uma das mais grandiosas festas da Bahia.

Foi o culto popular a Iemanjá, realizado pelos umbandistas nas praias cariocas desde a primeira metade do século XX, que daria origem, já na década de 1980, à grande queima de fogos da Praia de Copacabana e que acabou se espalhando por todo o litoral brasileiro, quando homenageamos Iemanjá e a sua morada – o mar com todos os seus mistérios.

Representada pela forma de peixe (sereia), pela

prata e cristal (cores da água marinha) e pelas conchas, é considerada a mãe de todos os orixás, pelo fato de ter contribuído para a criação do mundo, ao presentear-lo com a água volumosa.

Sendo assim, o culto a Iemanjá, mais que o culto a uma entidade mítica, é uma demonstração do nosso reconhecimento, como seres humanos, da força e da importância das águas para a continuidade da vida humana. Sejam as águas salgadas ou não. Afinal, tanto na África como na Amazônia, Iemanjá também é cultuada em rios.

Não à toa, homenageamos Iemanjá no dia do Bom e Novo Ano, a fim de agradecer o ano passado e obtermos saúde e sorte pelo ano vindouro, numa homenagem à vida vivida e à vida por viver, ao vivido e ao devir, junto à água que tanto renova como inova. *Odojá!*





# O mundo encantado das águas ou o mundo das águas encantadas

Ricardo Oliveira de Freitas

Olorum, o deus supremo nagô, encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar os seres humanos. Oxalá, para dar conta do pedido de Olorum, tenta todas as possibilidades. Tenta fazer o homem de ar, mas o homem se desfaz. Tenta fazer o homem de pau, mas o homem fica muito duro. Tenta fazê-lo de pedra, mas o resultado é pior ainda. Tenta fazer o homem de fogo, mas logo a matéria humana se consome. Nada adianta. Nanã Buruku, percebendo a sua aflição, vem em seu socorro. Apontou para o fundo do manguezal com seu *Ibiri*, um bastão próprio da realeza. De lá, retirou uma porção de lama, da qual o homem foi feito.

Entretanto, Nanã nunca esqueceu que a matéria-prima por ela oferecida a Oxalá, a lama extraída dos manguezais – constituídos metade de água salgada, metade de água doce – também pertencia a outras divindades. Iemanjá, a rainha das águas salgadas, a divindade mais adorada e cultuada no Brasil – também conhecida como rainha Janaína, Inaê, Mãe d'Água, Sereia do Mar, Princesa de Aiocá, a Mãe dos Filhos-Peixe. Oxum, a deusa das águas doces, dos rios, dos córregos, das cachoeiras – também conhecida como Iara, a Mãe dos Filhos de Ouro.

Nanã Buruku escolheu a lama pelo fato de ser a rainha e senhora dos pântanos, das lagoas, dos manguezais. Mas também a escolheu pelo fato de saber que os manguezais antecedem à criação do homem e de todas as coisas criadas pelo homem na Terra. Daí

a importância em preservá-lo. Dele somos frutos e filhos. Quase tanto como os manguezais, Nanã Buruku é divindade velha, anciã. Por isso, é também conhecida como a grande avó, a vovó. Se Nanã, ao contribuir com Oxalá, participa da modelagem do homem, dando-lhe forma, à Iemanjá é reservada a cabeça e sua boa razão. À Oxum é reservada a fertilidade e a possibilidade da reprodução. Corpo, cabeça e ventre. Mar, rio e mangue. Não à toa, o manguezal constituiu-se em ventre, lugar de reprodução de espécies, celeiro do mundo das águas.

Com a ajuda da grande avó e das sereias, do poder feminino, Oxalá criou o homem modelado no barro. Com o sopro de ar dado por Olorum, o homem de barro caminhou. Com a ajuda dos outros orixás, o homem povoou a terra. Na Terra, o homem encontrou a natureza já definida. Por isso se diz que não podemos destruí-la. Por isso também se diz que devemos preservá-la. Afinal, da terra viemos e à terra retornaremos. Nanã Buruku nos conduzirá nesse retorno à terra, ao barro, à lama... À natureza do mundo encantado povoado pelos orixás da água, da terra, do fogo, da floresta.

Ao receber o homem após a sua morte, em seu retorno ao barro, Nanã Buruku cria uma forma de recolonizar e devolver à natureza o que é seu. Nanã Buruku, a Senhora da Boa Morte. Nanã Buruku, a Mãe Natureza.



# As Lendas do Mar e do Mato

Manuela Dreyer, Antonio Ostrensky, Débora Pestana,  
Renato Pereira, Fabrício Ramos, Larissa Mellinger,  
Cecília Brosig, Leandro Angelo e Mariana Galvão

A pesca artesanal ainda abriga, em muitas comunidades ao longo do Brasil, muitas crendices populares. Em cada lugar, à sua maneira, existem histórias que misturam conhecimentos e observações sobre a natureza, sobre as relações entre os homens, seus medos e fantasias. Personagens criados por pescadores e pescadoras, maris-

queiras, caranguejeiros e caçadores, passam a se relacionar com o mundo real através do mundo natural... Personagens que trazem para o mundo da pesca (o barco, a rede, o remo) e do mato, uma alma. E é através dessa alma que as atividades ganham vida, exprimindo, ainda hoje, uma relação de respeito com os recursos naturais.

Os projetos Puçá e Cultimar, desenvolvidos pelo Instituto GIA nos litorais da Bahia e do Paraná, respectivamente, resgataram lendas com o intuito de trabalhar a relação do homem litorâneo com a natureza, principalmente com as crianças das comunidades<sup>1</sup>.



## *Pai do Mato*

Litoral norte do Paraná

O Pai do Mato é um homem assustador, de cabelos e barba compridos. Carrega um saco cheio de ferramentas, que fazem barulho quando ele se desloca pelas matas, assustando as pessoas que entram nas florestas sem respeitar seus habitantes. Dessa forma, o Pai do Mato é um protetor das matas e dos animais.

O Pai do Mato é filho da Caipora. Dizem os mais velhos que a Caipora antes de morrer, engravidou uma índia e que ela deu à luz um menino que ainda criancinha, foi para o mato e nunca mais voltou.

O Pai do Mato é um personagem muito temido e respeitado por mateiros, caçadores e todos aqueles que se aventuram mata adentro.

Os caçadores eram os principais responsáveis pela manutenção dessa crença, que tinha como objetivo manter as pessoas afastadas das matas, de onde tiravam o sustento da família.

## *O Mero que come gente*

Recôncavo Baiano

O mero pode ter um tamanho maior que um homem, mas é um peixe inofensivo, que não ataca ninguém. Mesmo assim, contam os pescadores que nos poços onde se pesca com frequência costuma aparecer um mero muito grande, mas que só as mulheres que mariscam à beira do rio conseguem vê-lo. Os homens até procuram o mero por todos os lugares, mas

nunca o avistam. Esse mero virou uma lenda de um peixe gigante que come gente, sendo temido em muitas regiões. Ele geralmente aparece na maior maré, como no mês de março, e muitos pescadores afirmam que ele está cuidando de lugares secretos.







*parte 6*

*MÚSICA E  
CONSERVAÇÃO  
MARINHA*

# Memórias do Mar: Música, Cultura e Conservação

Marcio de Novaes

O mar sempre exerceu um grande fascínio sobre a humanidade. Inúmeras canções sobre seus mistérios e encantamentos foram escritas por poetas e compositores populares. Comunidades tradicionais litorâneas possuem um enorme patrimônio artístico, passado e construído através das gerações e presente na oralidade, versando sobre o dia-a-dia dos pescadores em alto mar ou em terra firme.

Canções sobre pescadores e marinheiros que, pelo seu trabalho, vivem sobre as ondas e deixam em terra seus amores para desafiar o mundo das águas. Canções sobre seres encantados como as sereias, que levam para o fundo do mar os homens que ouvirem

o seu canto. A Rede Meros do Brasil valoriza a musicalidade popular litorânea, através do apoio a grupos e iniciativas que estão representadas nesta obra.

Este álbum contém canções originais de diversos grupos do litoral brasileiro. A idéia norteadora foi a de trazer músicas que retratassem um pouco da diversidade de sons e ritmos presentes no país mas que, de alguma forma, carregam mensagens que nos fazem lembrar e pensar sobre o mar...



Todas faixas foram gravadas mixadas e masterizadas por Alexandre Siqueira no Estúdio Café Maestro exceto as faixas: Seu Arlindo; Tristezas e felicidades de pescador; Mulher de Pescador e Portal do Mar.

## Memórias do mar

Música - Marcio de Novaes e Leopoldo C. Gerhardinger  
Letra - Leopoldo C. Gerhardinger

O que é que tem do lado de lá do mar  
Que é só o grande o homem do mar é  
que sabe o que tem  
É no bate papo e na lida do barco é  
que vem  
O ciclo da vida que repetido aprender  
e ensinar

O que é que o bagre e o robalo tá aí  
pra contar  
O mero e o siri na marola que vai e vem  
O aratu no buraco e a garoupa na toca  
também  
O ciclo da vida que repetido aprender  
e ensinar

A força do horizonte  
A fonte a onda trás  
Bate forte e rege a vida  
O sentido que o vento faz

Pé na areia e a mente atenta  
No segredo professor  
O cardume prata brilha  
Nos olhos do pescador

Na proa deste pau seco há um futuro  
molhado  
Do fundo a beira pros braços da maris-  
queira  
Do amor de mar e terra se vê que é  
gerado  
Filho de cultura rica, filho forte e peixe  
grado

Voz - Marcio de Novaes  
Coro - Marcio de Novaes, Virginia Bastos, Alexandre  
Siqueira e Rodrigo C. Gerhardinger  
Violão de sete cordas - Marcio de Novaes  
Flauta transversal e Sax - Marcelo Azeredo  
Bateria - Christian Valias  
Zabumba, Caxixi e alfaia - Gustavo Soares  
Pandeiro - Fabiano Weber  
Baixo - Thomaz Tessler  
Arranjo Vocal - Marcos Venicius Domingos

## Rebojo

Música - Marcio de Novaes e Leopoldo C. Gerhardinger  
Letra - Leopoldo C. Gerhardinger

O Grande sopro do Sul  
Carrega consigo o tempo  
Carrega consigo o tempo  
Tecer as linhas da vida  
Nas cordas de um instrumento

Mirando a cor do mar  
Nos sonhos que o anil sublima

Nos sonhos que o anil sublima  
Areia canta o mistério  
Daquilo que onda ensina

Rebojo que chega e traz do azul  
O toque da corda e o vento sul  
Quando a tribuzana aponta no mar  
Sinal que a viola ponteia a tocar

Música então se cria  
Do ócio que acalenta  
E a voz que acalenta  
No tom que canta o homem  
E do coração que venta  
Um violão no seu caminho  
Um tambor e a paciência  
O aconchego de m ranchinho  
Pra afina a consciência

Vem amigo aqui então  
Se junta na melodia  
Se com um toque já e bom  
Cá com dois se ganha o dia

Voz - Virginia Bastos  
Violão de sete cordas - Marcio de Novaes  
Viola caipira - Ricardo Pauletti  
Flauta transversal - Marcelo Azeredo  
Zabumba, Caxixi e triângulo - Gustavo Soares  
Berimbau - Rodrigo C. Gerhardinger  
Pandeiro - Fabiano Weber

## Terra firme

Música - Marcio de Novaes e Leopoldo C. Gerhardinger  
Letra - Leopoldo C. Gerhardinger e Rodrigo C. Gerhar-  
dinger

Tem tatu na toca  
Tem teia de aranha  
Tem teiú que arranha  
A terra

Tem tanto tesouro  
Tem besouro  
Tem cateto  
Tem tatu na toca

Tem a mata que é mãe da gente  
Guarda em cada caminho  
O piá de um passarinho

Nas asas da borboleta  
Quando a paca mama a teta da mãe  
Carinho

Tudo quanto tanto  
Tudo a terra que amo tanto

Poita tocando a terra

Batera encalhada na praia  
Sinal de sossego

Tudo quanto tanto  
Tudo a terra que amo tanto  
Guardo no coração

Voz - Giovana Petrucci de Novaes  
Voz - Virginia Bastos  
Moringa - Fabiano Weber  
Violão de sete cordas - Marcio de Novaes  
Viola caipira - Ricardo Pauletti  
Flauta transversal - Marcelo Azeredo  
Xilofone - Rodrigo C. Gerhardinger

## Cantos e encantos

Música - Marcio de Novaes e Leopoldo C. Gerhardinger  
Letra - Jaco Galdino

O Canto da Terra é o canto da gente  
Ecoando no oco  
Torto no toco  
Moradia de viventes

O canto da água é o canto de Oxum  
Brotando vidas  
Espalhando cores  
Moradia de seres

O canto do vento é o canto novo  
Iansã Deusa menina mulher  
África mãe no seio terra  
Moradia de mitos

O canto do homem é o canto da terra  
Espalhando sonhos no oco do toco  
Moradia de gente

O canto do mar é o canto de lemanjá  
Rolando ondas  
Espelhando a lua  
Moradia de peixes

O canto do fogo é o canto mágico  
Tupã guerreiro Deus atlântico  
Utopia nasce nas matas  
Moradia de índio

Violão de sete cordas e Voz - Marcio de Novaes  
Vocal - Virginia Bastos  
Flauta transversal - Marcelo Azeredo  
Zabumba e Caxixi - Gustavo Soares  
Pandeiro e Tumbadoras - Fabiano Weber  
Agogô - Dede Galdino

Obs. Não conseguimos identificar a qual etnia pertence o  
lindo e forte canto indígena que foi respeitosamente incor-  
porado ao final desta música. Solicitamos assim a ajuda  
de todos para descobrir sua origem.

## Fios Trançados

Música – Marcelo Azêredo e Marcio de Novaes  
Letra - Denise Martins Freitas

Murmúrios de ondas ligeiras  
Segrederiam noite inteira  
Trazendo para as areias  
Sigilos que o mar calou

Um garboso pescador  
Para sempre no mar deitou  
E a moça em suas vigílias  
Enleada de saudade

A caso de poucos dias  
Cruzou em nau delirante  
Guardar viúvos desejos

Velando o bem naufragado  
Acho de trançar os fios  
Depois de muitos trançados notou  
Que ainda belos  
E de muitas cores cheios

O xale de tantas formas  
Jamais alcançaram as noites geladas de  
pescaria  
Nos braços daquele moço  
E em tanto outros abraços jurou  
Que ainda voltaria

Vocal e flauta transversal - Marcelo Azeredo  
Violão de sete cordas e vocal - Marcio de Novaes  
Guitarra - Alexandre Siqueira  
Bateria - Christian Valias  
Zabumba, caxixi e triângulo - Gustavo Soarez

## Pescador Pererê

Música – Marcio de Novaes e Leopoldo C. Gerhardinger  
Letra – Leopoldo C. Gerhardinger

Eia pula no barco vem  
Que a onda já vai chegar  
Navegar mil estrelas  
N'água e sal a vida gerar

Pererê entra nessa canoa que eu vou te  
ensinar  
O segredo do vento da malha do man-  
gue e do mar  
Pescador tem ter audácia de um capitão  
Os olhos da águia e a leveza da garça  
E um bom coração

Brincando com a linha lá na beira do  
cais  
Governando a maré lá na beira do cais  
No futuro vai ser  
Grande homem de paz

Ei menino de fé joga a rede no mar  
Ei menino de vai cuidar deste mar  
Pra peixe sempre ter  
No balaio jogar

Voz - Siara Bonatti  
Voz - Rodrigo C. Gerhardinger  
Voz - Virginia Bastos  
Violão de sete cordas e Voz - Marcio de Novaes  
Baixo - Darlan Haussen Martins Jr.  
Zabumba e Ganzá - Gustavo Soarez  
Tumbadoras e Pandeiro - Fabiano Weber  
Piano e Solo de Violão - Alexandre Siqueira  
Bateria - Christian Valias

## Artista das Águas

Música - Marcio de Novaes  
Letra - Leopoldo Cavaleri Gerhardinger

Cancioneiro tece as letras  
Jangadeiro tece o ar  
Cada frase traz firmeza  
Em cada nó da Rede o Mar

Carpinteiro lavra a tora  
Da canoa caiçara  
Cruza fácil a maré boa  
Vaga alta ela não para

E no sangue extrativista  
Vê se a sua identidade  
Verdadeira conquista  
No sal, no sol, suor e dor  
Ser pescador lá na cidade

E no sangue extrativista  
Vigorosa batalha  
Verdadeira conquista  
É arte e chumbo na tralha

Ser pescador lá na cidade exige discer-  
nimento  
Diante o cruzamento da velha e nova  
idade  
Pra não se perder no momento no mar  
de conhecimento o valor da identidade  
Diante de tudo isso, desafio e aventura  
Dia a dia tem se visto o que contem em  
cada cultura  
Na sua arte ascendente que germina a  
esperança  
De manter a rede unida e sobreviver a  
mudança

Violão de sete cordas e Voz - Marcio de Novaes  
Vocal - Virginia Bastos, Alexandre Siqueira e Rodrigo C.  
Gerhardinger  
Trombone - Rodrigo C. Gerhardinger  
Bateria - Christian Valias  
Baixo - Thomaz Tessler  
Pandeiro e Tumbadoras - Fabiano Weber  
Flauta transversal - Marcelo Azeredo  
Locução - Evandro Che

## Canto das Baleias

Música - Marcio de Novaes e Alexandre Siqueira

“Ninguém no cais tem um nome só. Todos  
tem também um apelido ou abreviam o  
nome, ou aumentam qualquer coisa que  
recorde uma história, uma luta, um amor.  
lemanjá, que é a dona do do cais, dos  
saveiros, da vida deles todos, tem cinco  
nomes doces que todo mundo sabe. Ela  
se chama lemanjá, sempre foi chamada  
assim e esse é seu verdadeiro nome, de  
dona das águas, de senhora dos oce-  
anos. No entanto os canoeiros amam  
chamá-la de Dona Janaína, e os pretos,  
que são seus filhos mais diletos, que dan-  
çam para ela e mais que todos a te-  
mem, chamam de Inaê, com devoção, ou  
fazem suas suplicas à Princesa de Aiocá.  
Rainha dessas terras misteriosas que se  
escondem na linha azul que as separa  
das outras terras.”

lemanjá dos cinco nomes (Trecho do livro  
“Mar Morto” de Jorge Amado)

Vocais - Alexandre Siqueira, Marcio de Novaes e Virginia  
Bastos  
Bateria - Christian Valias  
Baixo - Darlan Haussen Martins Jr.  
Violão sete cordas - Marcio de Novaes  
Guitarra - Alexandre Siqueira  
Violão de doze cordas - Alexandre Siqueira

## Seu Arildo

Música – Grupo Cultural Tarrafa Elétrica

O seu Arildo fez um tacho de risoto de  
marisco  
Seja bem vindo, volte logo, a casa é sua,  
deixe disso

O seu Arildo é um homem muito engra-  
çado  
Que faz conserto e faz tudo, até na  
alma  
E com a panela deixa ate marmanjo  
arreado  
Por que ele faz cozido e faz assado  
Faz grelhado e faz frito bem temperado

Se você não provou pode entrar tá con-  
vidado  
Tá convidado pra tomar caldo-de-cana  
Tá convidado pra comer pirão d'água  
Tá convidado pra tomar caldo-de-cana  
Tá convidado pra comer um peixe frito

Percussão – Bruno Schmidt, Christian Valias, Gustavo  
“Guma” Senatore

Baixo – Thomaz Tessler  
Guitarra – Emmanuel Schmidt  
Bateria - Christian Valias  
Violão/Viola – Cassiano Bazana  
Voz principal – Evandro “Che” Marquesi”  
Voz - Gustavo “Guma” Senatore, Bruno Schmidt, Cassiano Bazana, Emmanuel Schmidt

## Tristeza e Felicidade do Pescador

Música – Grupo Cultural Tarrafa Elétrica

Eu amarrei minha bateira lá na praia,  
E ai então um rebojo anunciou,  
Minha bateira ficou escangalhada,  
Problema não, não tem problema meu senhor.

Amanheceu e ele está na batalha,  
Linhas trançadas este ilude pescador,  
De tardezinha vai tarrafear na barra,  
Vai de a pé, pois a bateira o mar levou.

É dia triste quando aquele em que o pescador amarrou sua bateirinha no mesmo lugar que já tinha pra mais de vinte anos que ele amarrava, mas ai veio uma tribuzana, um vento forte, e levou a bateirinha do pescador embora, meu povo.

Mas isso não foi problema não, porque no outro dia ele já tava linhando e trançando uma nova rede, pra já no final da tarde, tarrafear lá pros lados da barra. Mas foi no outro dia, no outro dia de manhã, antes do galo preto cantar, que a surpresa apareceu pro pescador, lá pros lados da barra, meu povo!!!

O galo canta anunciando um novo dia,  
Pegadas firmes vão trilhando a beira mar,  
E ao jogar sua tarrafa adivinha:  
Sua bateira estava lá a lhe esperar!!!!

É felicidade danada meu povo, quando o pescador encontrou sua bateirinha!  
Tava meio baleada aqui, meio baleadinha ali, mas ele fez uns remendos e depois daquilo foi peixe de tonelada, meu povo, peixe de tonelada!

Percussão – Bruno Schmidt, Christian Valias, Gustavo “Guma” Senatore  
Baixo – Thomaz Tessler  
Guitarra – Emmanuel Schmidt  
Bateria - Christian Valias  
Violão/Viola – Cassiano Bazana  
Voz principal – Evandro “Che” Marquesi”  
Voz - Gustavo “Guma” Senatore, Bruno Schmidt, Cassiano Bazana, Emmanuel Schmidt

## Mulher de Pescador

Música - Rafaelo de Góes, Mauro Camargo

Já e hora já é hora, já é hora de acordar  
A noite já vai embora meu querido vai ao mar  
Vai agora meu amor que logo o sol já vem  
Vai no mar alto buscar o peixe que tanto tem  
O mar é dos que sabem navegar  
O mar é dos que sabem navegar

E vão pra longe sem ter hora pra voltar  
Solto a rede na enseada e arraso tudo que há  
Arrasto a brisa da madrugada que não para de soprar  
Arrasto o tempo que não pode mais voltar  
Arrasto o sonho que cansei de acreditar

O mar é de que sabe navegar  
O mar é de que sabe navegar  
O mar é de quem sabe que a vida é feita pra passar

Volta logo volta logo, volta logo meu amor  
O meu corpo ta sentindo a falta do teu calor  
Vem embora vem embora, vem embora deste mar  
Volta logo volta logo, vem depressa me abraçar

Voz - Rafaelo de Góes, Karla Freitas, Lu Weiss  
Violão Voz Arranjo - Beto Lopes  
Percussão - Carlo Abreu

## Portal do Mar

Musica e letra – Gigi Castro e Soraya Vanini

Não manguê, de mim, não manguê!  
Sou Manguê, vou lhe contar!  
Não manguê de mim, sou manguê, por feio me querem dar!

O caranguejo que na praia você come,  
O camarão que pula na sua barriga,  
Vê se me entende, homem,  
O que em mim se cria,  
Vê se me entende é o que mata a sua fome!

Não manguê, de mim, não manguê!

Sou Manguê, vou lhe contar!  
Não manguê de mim, sou Manguê, por feio me querem dar!

A lama negra, a que você não quer dar nome,  
Tem aratu, tem sururu, ostra do manguê, ê!  
Vê se me entende, Homem,  
O que em mim se cria,  
Vê se me entende é o que mata a sua fome!

Portal do Mar! Portal do Mar!

Vocal – Gigi Castro, Giselle Castro, Deysa di Moraes, Ebson Paixão, Marcos Rocha  
Violão – Gigi Castro  
Percussão – Ebson Paixão

## Velho Budião

Letra: Jorge Galdino Santana

Sereia do mar  
Salve o Velho Budião  
Oh! Sereia

Velho Budião chegou  
Chegou para vadiar

Vem controlando as algas  
No fundo mar

De janeiro a janeiro  
Vem ver baleia passar

Ouve o canto da sereia pescado em alto mar

Voz principal: Valdely da Conceição Nascimento Monteiro “Leuréu”  
Vocais – Bianca Santana, Franciele Santana, Gel Santos, Gabe Fernandes  
Percussão – Berguinho, Dedê, Dó Galdino  
Violão – Dênisson Borges, Marcio Novaes



# Créditos

## **Ilustrações:**

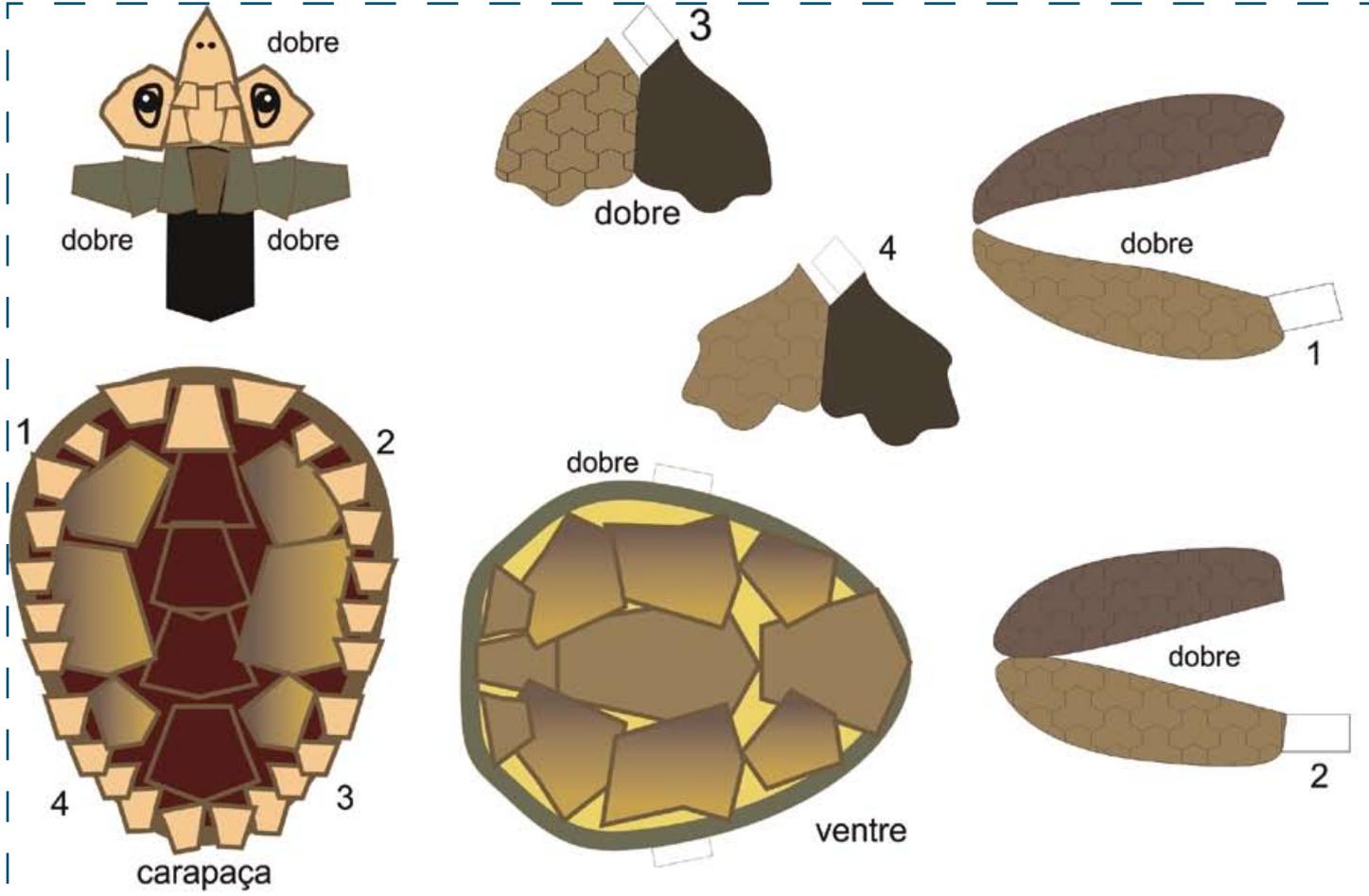
Aldo Maes Anjos: 67, 68; Diana Carneiro: 65-66; Euclides da Cunha Neto: 140; Francisco Helioldo Silva: 133; Instituto GIA: 145; Maíra Borgonha: Guarda do livro, 17; Ricardo Corbetta: 154, 156, 158; Vânia Medeiros: Capa, 3, 6, 9, 10, 13, 21, 25, 29, 59, 60, 94, 146, 152

## **Fotografias:**

Alberto da Silva Santos: 117c; Amanda Schneider: 57a; Áthila Bertoncini Andrade: 7, 11, 16, 19-20, 23-24, 26, 27-28, 30, 31-32, 33, 51-52, 53-54, 55, 61-62, 63, 71, 72, 74, 75, 77-78, 79, 80, 81, 82ac, 87, 88, 90, 92, 93, 95, 96, 97-98, 99, 101, 106, 107bc, 109c, 112, 113, 115, 117abd, 120, 121c, 134, 159; Beatrice Padovani Ferreira: 56; Carina Catiana Foppa: 100; Cláudio Sampaio: 141; Dannieli Firme Herbst: 41-42; David Morgan: 125; Diórgenes Pandini: 147-148; Eugenio Andreola: 82b; Egno Said Barbosa: 50b; Elaine Corets: 83; Fabiano Grecco: 34b, 35-36, 89; Fernanda Ribeiro de Franco: 38, 39; Francisco José Bezerra Souto: 129; Francisco Soares de Souza: 135b; Gizelda Castilhos: 58c; Guilherme Dutra: 102, 103; Hugo Marcel Ribeiro Teixeira: 109d; Lais Cazaroto Siquara: 44a; Luciana Pinheiro: 136, 137; Luciana T. Adolfo: 58a,b; Maíra Borgonha: 105, 107a, 121abd, 135a, 138, 162; Maria das Graças Meirelles Correia: 122, 123, 124; Marcio de Novaes: 149; Maurício Hostim-Silva: 44b, 46ab; Mirella Cursino da Silva: 57b,c; Paulo Roberto de Castro Beckenkamp: 34a, 40, 47-48, 49, 50c, 86, 109abef, 110, 142, 144; Rodrigo Silva Araújo: 44c, 45, 46cdef; Vicente Stanislaw Klonowski: 131, 132; Virgínia Bastos: 149i; Vinícius Giglio Fernandes: 50a; Waldemar Bucken: 126, 127.

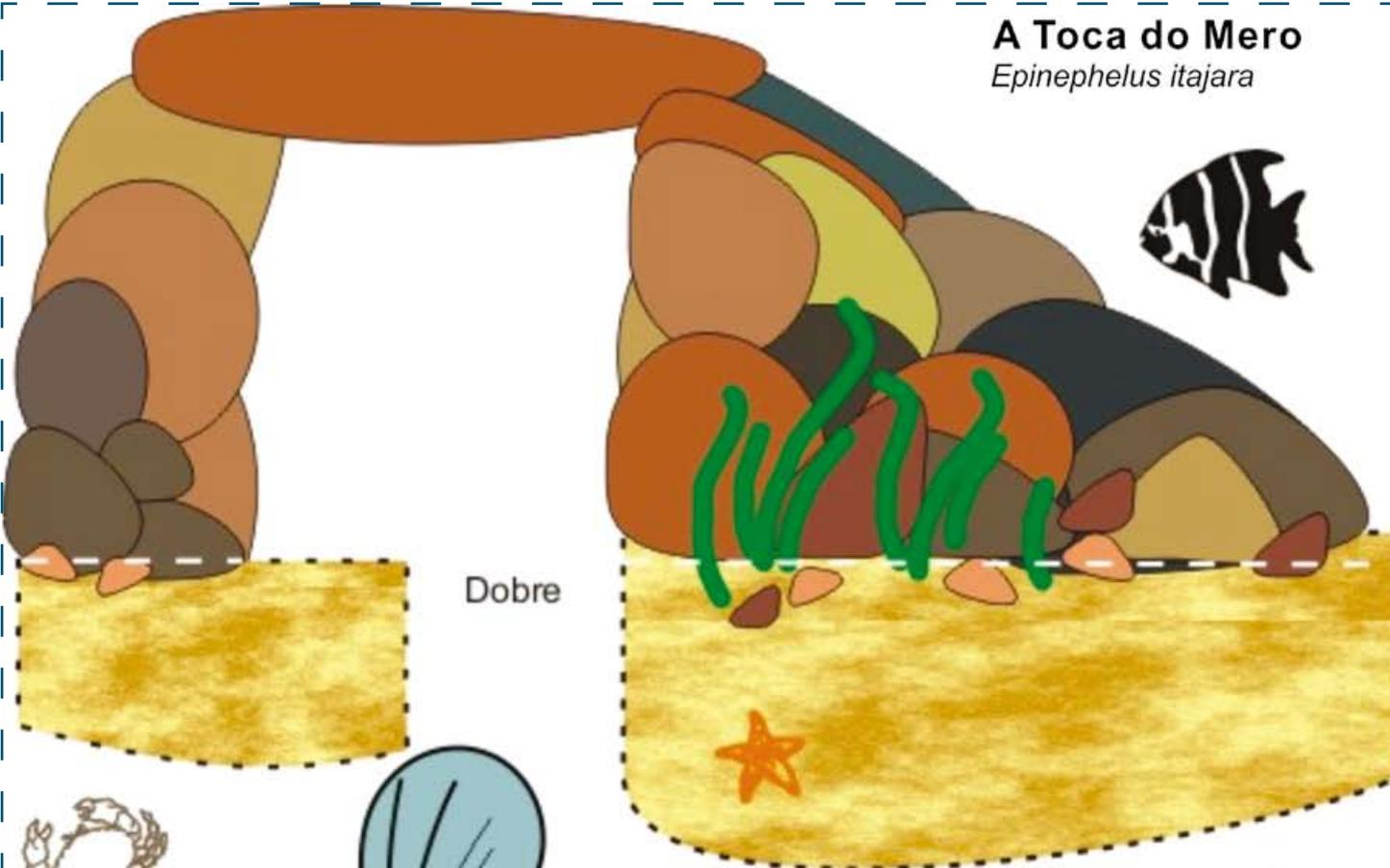
Obs: A referência ao posicionamento das imagens segue ordem alfabética no sentido superior-inferior, esquerda-direita.

*Para recortar e montar*

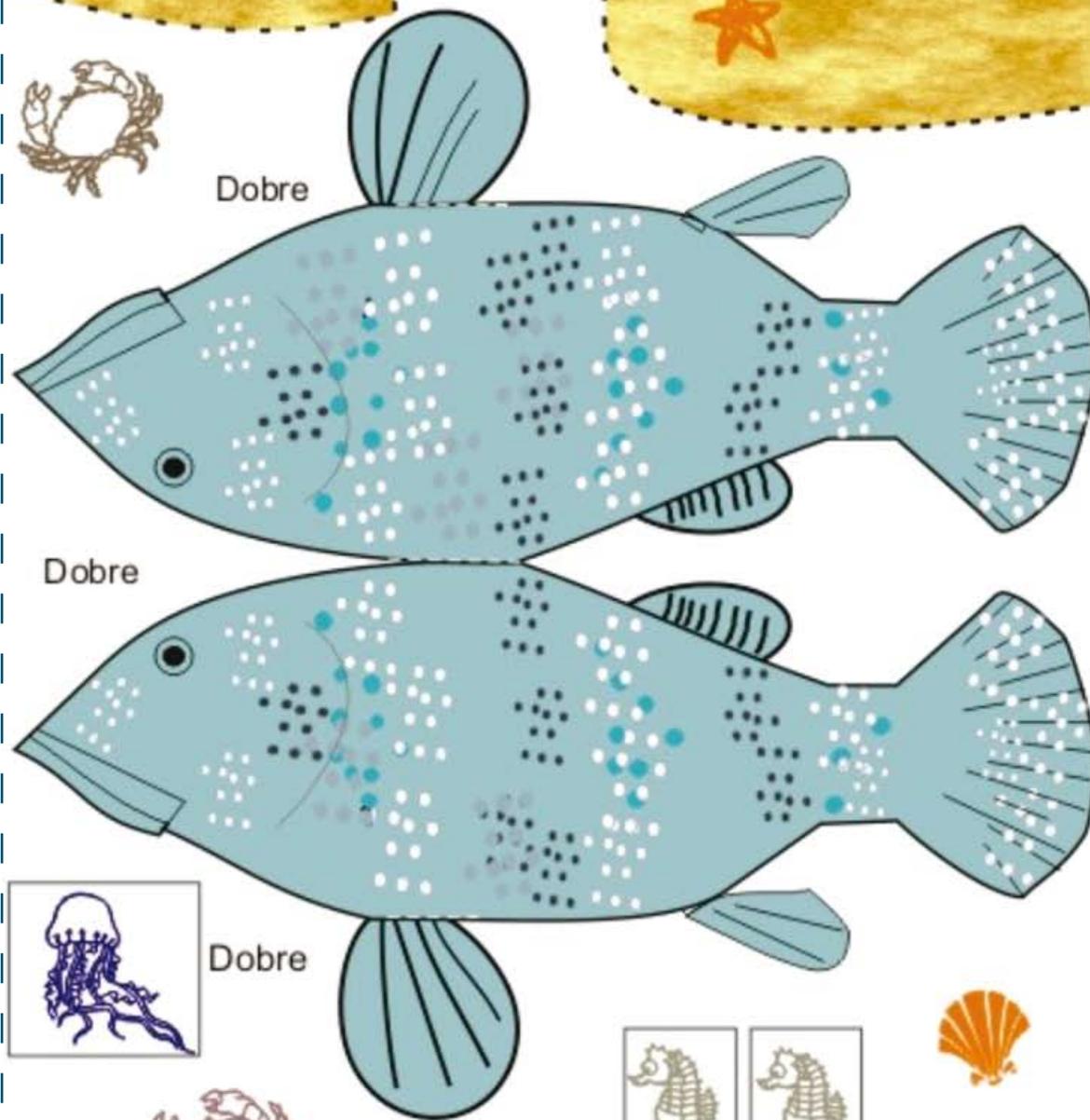




**A Toca do Mero**  
*Epinephelus itajara*



Dobre



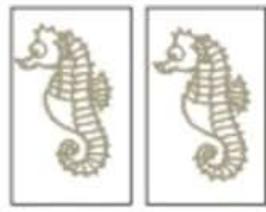
Dobre

Dobre

Dobre



Lagosta

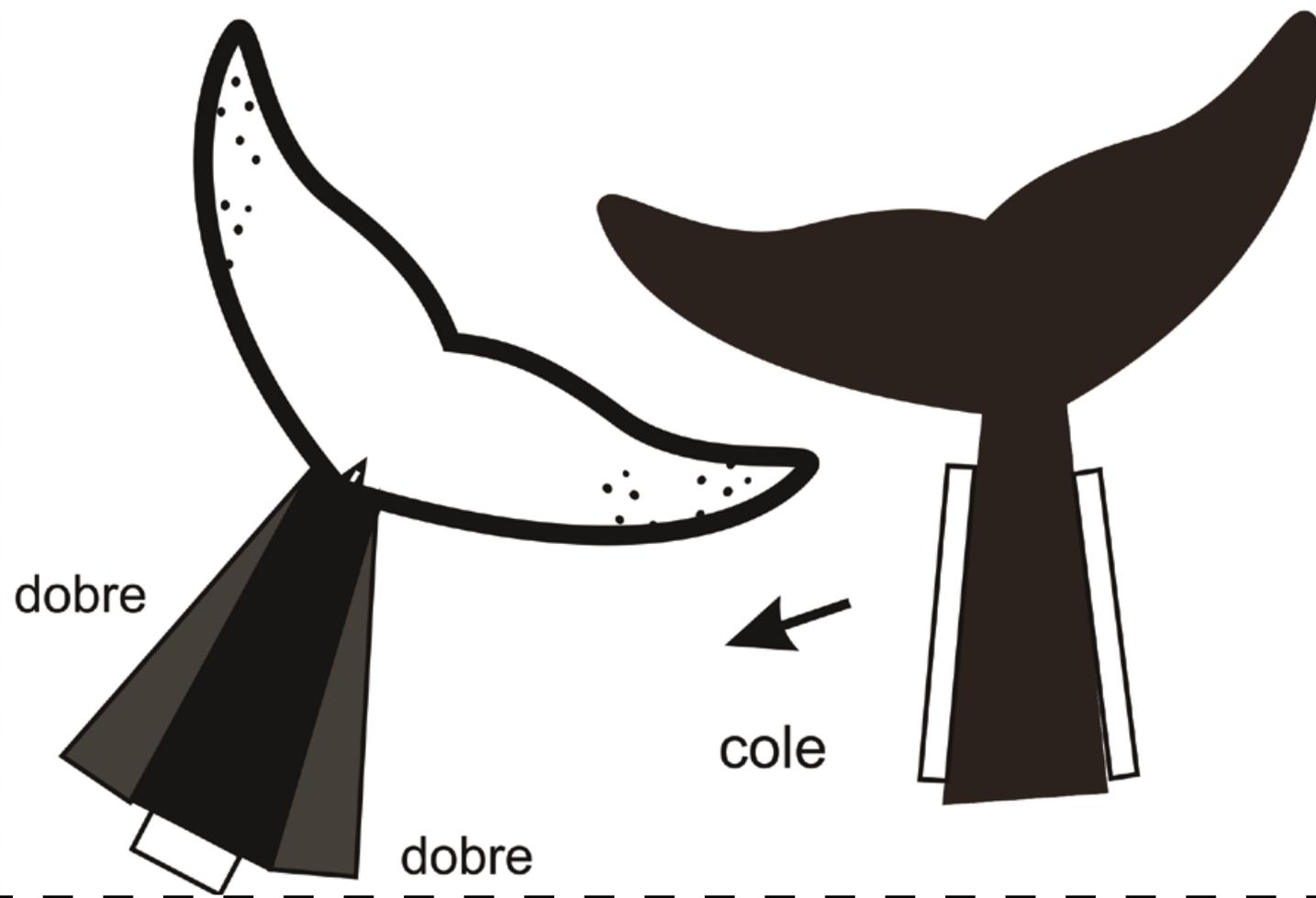




**Baleia Jubarte**  
*Megaptera novaeangliae*



© 2010 Ricardo Corbetta





# Agradecimentos

Às comunidades tradicionais, pesqueiras artesanais, marítimas e ribeirinhas espalhadas ao longo do litoral brasileiro. Aos especialistas da pesca e da pesquisa que compartilharam suas experiências possibilitando conhecer melhor as espécies e os ambientes. Aos amigos e amigas ribeirinhos, marisqueiras e pescadores. Às Colônias e Associações de Pescadores e Marisqueiras parceiras da Rede. Aos autores e colaboradores que fizeram juntos, a muitas mãos, essas memórias do mar. Aos pescadores de São Francisco do Sul, colegas de trabalho, especialmente aos Srs. João Gonçalves Batista (Sr. Jango) Waldemar Buken (Sr. Gavião) e Sr. Alfredinho, pelos ensinamentos passados à beira d'água, empenho na conservação marinha e pelo apoio à pesquisa. Aos pescadores do Rio Formosos e do Rio Ariquindá em Pernambuco e rio Caravelas na Bahia, e a todos pescadores e ribeirinhos a quem admiramos pela história de vida que nos foi compartilhada, em especial aos que informaram e entregaram meros ainda vivos capturados acidentalmente em pescarias, soltos no rio Caravelas: Vadi, Soró, Isaias da Barra, Lulu, Dona Tatá, Zezê, e em Pernambuco soltos no rio Ariquindá: seu Manuel, Adriano, Marcos, e "Pau Pendeu", rio Formoso: Isaias, Neco, Chico, Geraldo e João Aleixo e rio dos Passos: José Gaspar, o nosso obrigado. Ao amigo Nivaldo Elvira Nascimento, que ao compartilhar seu modo de vida ribeirinho nos mostrou os meros nos rios do estuário em Caravelas BA. Ao Seu Neco, grande observador da natureza, por compartilhar seu conhecimento do Rio Formoso conosco. Aos técnicos, estagiários e colaboradores dos meros do Brasil/PE, Eduardo Rangel, Edvaldo Costa Jr., Manoel Pedrosa, Jonas Silva e Lua Lino. Aos jornalistas Verônica Falcão, Chico José, Beatriz Castro e Mariana Brito pela divulgação da luta pela proteção aos meros. Agradecemos aos jovens Wenderson Oliveira da Conceição, Vanessa da Costa Camilo e Raiane Brito Ribeiro por abrir as portas para os nossos trabalhos junto aos pescadores de Conceição da Barra (ES). Ao Professor Dr. José Geraldo Marques pelos ensinamentos e por nos oferecer enorme inspiração e a sintonia com o olhar etnoecológico. Ao Dr. Mauro Maida pela colaboração constante na pesquisa e conservação dos meros. À Dra. Alpina Begossi e à FIFO (Fisheries and Food Institute) pelo apoio à Rede Meros do Brasil durante o curso de Ecologia Humana. À Leyla Maciel, pela gerência magistral, preciosas orientações e incansável simpatia na condução da parceria com o Programa Petrobras Ambiental. À Paulo Beckenkamp pela força e mediação imprescindíveis para viabilização do livro. Ao Café Maestro pela gravação do CD "Memórias do Mar" em Santa Catarina e "Cantos e Encantos do Mar" na Bahia. Às instituições que deram suporte à Rede Meros do Brasil nos últimos anos: Fundação Biodiversitas, CEPAN, Fundação O Boticário, Padí Aware e Transpetro. Às universidades e seus pesquisadores que nos apoiam: UNIVALI, UFES (CEUNES), UFPE, UFPA, UFAL, UFMA. À administração do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos/ICMBio e à Reserva Extrativista do Cassurubá/ICMBio. Ao CEPENE/IBAMA, representado por seu chefe Antonio Clerton, pelo apoio técnico e logístico, constituindo sede dos trabalhos dos meros do Brasil em Pernambuco, em parceria constante todos estes anos. A Eduardo Almeida da Coopesq/CEPENE pelo apoio na elaboração do banco de dados. Ao Ministério do Meio Ambiente (MMA). Ao projeto TAMAR, solidário na oferta de apoio logístico, alojamento em viagens, convites para mergulhos e viabilização nas solturas dos meros na praia do Forte. Aos projetos de Conservação Marinha Brasileira: TAMAR, Rotador, Albatroz, Coral Vivo, Peixe Boi Marinho, Baleia Franca e Baleia Jubarte. Ao Hotel Marina Porto Abrolhos. A todos os colaboradores que participaram dos Workshops da Rede Meros do Brasil. À Scuba Sul. Ao NEPOM/PF. Ao Ministério da Pesca e Aquicultura. Ao Grupo Umbandaum / Movimento Cultural Arte Manha de Caravelas BA, que levou a informação à comunidade de forma lúdica e agradável com a apresentação da peça Cantos e Encantos do Mar. À Marise Gramkow, quem nos abriu as portas do Museu Nacional do Mar e a todos os parceiros do museu. Ao CEP Sul, em especial à Ana Maria Torres Rodrigues e à AMECA – Associação Ecológica Amigos de Carijós, em especial Ana Paula Cortez e Marta J. Cremer, pelo empenho em busca da conservação da baía da Babitonga. À ONG Vidamar. Ao Laboratório de Educação Ambiental da UNIVALI e equipe do núcleo Trilha da Vida, pelos ensinamentos e inspiradoras conversas que nos guiam pelo campo da educação ambiental. À ONG Força Ambiental de Santa Catarina (FAM) e à equipe que atuou no registro fotográfico da RESEX Pirajubaé. Eduardo Godoy e Fabio Ottoni de Brito. Aos amigos da Submarine por todo apoio logístico ao projeto em São Francisco do Sul. Aos inomináveis colaboradores e defensores da conservação marinha no Brasil. À senhora das águas, que move nossos destinos sobre as ondas do mar. **Odoyá!**



# Autores e colaboradores

Alberto Santos é Biólogo, pós graduado em Biologia Ambiental. Atualmente vinculado ao Instituto Recifes Costeiros como técnico executor do Projeto Meros do Brasil. Participa do programa de monitoramento dos recifes de coral- Reef-Check Brasil.

Aldo Maes dos Anjos é Cartunista e publica a revista CARTUM há nove anos no município de Brusque – Santa Catarina.

Alexandre Siqueira, Músico, produtor de musical, atua no Estúdio de Gravação “Café Maestro”, Balneário Camboriú, Santa Catarina.

Antonio Ostrensky é Oceanólogo, Doutor em Zootomia, professor da Universidade Federal do Paraná e coordenador geral do Grupo Integrado de Aquicultura e Estudos Ambientais – GIA.

Áthila A. Bertocini, Oceanógrafo, Mestre em Zoologia pela Universidade Federal da Paraíba e Doutor em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisa áreas marinhas protegidas com enfoque na ecologia de comunidades de peixes recifais através do uso de métodos não-destrutivos.

Barbara Demmer, estudante de Biologia na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), colaboradora do Centro de Visitantes do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos.

Beatrice Padovani Ferreira, Bióloga, Mestre em Oceanografia Biológica pela Universidade Federal do Rio Grande e Doutora em Biologia Marinha pela James Cook University (Austrália). É professora adjunta do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco.

Carina Catiana Foppa é Bióloga e Mestre em planejamento territorial pela Universidade do estado de santa Catarina. Atua em projetos de extensão, pesquisa e educação com comunidades tradicionais em unidades de conservação.

Cecília Brosig é Bióloga, consultora técnica do Programa de Educação Ambiental Biorregionalista do projeto Puçá.

Cecília Campello do A. Mello. Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, pós doutoranda do IPPUR/UFRJ. Estuda conflitos sócio-ambientais junto a populações locais e movimentos sociais. Atua na Rede Brasileira de Justiça Ambiental e na Relatoria do Direito Humano ao Meio Ambiente da Plataforma DHESCA.

Christian Valias, Bateriaista integrante da banda “Tarrafa Elétrica”, Itajaí, Santa Catarina.

Dannieli Firme Herbst, cursa Ciências Biológicas na Universidade Federal do Espírito Santo. Desenvolve projeto de monografia com a comunidade tradicional de pescadores de Conceição da Barra, Norte do estado.

Débora Pestana é Bióloga, Doutora em Engenharia Florestal, consultora do Grupo Integrado de Aquicultura e Estudos Ambientais – GIA.

Dedé Galdino, Integrante do Movimento Cultural Arte Manha, Caravelas, Bahia.

Denise Martins Freitas é Historiadora, professora, escritora, especialista em Práticas Pedagógicas.

Erika de Almeida, Coordenadora do Núcleo de Educação Ambiental do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos e mestranda no curso Multidisciplinar em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia.

Euclides da Cunha Neto é Designer Gráfico, músico, roteirista e produtor da “Trupe Sonora Casa de Orates”. Produtor de projetos culturais, trabalha na diagramação de livros e jornais de Itajaí.

Evandro Che, Vocalista da banda “Tarrafa Elétrica”, Itajaí, Santa Catarina.

Fabiano Grecco de Carvalho, Biólogo, mestrando em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal do Paraná. Diretor executivo da Associação de Estudos Costeiros e Marinhos – ECOMAR e integrante da Rede Meros do Brasil.

Fabiano Weber da Silva, Educador e músico. Professor nos cursos de Educação Física da UNIVALI. Desenvolve trabalhos, pesquisas, cursos e assessorias pedagógicas nas temáticas das práticas corporais, cultura lúdica e educação ambiental junto à educação formal e não formal.

Fabrizio Menezes Ramos, Oceanógrafo, aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da Universidade Federal do Pará. Desenvolveu na Bahia o Projeto Puçá e contribuiu na publicação do livro “As lendas na educação: histórias do Baixo Sul e do Recôncavo Baiano”.

Fernanda Ribeiro De Franco, Bióloga do Instituto Ambiental Vidágua, atua em projetos e ações buscando o equilíbrio da biodiversidade. Coordena ações em Ilha Comprida e outros municípios do Vale do Ribeira, no litoral sul de São Paulo.

Francisco José Bezerra Souto, Biólogo, Mestre em Zoologia e Doutor em Ecologia e Recursos Naturais. Professor Titular do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia), desenvolve pesquisas nas áreas de Etnoecologia e Etnozoologia.

Gigi Castro, Cantora e compositora, ambientalista e integrante da Frente Cearense Por Uma Nova Cultura da Água e Contra a Transposição das Águas do Rio São Francisco.

Giovana Petrucci de Novaes, Cantora e estudante, Americana, São Paulo.

Gustavo Soares Senatore, Tecnólogo em Gestão Ambiental, percussionista do Grupo Cultural Tarrafa Elétrica e ativista de movimentos para paz e meio ambiente.

Hugo Ricardo Lamas Diogo, Oceanógrafo, Mestre, desenvolve trabalhos com enfoque em processos de desenvolvimento local e comunidades costeiras.

Hugo Teixeira é Biólogo pela Universidade do Estado da Bahia, desde 2006 desenvolve junto à Associação de Estudos Costeiros e Marinhos - ECOMAR trabalhos com etnoecologia de pescadores e gestão de recursos pesqueiros no extremo sul da Bahia.

Irecê Maria de Lucena Rosa é professora na Universidade Federal da Paraíba. Seus estudos são direcionados para a conservação e têm como foco a ictiofauna de ambientes recifais e estuarinos. Coordena o “Projeto Cavalos-Marinhos”.

Jaco Galdino, Integrante do Movimento Cultural Arte Manha, Caravelas, Bahia.  
Jorge Galdino Santana, Integrante do Movimento Cultural Arte Manha, Caravelas, Bahia.

Larissa Mellinger, Bióloga, doutoranda em Ciências Sociais, pesquisadora do GIA, técnica do programa de EA Biorregionalista dos projetos Cultimar e Puçá.

Leandro Ângelo, Biólogo, doutorando em Ecologia e Conservação, consultor do GIA, coordenador de equipe do projeto Cultimar e especialista em Educação e Meio Ambiente.

Leonardo F. Machado, Oceanógrafo, Doutor em Ecologia Animal pela Universidade dos Açores, Portugal. pesquisador que se dedica ao estudo da biologia e ecologia de populações e comunidades de peixes costeiros demersais.

Leopoldo Cavaleri Gerhardinger, Oceanógrafo pela Universidade do Vale do Itajaí. Mestre em Conservação pela University College London. Doutorando em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas. Integrante da ONG ECOMAR, e da Rede Meros do Brasil).

Luciana Pinheiro é etnobióloga. Atualmente busca compreender formas de devolutiva de resultados às comunidades estudadas, principalmente a partir da linguagem audiovisual.

Luciana Santos de Melo, é licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco e especialista em Oceanografia e Gestão de Ambientes Costeiros Tropicais, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Maíra Borgonha quis ser Oceanógrafa desde criança. Hoje, investiga, através de imagens e histórias de vida, o conhecimento sobre a ecologia dos povos do mar e seus peixes ao longo do litoral brasileiro.

Manuela Dreyer, Bióloga, Mestre em Ecologia e Conservação, responsável pelo programa de Educação Ambiental Biorregionalista dos projetos Cultimar e Puçá.

Marcelo Azeredo, Historiador. Integrante da banda “Casa de Orates”, flauta transversal e percussão, Balneário Camboriú, Santa Catarina.

Marcio José de Novaes é Oceanógrafo e Músico formado em violão pelo Conservatório de Música Popular de Itajaí. Integrante da Trupe Sonora Casa de Orates, Grupo Vocal Licor de Pitanga, Camerata de Violões de Itajaí e da Rede Meros do Brasil.

Marcos Venícius Domingos, Arranjador e Regente do Grupo Vocal Licor de Pitanga, Itajaí, Santa Catarina.

Maria das Graças Meirelles Correia é Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia, onde desenvolveu a pesquisa “Mestrança em questão: etnografia das tripulações de arrasto da comunidade de Baiacu”.

Mariana Galvão, Filósofa, Mestre em Educação, consultora pedagógica do Programa de EA Biorregionalista dos projetos Cultimar e Puçá.

Mauricio Hostim-Silva, Doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos. É professor da Universidade Federal do Espírito Santo e precursor do Projeto Meros do Brasil.

Mirella Cursino da Silva é licenciada em Ciências Biológicas pela UNIVALI. Leciona Ciências e Biologia para os ensinos fundamental e médio em Santa Catarina e também desenvolve projetos de educação ambiental junto a alunos, professores e comunidade.

Mirtes Cristiane Borgonha, Cientista Social e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como consultora em processo de identificação de terras indígenas (PNUD/FUNAI) e em licenciamentos ambientais.

Natalia Hanazaki, Ecóloga, Mestre e Doutora em Ecologia. Professora adjunta do Departamento de Ecologia e Zoologia da Universidade Federal de Santa Catarina, coordena o Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica.

Paulo Roberto de Castro Beckenkamp, Oceanólogo. Sócio Fundador e Diretor Presidente da Associação de Estudos Costeiros e Marinheiros (ECOMAR). Experiência em elaboração, coordenação e execução de projetos na zona costeira e marinha brasileira, bem como em fóruns e colegiados de meio ambiente, pesca e turismo.

Rafaello de Góes, Músico e escritor, bacharel em direito, cursa licenciatura em Música. Pesquisador da música e da cultura brasileira. Morador de Itajaí e Navegantes, duas cidades de atividade pesqueira intensa, com

o rio e o mar entre elas.

Renato Pereira, Artesão, morador da Ilha das Peças, Guaraqueçaba, Paraná, responsável pela coleta de lendas no litoral do Paraná e da Bahia.

Ricardo Corbetta, Biólogo, Mestre em Ciências Biológicas (Entomologia) pela Universidade Federal do Paraná. Professor da Universidade do Vale do Itajaí. Atua na pesquisa de macroinvertebrados bioindicadores e Crustacea Decapoda em cultivos de mariscos.

Ricardo Oliveira de Freitas, Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia.

Ricardo Pauletti, Músico. Professor de violão no Conservatório de Música Popular de Itajaí, Santa Catarina.

Rodrigo C. Gerhardinger, Oceanógrafo, Mestre em Agroecossistemas. Integrante da banda "Tarrafa Elétrica", Itajaí, Santa Catarina.

Rodrigo Pereira Medeiros, Oceanógrafo pela Universidade do Vale do Itajaí, Mestre em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas e Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente da Universidade do Vale do Itajaí.

Siara Bonatti é Cientista Social e desenvolve trabalhos com pescadores artesanais em Santa Catarina desde 2003. Também é cantora e estuda no Conservatório de Música Popular da Cidade de Itajaí.

Soraya Vanini Tupinambá, Engenheira de Pesca e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de

Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca, com ênfase em Engenharia de Pesca.

Thomaz Martino Tessler, Oceanógrafo. Baixista do Grupo Cultural Tarrafa Elétrica, divide suas paixões pelo mar e pela música, buscando unir os dois através de palavras de conservação e respeito ao ambiente que vivemos.

Valdely da Conceição Nascimento Monteiro (Leceu), Cantor e percussionista integrante do Grupo Umbandaum, Movimento Cultural Arte Manha.

Vicente Stanislaw Klonowski, Cruzou a costa brasileira entre os anos de 1988 a 1991. Vicente atualmente busca registrar o saber popular de náutica em "leituras da natureza" e planeja percursos com embarcações típicas brasileiras no projeto "Nas rotas do Sumé".

Vinicius José Giglio Fernandes, Biólogo pela Universidade Santa Cecília. Técnico do Projeto Meros do Brasil e responsável técnico do sub-projeto de foto identificação de Epinephelus itajara. Faz parte do corpo técnico da Associação de Estudos Costeiros e Marinheiros - ECOMAR.

Virgínia Bastos é Fisioterapeuta e integrante do Grupo Vocal Licor de Pitanga.

Wilson Mário Santana (Sumário Santana), Músico violonista e diretor do Viola de Bolso "Arte e Memória".

Yvonne Sadovy é professora da Universidade de Hong Kong (China) e coordenadora do grupo de especialistas em serranídeos (garoupas) e labrídeos da União Internacional para Conservação (IUCN).







PROGRAMA  
**PETROBRAS  
AMBIENTAL**

**BR** **PETROBRAS**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



ISBN 978-85-63631-00-8



9 788563 631008